



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

CAMILA FERREIRA DOS SANTOS

**ADORNOS PRÉ-HISTÓRICOS NO NORDESTE NO BRASIL:  
técnicas, usos e funções**



RECIFE

2020

CAMILA FERREIRA DOS SANTOS

**ADORNOS PRÉ-HISTÓRICOS NO NORDESTE DO BRASIL:  
técnicas, usos e funções**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

**Área de concentração:** Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr. Daniela Cisneiros

RECIFE

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

S237a Santos, Camila Ferreira dos.  
Adornos pré-históricos no Nordeste no Brasil: técnicas, usos e funções  
2020.  
165f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr. Daniela Cisneiros.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2020.  
Inclui referências e anexo.

1. Arqueologia. 2. Acessórios artísticos - Ornamentos. 3. Nordeste do  
Brasil. 4. Pré-Histórica. I. Cisneiros, Daniela (Orientadora). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2021-010)

CAMILA FERREIRA DOS SANTOS

**ADORNOS PRÉ-HISTÓRICOS NO NORDESTE DO BRASIL:  
técnicas, usos e funções**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovada em: 15/05/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Daniela Cisneiros (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Jaciara Andrade Silva (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Vale do São Francisco

A minha vó Tereza (*In memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

A meus pais e minha irmã, pela compreensão com relação às ausências e ao apoio incondicional. Vocês são a minha base.

A Tiala, pelo amor e pelo apoio para que eu fizesse esse mestrado, por segurar as pontas esses dois longos anos, por ler meus textos, mesmo estando cansada do trabalho.

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr. Daniela, que me apresentou ao mundo dos adornos, pelo incentivo à pesquisa, disponibilidade e empenho para a realização do trabalho. Por ser um exemplo de profissional e de pessoa a ser seguido.

Ao Prof. Dr. Sérgio e à Prof.<sup>a</sup> Dr. Jaciara, pelas ótimas considerações durante o exame de qualificação e por continuarem me auxiliando nas dúvidas que surgiram.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por financiar essa pesquisa, através de bolsa de estudos durante dois anos.

Aos meus amigos queridos, responsáveis por momentos lúdicos tão essenciais para minha saúde mental, divididos por cidades. Amigos de Recife: Rebeka, Jamerson, Lucio, Lucas, Alexandre, Gisele, Aliane, Dimas, Nathalia. Meus amigos de São Raimundo Nonato: Itelmar, Carol, Marta, Eliz, Irisneide, Rebeca, e meus amigos queridos do Maracatu Ógun Onilê: Nathalia, Eygla, Hagi, Elaine, Rodrigo, Milena, Andrews, João, Renan, Emerson, Nairam, Pedro. Desculpem-me pelas ausências!

Aos amigos de turma: Michelle, Kássia, Leandro, André, Priscila, Celyne e Anderson. Ao lado de vocês, dividi experiências de campo e discussões científicas maravilhosas e divertidas.

A Adolfo, por me ajudar com os mapas e com as dicas fotográficas.

Às arqueólogas e amigas da Reserva técnica da UFPE, Aliane, Ilca e Carol Sá, que, desde o primeiro período da graduação, vêm nos ensinando o ofício da Arqueologia. Durante o mestrado, um agradecimento especial a Carol Sá, que me ajudou em dias úteis e em horários

pertinentes ou não na identificação do material a ser analisado e documentos necessários para a pesquisa. Obrigada, meninas, pela amizade além da UFPE.

Ao professor e amigo Carlos Rios, presente desde a graduação, confraternizando em momentos leves e descontraídos, como também propondo sugestões metodológicas e de organização quando necessário.

A todos os professores, membros e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - PARQ. Em especial, ao Prof. Demétrio, que ajudou a esclarecer meu projeto de mestrado, e à Profa. Viviane, com as aulas de gênero/terapia, obrigada pela sua amizade e por suas aulas que me abrem para o mundo.

A Luciane Borba, por sempre se disponibilizar a resolver os problemas burocráticos dos alunos da pós-graduação.

A Nelson, por sempre me fazer sorrir e conseguir deixar tudo mais leve em 15min de conversa rápida no corredor.

A todos os funcionários da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), que contribuíram de tantas formas possíveis para a conclusão dessa dissertação. Em especial, a Iranilde, pela disponibilização do acervo imagético; a Itamácia, pela ajuda no laboratório de vestígios orgânicos; a Tânia, Shirlene e Anelise, por sempre estarem dispostas a me auxiliar em qualquer momento, e a Fernanda, pelo suporte em tudo que precisei.

A todos os funcionários do Museu de Arqueologia de Xingó, em especial a Elaine, Paulo e Edimarques, que me hospedaram nas instalações do Museu e ainda foram extremamente solícitos.

A todos os funcionários, professores e estagiários do Museu de Arqueologia da Católica. Em especial, a Profa. Roberta, Prof. Sergio, Rebecka, Julia, Will e Daniel, que me receberam da melhor forma possível. Nossa relação se transformou numa amizade que eu vou guardar para sempre.

*Se olharmos “através do olho” da conta para o comércio e as andanças da humanidade, nosso olhar é lançado para longe no mundo e no tempo, para o amanhecer da evolução cultural. Conta pequena, grandes consequências.*

*Loan Oei*

## RESUMO

Os adornos são objetos associados a aspectos artísticos e simbólicos. Além disso, são de grande importância, capazes de criar elos de identidade, especialmente quando um indivíduo identifica no outro os mesmos ornamentos. Eles são capazes, também, de distinguir os indivíduos quanto a sua idade, *status*, dentre outros. Na arqueologia, o enterramento pré-histórico com presença de adornos, pode possibilitar interpretações de ordem contextual, indicando a que indivíduo estavam relacionados. Apesar do largo uso desse tipo de cultura material, sua contextualização arqueológica ainda é incipiente, isso se deve, muitas vezes, à dificuldade de conservação de algumas matérias-primas. Nesse âmbito, o principal objetivo da pesquisa foi a realização de uma caracterização dos adornos, investigando as técnicas, usos e funções utilizadas, como também a identificação ou diagnóstico da capacidade de simbolização nos indivíduos adornados, através dos dados demográficos sexo e idade, em 10 sítios arqueológicos localizados no Nordeste do Brasil. Para a análise dos adornos, foram estabelecidas as seguintes variáveis: matéria-prima, tipo de adorno, aspectos tafonômicos, dimensões e preparação da superfície; além das variáveis concernentes ao contexto ambiental do sítio, contextos arqueológicos, cronológicos e biológicos dos enterramentos. A partir dos dados analisados, foi possível inferir que sítios com datações recuadas (cerca de 8.000 e 7.000 anos BP), possuem, com maior frequência, adornos elaborados a partir ossos, dentes e material malacológico. Por volta dos 6.000 anos BP., observa-se, porém, uma maior variedade de matérias-primas em sua produção, com a inclusão de diversas espécies de sementes e o uso de madeira como ornamentação. Quando comparados à adornos cujas matérias-primas constituem-se de minerais e rochas, eles surgem em pequenas quantidades, por volta dos 8.000 anos BP, e depois voltam a aparecer entre 2.000 e 1.000 anos BP. Assim, pode ser levantada a hipótese de que a fabricação dos adornos em que a materialidade precise ser trabalhada sob maior gasto energético, possivelmente, esteja destinada a uma parcela menor de indivíduos dentro do grupo, por isso não é vista com recorrência. Sobre a capacidade de simbolização, possivelmente, em contexto funerário, os adornos trabalhados durante a pesquisa não apresentem em uma primeira observação, uma exclusividade para um ou outro sexo biológico, existindo dessa forma indicadores invisíveis.

**Palavras-chave:** Adornos corporais. Nordeste. Pré-História.

## ABSTRACT

The decorations are objects related to artistic and symbolic aspects. Besides this, they are very important and able to create identity bonds, especially when a person can identify on the other one, the same ornaments. They are also able to distinguish people on features such as age, *status*, among others. In archeology, prehistoric funeral with the presence of ornaments, may enable interpretations of a contextual nature, indicating to which individual they were related. In spite of the wide use of this kind of material culture, its archeological contextualization is still incipient, very often this is due to the challenge in preserving some raw materials. In this context, the main objective of the research was to characterize the ornaments, investigating the techniques, uses and functions used, as well as the identification or diagnosis of the symbolization capacity in the adorned people, through the demographic data sex and age, in 10 archaeological sites located in the Northeast of Brazil. For the analysis of the ornaments, the following variables were established: raw material, type of ornament, taphonomic aspects, dimensions and surface preparation; in addition to the variables concerning the environmental context of the site, archaeological, chronological and biological contexts of the funerals. From the data analyzed, it was possible to infer that sites with early dating (about 8.000 and 7.000 years BP), have, more often, ornaments made from bones, teeth and malacological material. Around 6.000 years BP, however, a greater variety of raw materials is observed in its production, with the inclusion of several species of seeds and the use of wood as ornamentation. When compared to ornaments, whose raw materials consist of minerals and rocks, they appear in small quantities, around 8.000 years BP, and then appear again between 2.000 and 1.000 years BP. Thus, it can hypothesize that the manufacturing of ornaments in which the materiality needs to be worked under greater energy expenditure, possibly, is destined for a smaller part of people within the group, so it is not seen with recurrence. About the capacity of symbolization, possibly, in a funerary context, the ornaments worked during the research do not present, in a first observation, an exclusivity for one or another biological sex, thus existing invisible indicators.

**Keywords:** Physical Ornaments. Northeast. Prehistory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Ritual de iniciação masculina dos Kayapó-Xikrin. ....	23
Figura 2 - Colar Brush. Produzido através da técnica de <i>Upcycling</i> .....	25
Figura 3 - Mulheres usando Turbantes. ....	26
Figura 4 - Cerimônia de Casamento Maasäi. ....	27
Figura 5 - Características morfológicas de dois tembetás.....	29
Figura 6 - Índios Botocudos com adornos labiais e perfurações no lóbulo inferior da orelha.....	31
Figura 7 - Máscara da festa de nominação feminina dos Kayapó-Xikrin. ....	32
Figura 8 - Índio Matis com ornamentos corporais na Amazônia. ....	33
Figura 9 - Cocar Pataxó feito de taboa ( <i>Typha domingensis</i> ). Jogos Pataxó de Coroa vermelha, em abril de 2010. ....	35
Figura 10 - Jovens yámana/yagán usando colares de contas. ....	36
Figura 11 - Obra de arte do período Renascentista - Retrato de Sibylla Von Freyberg, com detalhe para as joias e a esquerda anel de ouro com esmalte e pérolas, século XVI.....	37
Figura 12 - Malha de contas de faiança e amuletos do Deus da Morte, Horus, 664 anos BP. ....	39
Figura 13 - Joias em Ouro e minerais da Rainha Pu-Abi, da Suméria. ....	39
Figura 14 - Urna com bordas suprimidas e algumas das 17.000 contas verificadas dentro da urna. ....	45
Figura 15 - Índio bororo usando narigueira e uma série de grampos emplumados enfiados no coque. ....	49
Figura 16 - Fluxograma do ciclo dos objetos até a formação do registro arqueológico. ....	51
Figura 17 – Exemplo de como foram obtidas as medidas nas variadas matérias-primas.....	67
Figura 18- Exemplo de como foram obtidas as medidas nos malacológicos. Pingente de concha do Sítio Jerimum.....	68
Figura 19 – Exemplo de como foram observados os locais de perfuração .....	70
Figura 20 - Localização dos sítios selecionados para a pesquisa .....	75
Figura 21- Área Arqueológica do Vale do Ipanema com a localização dos Sítios Alcobaça e Cemitério dos Caboclos.....	77
Figura 22 – Vista geral do Sítio Alcobaça.....	78
Figura 23 – Área Arqueológica do Vale do Ipojuca com a localização do Sítio Furna do Estrago.....	83
Figura 24 – Vista do abrigo Furna do Estrago.....	84
Figura 25 – Área Arqueológica de Itaparica com a localização do Sítio Gruta do Padre .....	89
Figura 26 – Vista do Sítio Gruta do Padre durante o salvamento em 1980 .....	90
Figura 27 - Área Arqueológica do Seridó com a localização dos Sítios Mirador de Parelhas e Pedra do Alexandre .....	93
Figura 28 – Vista do Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN.....	94
Figura 29 – Vista do Sítio Mirador de Parelhas, Parelhas, RN .....	96

Figura 30 - Área Arqueológica da Serra da Capivara com a localização dos Sítios Toca do Enoque e Toca do Alto do Capim.....	99
Figura 31 – Vista do Sítio Toca do Enoque, Serra das Confusões, PI .....	100
Figura 32 – Vista da fachada do Sítio Toca do Alto do Capim, Serra das Confusões, PI.....	103
Figura 33 – Estruturas convexas forradas com capim, observadas durante a escavação do Sítio .....	104
Figura 34 – Área Arqueológica de Xingó com a localização dos Sítios Justino e Jerimum.....	107
Figura 35 – Vista geral do Sítio Justino.....	108
Figura 36 – Distribuição dos adornos identificados nos sítios arqueológicos .....	115
Figura 37 – Temperatura e cor dos ossos observados após a queima .....	116
Figura 38 – Contas de ossos do Sítio Gruta do Padre .....	117
Figura 39 - Distribuição cronológica dos adornos de acordo com a datação dos sítios arqueológicos selecionados.....	118
Figura 40 – Relação dos indivíduos adornados em função das classes de idade.....	120
Figura 41 – Relação dos indivíduos adornados a partir da variável sexo.....	121
Figura 42 – Relação dos tipos de enterramentos com o estado de conservação dos adornos .....	122
Figura 43 - Pingente de ossos de cervídeo com quebras, fraturas e fissuras transversais, identificado no Sítio Pedra do Alexandre .....	123
Figura 44 -Conta óssea esbranquiçada com fraturas e quebra, possivelmente decorrente da ação de queima, identificada no Sítio Furna do Estrago .....	124
Figura 45 - Colar de dentes de raposa ( <i>Cerdocyon thous</i> ) associado ao indivíduo infantil. Sítio Toca do Enoque (à esquerda) .....	125
Figura 46 -Colar de dentes de onça pintada ( <i>Panthera onça</i> ), onça vermelha ( <i>Felis concolor</i> ) e Jaguaritica ( <i>Felis pardalis</i> ) associado a um Recém-nascido no Sítio Toca do Enoque. ....	125
Figura 47 – Relação das matérias-primas dos adornos .....	126
Figura 48 – Relação das matérias-primas dos adornos .....	126
Figura 49- Detalhe do enterramento 6, com presença de conchas de gastrópodes terrestres associadas ao mobiliário fúnebre .....	127
Figura 50 – Contas de sementes associadas a enterramentos no Sítio Furna do Estrago .....	127
Figura 51 - Contas de semente e fibras associadas ao indivíduo infantil no Sítio Toca do Alto do Capim .....	128
Figura 52 – Pingentes de ossos de cervídeo identificados no Sítio Justino.....	129
Figura 53 – Adorno de malacológico com tipologia não identificada no Sítio Justino .....	129
Figura 54 – Braclete de malacológico identificado em um enterramento infantil no Sítio Justino ...	130
Figura 55 – Tembetás associados aos indivíduos do Sítio Justino. ....	131
Figura 56– Técnicas de conformação analisadas para as variadas matérias-primas .....	132
Figura 57 – Conta de mineral com identificação da técnica de facetamento, Sítio Pedra do Alexandre .....	133

Figura 58 - Pingente feito de esterno de animal no qual é apresentada a perfuração intencional com orifício de morfologia cônica, Sítio Alcobaça (à esquerda). .....	134
Figura 59 - Contas de colar de osso longo com perfuração não intencional e morfologia irregular própria do osso, Sítio Justino (à direita). .....	134
Figura 60 -Pingentes de osso de cervídeo associados ao enterramento infantil no Sítio Mirador de Parelhas .....	134
Figura 61 – Conta de colar com inscrição de linhas horizontais, Sítio Furna do Estrago .....	135
Figura 62 – Contas de colar com motivos decorativos, Sítio Furna do Estrago .....	136
Figura 63 -Enterramento 8 do Sítio Pedra do Alexandre com presença em vermelho de contas de colar representando um adorno de pescoço .....	137
Figura 64 – Enterramento 87.3 com indicação das contas de ossos na lateral da foto .....	138
Figura 65 -Dentes de roedores e de felino identificado no tórax de um enterramento infantil no Sítio Toca do Alto do Capim.....	139
Figura 66 – Localização dos adornos no tórax do Sítio Toca do Alto do Capim .....	139
Figura 67 -Detalhe da localização dos adornos na região do pescoço no indivíduo 2, Toca do Enoque (à esquerda) .....	140
Figura 68 - Localização dos adornos na região do pescoço do indivíduo 9, Toca do Enoque (à direita) .....	140
Figura 69 – Situação dos adornos nos indivíduos 4 e 5, Toca do Enoque .....	141
Figura 70 – Situação dos adornos nos indivíduos 6 e 10, Toca do Enoque .....	141

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquema das variáveis para o estudo dos sítios .....	60
Quadro 2 – Esquema das variáveis para a caracterização das práticas funerárias dos sítios .....	62
Quadro 3 – Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais .....	64
Quadro 4 - Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais: etapa da identificação da peça .....	65
Quadro 5 -Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais – etapa da descrição da peça.....	65
Quadro 6 -Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais: etapa dos aspectos tecnológicos e morfológicos.....	69
Quadro 7 - Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais: etapa dos aspectos tafonômicos.....	72

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os sítios arqueológicos estudados e seus locais de guarda dos acervos .....	59
Tabela 2 – Datações das áreas escavadas do Sítio Alcobaça .....	79
Tabela 3 – Dados dos enterramentos do Sítio Alcobaça.....	80
Tabela 4 – Dados dos enterramentos do Sítio Alcobaça.....	80
Tabela 5 – Distribuição das sepulturas do Sítio Furna do Estrago.....	86
Tabela 6 -Dados sobre os tipos, quantidade de indivíduos, sexo, idade e datação dos enterramentos escavados no Sítio Pedra do Alexandre .....	95
Tabela 7- Dados sobre o tratamento destinado ao corpo, presença de adornos e acompanhamentos funerários dos enterramentos escavados no Sítio Pedra do Alexandre .....	95
Tabela 8 – Indicação das sepulturas, sexo, idade e datação dos esqueletos .....	101
Tabela 9 – Dados referentes ao indivíduo inumado no Sítio Toca do Capim .....	104
Tabela 10 – Datações e fases de ocupação do Sítio Justino .....	109
Tabela 11 – Dados dos enterramentos nos quais foram verificados adornos no Sítio Justino, Xingó, SE .....	111
Tabela 12 – Dados publicados por Castro (2009) e Carvalho e Oliveira (2002).....	113
Tabela 13 – Tipos e datações dos sítios trabalhados durante a pesquisa.....	117

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
2.	<b>ADORNOS PESSOAIS E SUAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS NA ARQUEOLOGIA</b> .....	21
2.1.	Conceitos aplicados aos adornos .....	21
2.2.	Os adornos corporais através dos tempos .....	24
2.2.1	A Pré-História e o surgimento dos primeiros adornos corporais.....	41
2.3.	Considerações teóricas sobre os adornos na arqueologia.....	46
3.	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	55
3.1.	Problema, hipótese e objetivos da pesquisa .....	55
3.2.	Coleta e tratamento dos dados .....	58
3.3.	Sistematização e operacionalização das variáveis .....	60
4.	<b>ADORNOS PRÉ-HISTÓRICOS NAS ÁREAS ARQUEOLÓGICAS DO NORDESTE DO BRASIL: CONTEXTO E CRONOLOGIA</b> .....	74
4.1.	Descrição e sistematização dos adornos nas Áreas Arqueológicas .....	74
4.1.1	Área Arqueológica do Vale do Ipanema.....	75
4.1.2	Área Arqueológica do Vale do Ipojuca .....	81
4.1.3	Área Arqueológica de Itaparica .....	87
4.1.4	Área Arqueológica do Seridó .....	91
4.1.5	Área Arqueológica da Serra da Capivara.....	97
4.1.6	Área Arqueológica de Xingó.....	105
5.	<b>CARACTERIZAÇÃO DOS ADORNOS CORPORAIS PRÉ-HISTÓRICOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	115
5.1.	Análise do contexto dos sítios .....	115
5.2.	Análise do contexto funerário.....	119
5.3.	Análise dos adornos corporais .....	124
6.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	142
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	145
	<b>ANEXO A – TABELA COM DADOS SOBRE SEXO, IDADE, NÍVEL ESTRATIGRÁFICO E DATAÇÃO DOS INDIVÍDUOS EXUMADOS NO SÍTIO FURNA DO ESTRAGO</b> .....	159
	<b>ANEXO B – TABELA COM DADOS SOBRE TIPO DE ENTERRAMENTO, ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS E ENTRE ELES OS ADORNOS E AS</b>	

<b>ESTRUTURAS FUNERÁRIAS QUE ESTAVAM ASSOCIADAS AO SÍTIO</b>	
<b>TOCA DO ENOQUE .....</b>	<b>162</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O início da consciência simbólica dos *Homo sapiens* é um dos assuntos mais debatidos atualmente. Dentre os modelos propostos para elucidar tal questão, podem ser observadas as práticas rituais de enterrar os mortos, a arte rupestre e a presença de adornos corporais, considerados como fundamentais e indícios inequívocos desse conhecimento simbólico (LAGROU, 2016; FERNÁNDEZ, 2006).

Até o momento, os dados mais antigos que registram a presença de adornos são da Caverna Bomblos, na África do Sul, onde foram identificados um conjunto de gastrópodes perfurados, com cronologia por volta dos 73.000 anos BP (D'ERRICO *et al*, 2005). Atualmente a Arqueologia no Brasil registra presença desses artefatos desde o Pleistoceno até os dias atuais, em diferentes espaços e contextos sociais.

O estudo dos adornos corporais nos grupos pré-históricos sobre diferentes matérias-primas, forma parte de uma investigação arqueológica que se encontra em ascensão, atualmente. Já é possível observar pesquisas sobre ornamentos corporais em arqueologia dedicados exclusivamente para essa temática, mesmo que de forma incipiente.

Os adornos são pesquisados de forma mais frequente, dentro da Arqueologia Pré-histórica, em contextos funerários e pictóricos. Em contexto funerário, os adornos corporais podem ser lidos pelo viés teórico-metodológico da Arqueologia Funerária que foi uma das primeiras a se interessar por esses vestígios, a partir da reconstrução das práticas funerárias.

Os adornos corporais são temas de pesquisa na arqueologia, como também nas artes étnicas e na antropologia, em diversas regiões do mundo, tal qual na África, Europa e na América do Norte, mas poucos são os trabalhos na América do Sul.

No Brasil e mais especificamente na região Nordeste são verificados, com recorrência, sítios pré-históricos com adornos corporais identificados em contextos funerários que possibilitam dessa forma, interpretações de ordem contextual, indicando a que usos se destinavam e com quais indivíduos estavam relacionados.

É nesse contexto que o presente trabalho, tem por objetivo caracterizar os adornos pré-históricos identificados em sítios arqueológicos no Nordeste do Brasil, através das técnicas, usos e funções destinadas a esses artefatos e, diagnosticar a capacidade de simbolização dos adornos nos indivíduos. Para alcançar o objetivo proposto, foram elencados os seguintes objetivos específicos: 1) Estimar, por meio dos dados demográficos (sexo e idade) se é possível observar distinções sociais dos indivíduos adornados; 2) Estimar a variabilidade dos adornos

no tempo; 3) Elaborar uma classificação tipológica dos ornamentos; 4) Definir os processos técnicos implicados na feitura dos adornos e as matérias-primas utilizadas.

Os sítios trabalhados nessa dissertação foram selecionados mediante uma pesquisa preliminar sobre as evidências de adornos nas áreas arqueológicas do Nordeste do Brasil. Martin (2008) conceitua as Áreas Arqueológicas como um espaço dotado de um número expressivo de ocupações históricas e pré-históricas que compartilhem das mesmas condições ecológicas. Essa pesquisa apontou para 10 sítios arqueológicos distribuídos nas áreas de Xingó, Seridó, Serra da Capivara e Agreste Pernambucano.

Os acompanhamentos funerários, dentre eles os adornos corporais depositados com os mortos, podem ser indicativos de diferenças entre sexo, idade, prestígio social e *status* adquirido durante a vida (BALDUS, 1937; NOVAES, 2006; RIBEIRO, 1987; VIDAL, 2000), atribuídos de forma hereditária ou ainda devido ao contexto de morte em sociedades igualitárias (REFRENN; BANH, 2007). Podem além disso, representar identidade, riqueza e proteção contra doenças, através da reza, as contas podem estabelecer relação com o mundo invisível e proteger o usuário (LAGROU, 2016, p. 28).

Partindo da premissa postulada acima, a presente pesquisa visa responder duas problemáticas. A primeira, direcionada a trabalhar com as materialidades sob aspectos técnicos e funcionais, busca identificar quais as variabilidades morfo-tipológicas dos adornos. A segunda pergunta entende os adornos como objetos ligados à identidade e questiona se os adornos são representantes de distinções sociais vinculadas aos elementos do perfil biológico - sexo e idade.

Para fundamentar o trabalho, foram utilizadas fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias diretas, que se constituem pelos adornos corporais coletados em campo e armazenados nos laboratórios e reservas técnicas; fontes primárias indiretas, que representam os desenhos, croquis, fotografias e relatórios utilizados para compreender onde e como estavam situados os adornos nos indivíduos sepultados. As fontes secundárias constituídas pelas publicações existentes sobre os dez sítios estudados, bem como por publicações referentes ao estudo dos adornos corporais principalmente, mas não exclusivamente na região Nordeste.

Para o alcance do objetivo proposto, a metodologia empregada foi a criação de um protocolo em uma planilha de dados, contendo variáveis que demonstrassem o reconhecimento do sítio arqueológico; posteriormente, variáveis culturais e biológicas sobre os indivíduos adornados identificados em contexto funerário, e, por fim, descritores para caracterizar os adornos, tais como: número de etiqueta da peça ou número de tombo, informações sobre a

matéria-prima, dimensões, técnicas de preparação da superfície, aspectos tafonômicos, entre outros.

A caracterização dos sítios arqueológicos tem por objetivo fornecer informações gerais sobre o espaço geográfico no qual estão inseridos. Já as variáveis biológicas, sexo e idade (dados obtidos a partir de pesquisas já previamente finalizadas e publicadas) são pontos de divisão dentro de qualquer estrutura social e os norteadores na elucidação da problemática da pesquisa.

Os adornos selecionados estão inseridos em contextos funerários por serem fontes de informação contextual por excelência. No entanto, alguns dos sítios arqueológicos selecionados estão perturbados, por fatores diversos, e/ou os indivíduos encontram-se em enterramentos coletivos, se tornando difícil a correlação com os adornos correspondentes.

Nos sítios onde existe essa correlação, além da caracterização da técnica, morfologia e aspectos tafonômicos, também foram realizadas interpretações contextuais de uso e função.

Para o delineamento e explicitação do objeto de estudo, o trabalho foi dividido em cinco capítulos.

O primeiro capítulo corresponde à parte introdutória onde foi apresentada, o contexto da pesquisa, a síntese do problema, os objetivos, a metodologia utilizada e a estrutura geral da pesquisa.

No segundo capítulo, são expostas as considerações teóricas que permearam o tema. As considerações teóricas foram subdivididas em quatro tópicos: o primeiro discorre sobre os conceitos dados aos adornos e como eles variaram até hoje; o segundo tópico trata da historiografia dos adornos, mostrando como se deram as mudanças de fabricação, seus usos e funções ao longo do tempo para os diversos grupos; o terceiro tópico localiza os adornos na pré-história, mostrando seus antecedentes; por fim, o último tópico apresenta um breve histórico do estudo dos adornos dentro das correntes teóricas da arqueologia pré-histórica.

No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos, divididos em três tópicos, de modo que o primeiro trata da exposição do problema, hipótese e objetivo trabalhados, seguido pelo segundo, que aponta para a forma como foram coletados os dados, e o terceiro, que contém a sistematização e operacionalização das variáveis escolhidas.

O quarto capítulo foi dividido em Áreas Arqueológicas e aborda o histórico das pesquisas, apresentando seus contextos ambientais e a cronologia dos sítios pré-históricos com presença de adornos.

No quinto capítulo, são apresentadas as caracterizações realizadas nos adornos corporais, com os resultados obtidos após o uso de forma ordenada e sistemática da metodologia

proposta, utilizando os dados etnográficos para propor possibilidades de interpretação no que tange à função social dos adornos.

Por fim, no capítulo seis, são apresentadas considerações sobre os resultados alcançados, como também as limitações e as perspectivas para trabalhos futuros dentro dessa temática.

## 2. ADORNOS PESSOAIS E SUAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS NA ARQUEOLOGIA

Neste capítulo, será abordada a historiografia dos adornos corporais no momento atual, século XXI, e no período pré-histórico, apresentando as mudanças na fabricação desses ornamentos ao longo do tempo, seus usos e funções para grupos distintos em diversos momentos da história. Também serão apresentadas as correntes teóricas arqueológicas e como cada corrente abordou o estudo dos adornos corporais.

### 2.1. Conceitos aplicados aos adornos

O ato de se adornar pode atender a uma necessidade humana relacionada a aspectos estéticos e simbólicos. Os adornos são, provavelmente, um dos mais antigos objetos produzidos. Segundo Rocha *et al.* (2015), no conceito tradicional, os adornos podem ser percebidos como objetos que embelezam, enfeitam o corpo e possuem como sinônimos os atavios, artefatos e ornamentos. Entre seus tipos, temos as tatuagens, pinturas corporais, adereços, joias, bijuterias, dentre outros.

A presença deles tem sido testemunho importante da existência de redes de troca entre África, Europa e o Oriente (LAGROU, 2016). Em *The History of Beads*, Dubin (1987) apresenta uma cronologia das contas e alguns mapas que mostram como as contas interligaram o mundo. Assim, os adornos, por serem objetos fáceis de transportar e atrativos no campo da decoração pessoal, possuem um elo grande com as relações comerciais e são ótimos para demonstrar as relações entre as pessoas, como cita Graeber (2001):

Muitas das coisas que foram adotadas como moedas de troca em diferentes partes do mundo foram utilizadas primeiramente, ou exclusivamente como ornamentos. Ouro e prata são os exemplos mais óbvios, mas também podem ser citados búzios e conchas *spondylus* na África, Nova Guiné e nas Américas, moedas de plumas ou qualquer outro tipo de “moeda” (GRAEBER, 2001, p. 192).

Os adornos podem ser considerados elementos criados para o uso corporal e concebidos como forma de linguagem, surgindo em consequência do desenvolvimento comportamental e simbólico das primeiras populações do gênero *Homo*, são testemunhos da revolução artística ou o “Big Bang da mente” (OEI, 2006).

Entendidos como forma de linguagem, pode-se considerar os adornos, também, como produtos socioculturais que se materializam e se atualizam ao longo dos tempos. Castilho (2006) relata que independentemente da função dada aos adornos – seja estética, de magia, indumentária ou proteção –, eles são entendidos como um dos primeiros anseios e utilizados como formas de expressão e de comunicação.

Conforme Mayor e Benito (2006), os adornos são elementos que se encontram no domínio da aparência, destinados a serem levados sobre o corpo, presos nos cabelos ou costurados nas roupas. Ademais, Miguel (1993) comenta que tanto a vestimenta quanto os adornos pessoais unem funções utilitárias e simbólicas em ocasiões distintas, nos permitindo identificar particularidades do indivíduo, de acordo com o código de significados da sociedade da qual faz parte.

Os adornos corporais, mesmo parecidos morfologicamente, apresentam interpretações variadas, se convertendo em símbolos desde que os grupos humanos necessitaram de linguagens emblemáticas e se tornando reflexos dos gostos de uma sociedade em um determinado momento (BARGE, 1982 *apud* MAYOR; BENITO, 2006).

Segundo Farbiarz *et al.* (2006), os adornos corporais podem ser entendidos como vocabulário, estoque de signos conhecidos e utilizados por um indivíduo. Além do conhecimento técnico, os adornos carregam valores estéticos, éticos, filosóficos, políticos e ideológicos do indivíduo, do grupo e da classe social.

A compreensão de elementos do mundo real ou imaginário de muitos grupos sociais se dá através de recursos como a linguagem, o gesto e as representações gráficas, entendidos como formas de comunicação. Essas representações gráficas podem ser transmitidas em painéis rupestres, adornos, pinturas corporais e/ou faciais, dentre outras.

No ciclo do Kwarip (rito funerário) cabe aos enfeites, acessórios e pinturas corporais manifestar as diferenças de status dos participantes no âmbito do cerimonial, como membros dos grupos”. Referência aos Alto-Xinguanos (RIBEIRO, 1987, p. 22).

De acordo com Vidal (2000), os Kayapó-Xikrin (Figura 1), os Asurini, os Wayana-Aparaí e os Waiápi possuem um sistema de comunicação: a arte gráfica e a ornamentação corporal, que estão intimamente estruturados, marcando *status* específicos e eventos sociais. Os povos não apenas criam a sua cultura material e artes, mas também se apegam a elas e constroem suas relações a partir delas.

Figura 1- Ritual de iniciação masculina dos Kayapó-Xikrin.



Fonte: Vidal (2000)

Vidal e Müller (1987), na *Suma Etnológica*, ressaltam que o corpo humano é retratado como ferramenta social, como um suporte de atributos corporais. Estudos etnográficos demonstram que a representação visual do corpo manifesta a concepção tribal da pessoa.

O corpo afirmado ou negado, pintado ou perfurado, resguardado ou devorado, tende sempre a ocupar uma posição central na visão que as sociedades têm da natureza do ser humano (SEEGER *et al.*, 1979, p. 4).

Algumas tentativas de classificar os objetos oriundos dessa prática foram realizadas. Entre elas, destaca-se a de Fernández e Ramos (2007), que classificam os adornos como artefatos destinados ao arranjo pessoal, cuja confecção e origem podem ser de dois tipos: i) artesanal – adornos realizados com tecnologias tradicionais indígenas sobre matéria-prima alóctone (que não é natural do local) e autóctone (matéria-prima presente no local) – e ii) industrial – os que são fabricados e introduzidos pela sociedade nacional.

As miçangas ou contas possuem significados e associações específicas dependendo da sociedade à qual pertencem. Para os Kaxinawa, a palavra para miçanga é *Mane* e significa “coisas imperecíveis”; para os egípcios, é *sha-sha* – a sílaba *sha* significa “sorte”. O uso das contas e dos adornos, de modo geral, atestam identidades, riquezas, conhecimento ou proteção contra doenças (OEI, 2006).

A definição de conta, no que se refere à tecnologia humana, de acordo com Prous (2009) considera-a um objeto geralmente de tamanho pequeno, que apresenta largura superior

ou igual à altura e uma perfuração central, normalmente única. No entanto, essa definição é relativa se levado em consideração o tipo de matéria-prima utilizada para a confecção das contas. No sítio Justino por exemplo, são percebidas algumas contas feitas de ossos que possuem altura maior que a largura, bem como algumas contas de vidro, do mesmo sítio arqueológico que possuem configuração morfológica similar, não atendendo completamente a definição proposta por Prous (2009).

Nesse trabalho, será utilizado como classificação o termo “adorno” para representar os ornamentos corporais utilizados pelos grupos humanos durante o período pré-histórico e dentro das comunidades tradicionais.

## **2.2. Os adornos corporais através dos tempos**

Durante o início do século XXI, o uso dos adornos, segundo Codina (2000), se divide em duas tendências distintas: por um lado, os adornos (joias)<sup>1</sup> associados a artigos de luxo, com materiais preciosos representando *status*, posses e ligados às tendências da moda; por outro lado, os adornos (joias) fabricadas de modo mais sustentável, tendo uma preocupação com o meio ambiente e o conforto que permite experimentação de novas matérias-primas (Figura 2) e expressão de valores simbólicos, inclusive espirituais.

---

<sup>1</sup> Objetos feitos de materiais raros. Em geral, são metais nobres e/ou rochas preciosas e possuem alto rigor e qualidade técnica, sendo produtos de elevado conteúdo estético, autêntico, durável e, muitas vezes, de alto valor econômico (STRALIOTTO, 2009).

Figura 2 – Colar Brush. Produzido através da técnica de *Upcycling*<sup>2</sup>



Fonte: <https://www.azulerde.com.br/todos-os-produtos?Cole%C3%A7%C3%A3o=AL%C3%81FIA>. Acesso em novembro de 2019

A ornamentação corporal, atualmente, não possui apenas papel estético e de distinguir as pessoas economicamente do ponto de vista social. Observa-se uma explosão de estilos, uma tendência à libertação das imposições, debates sociais e mobilizações políticas, como, por exemplo, o uso dos Turbantes, lidos por alguns grupos como “coroas das mulheres negras” (SILVA R., 2017).

O Turbante é uma indumentária herdada culturalmente, usada nas religiões de matrizes africanas como proteção do *Ori* (cabeça, em Yoruba), representando hierarquias em sistemas religiosos (SILVA R., 2017).

O Turbante está além de um adorno de cabeça com fins estéticos. Para Silva R. (2017), os Turbantes envolvem resistência física e psicológica. O uso desses símbolos culturais são de extrema importância para o reconhecimento da identidade negra e para o resgate cultural da ancestralidade (Figura 3). Em alguns locais, inclusive, o Turbante tem funções como proteger do sol e do calor.

---

<sup>2</sup> A técnica de *Upcycling* consiste no reaproveitamento de objetos e materiais para criar novos itens, muitas vezes em funções diferentes, sem alterar as principais características do objeto original.

Figura 3 - Mulheres usando Turbantes.



Fonte: Silva R. (2017).

As contas de colar, bem como os Turbantes, são testemunhos concretos da representação simbólica dos terreiros de candomblé, podendo indicar os santos, papéis sociais, rituais de passagem e sinalizar a vida religiosa e social no terreiro (TAVARES, 2006).

O uso de contas de colar para fins religiosos também é uma prática comum. Nos cultos africanos, as diferentes divindades são representadas por diferentes objetos, assim como por contas de cores e formatos distintos. De acordo com Verger (1997), a utilização das contas tem uma relação direta entre o iniciado ou iniciada na religião e o orixá. As contas possuem um significado espiritual pessoal.

O fio de contas é emblema social e religioso que marca um compromisso étnico e cultural entre o homem e o santo. É um objeto de uso cotidiano, público situando o indivíduo na sociedade do terreiro (LODY, 2001, p. 59-60).

Na África Oriental, entre outros tantos povos, pode-se citar os Massai que são um grupo de pastores que vivem entre as fronteiras do Quênia e da Tanzânia. São conhecidos pela sua abundante decoração de adornos coloridos de miçangas (Figura 4). Segundos os critérios africanos, os povos pastores são os que mais se decoram com incisões, pinturas e adornos

corporais. Os ornamentos corporais na África tendem a representar antes de tudo a identidade coletiva, unindo o indivíduo ao grupo (LAGROU, 2016, p. 281).

Figura 4 - Cerimônia de Casamento Maasai.



Fonte: Lagrou (2016, p. 283)

Nas Américas, as contas de colar eram produzidas a partir de coco do tucum (*Bactris setosa*), conchas de caramujo aruá (*Pomacea canaliculata*), casca de tartaruga, sementes como tiririca (*Cyperus rotundus L.*), dentes e rochas. As técnicas de produção de contas industriais eram desconhecidas entre os povos originários e as contas de vidro, por exemplo, eram adicionadas à produção local dos adornos artesanais e recebidas como preciosidades exóticas (LAGROU, 2016, p. 26).

Entre os povos ameríndios Tupinambás e Tapuias, os adornos corporais como os Tembetás – adereços labiais são de extrema importância. D’Evreux (1874) afirma que viu uma rocha para o “beijo” ter valor de mais de vinte escudos de mercadorias de um tupinambá a um miariense, no Maranhão. E, complementa essa informação, pontuando que, ao questionar um indígena sobre o que ele queria em troca de seu tembetá, recebeu a seguinte resposta: “Dê-me

um navio de França carregado de machados, de foices, de vestidos, de espadas e de arcabuzes” (D’EVREUX, 1874, p. 36).

Fernandes (2002) também comenta como a perfuração do lábio e a colocação do tembetá era considerado pelos pais dos meninos que alcançavam a idade adulta um momento de grande comemoração entre os Tupinambás. A cerimônia era precedida de grande quantidade de cauinagem<sup>3</sup>, e o pai deveria utilizar seus melhores adornos. Os tembetás são um dos principais adornos entre os indígenas do Brasil, carregados de sentido simbólico, como cita Prous (2009):

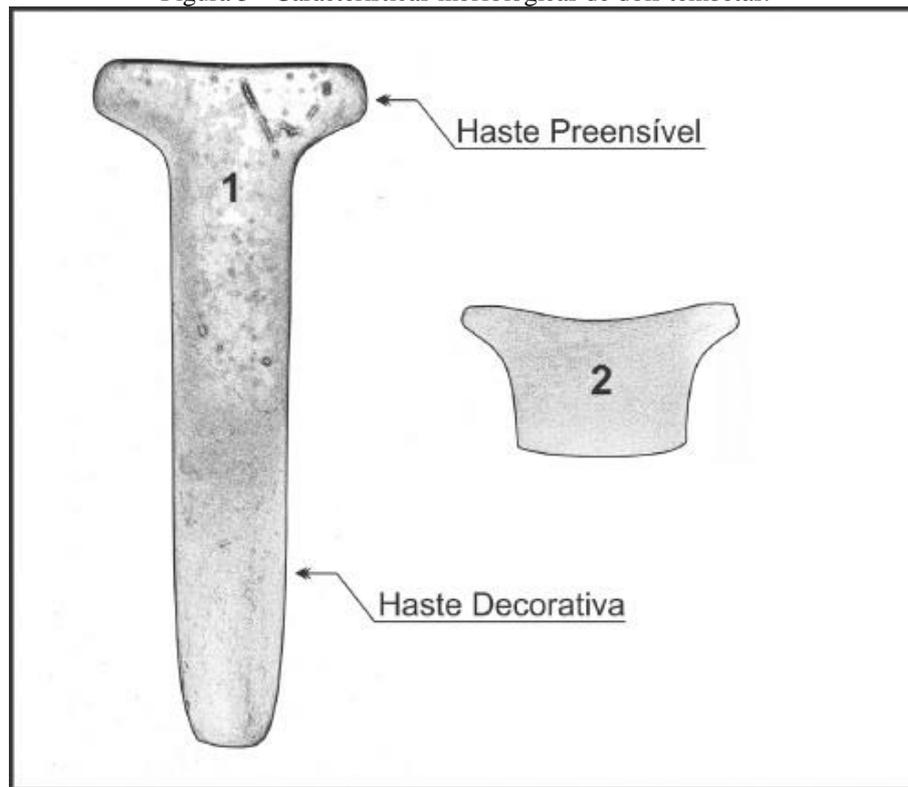
[...] os papéis dos sexos eram bem definidos: aos homens o que exigia era esforço energético brusco [...] com a idade, suas responsabilidades aumentavam, e isto era simbolizado pela troca dos seus adornos labiais; os tembetás das criancinhas eram de chifre de veado, depois de osso ou concha e, finalmente os adultos recebiam um tembetá de rocha verde (PROUS, 2009, p. 417-418).

Os tembetás são objetos de adorno amplamente relacionado a sítios Tupi (CORRÊA, 2011; PROUS, 1992). Esses artefatos possuem grande variedade morfológica, mas geralmente são verificados em forma de T, observados tanto em estudos arqueológicos quanto etnográficos (Figura 5).

---

<sup>3</sup> Bebida fermentada produzida pelas mulheres tupinambás para festividades ou para quando matavam algum prisioneiro para comer em atos de antropofagia (CASTRO, 1986).

Figura 5 - Características morfológicas de dois tembetás.



Fonte: Corrêa (2011, p. 228).

De acordo com Corrêa (2011), é possível dividir os tembetás em T em duas partes: haste preênsil, que no uso, corresponde ao lado interno no lábio e haste decorativa ou haste de adorno, que é a parte aparente no rosto.

Para os grupos indígenas, os adornos corporais e todo seu conjunto de ornamentação possuem grande carga de significados. A caracterização do indivíduo, tanto em relação à vestimenta quanto em relação à ornamentação, assegura um sentimento de pertença e posse. O indivíduo passa a existir enquanto elemento individual do grupo ao qual pertence e passa, também, a obter a sensação de oposição em relação aos outros grupos (LEROI-GOURHAN, 1965).

Diante dessa realidade antropológica, Ribeiro (1988), conceitua os adornos indígenas como um ornamento de material eclético, cuja matéria-prima pode ser de origem biológica (fauna e flora), mineral ou industrial; pode ter seu uso em distintas partes do corpo, como face, tronco, pescoço, peito, dentre outros; pode ser utilizado como adereço pessoal, ritual ou ordinário, e pode, além disso, definir condições etária, social e étnica.

Dentro desse contexto, podem ser classificados também como adornos corporais as pinturas indígenas, assim como suas penas, alargadores e demais adereços utilizados junto ao

corpo, seja para diferenciá-lo quanto ao *status*, marcar identidades ou para celebrações e divindades.

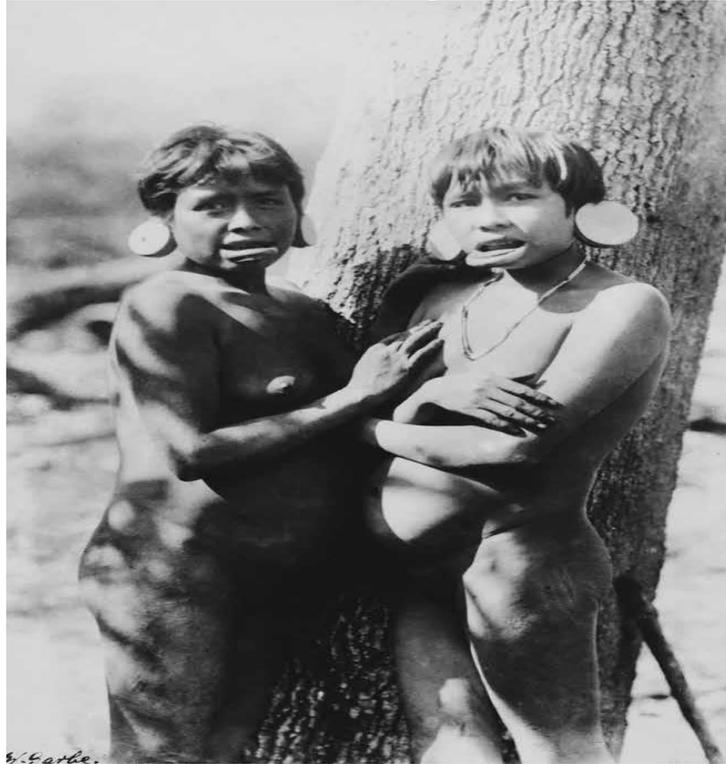
A caracterização do indivíduo por meio do adorno e da pintura corporal provavelmente foram os primeiros meios colocados em prática para a modificação da aparência, entendida como uma ação que complementa o corpo. A presença de escarificações, tatuagens, deformações cranianas, incrustações dentárias, entre outras formas, são entendidas como ações que modificam o corpo, com finalidades que vão desde a ornamentação, festividades, ciclos de vida até proteção do meio ambiente (MARTÍNEZ, 2003).

A modificação cultural do corpo é diferente de uma malformação genética, enquanto uma é decorrente de fatores genéticos e se produz em vida intrauterina, a cultural é produto de modificações com instrumentos cefálicos. Pesquisas em crânios de recém-nascidos em sítios arqueológicos no Peru, indicam que uma das prováveis funções da deformação seja a distinção, mediante o uso de determinados moldes de cabeça. Para comunidades africanas, a modificação da cabeça acontece com símbolo distintivo entre homens e mulheres (VÁSQUEZ; PACHECO, 2008).

Na América do Sul, os Botocudos são comumente conhecidos pelo uso recorrente de adornos corporais modificadores do corpo. Chamados de Tapuias ou Aimorés, esse grupo ocupava um território que corresponderia desde a faixa da Mata atlântica até a Zona da Mata, com limites no Vale de Salitre, na Bahia, e o Rio Doce, no Espírito Santo. Das alterações corporais que os Botocudos fazem no seu corpo, a mais conhecida é a perfuração do lábio inferior e dos lóbulos das orelhas para colocação dos discos de madeiras, chamados de *botoques*. Relatos de viajantes, como o Príncipe Wied, discorrem sobre os discos de madeira muito leves da árvore barriguda (*Ceiba glaziovii*). Os discos possuem, aproximadamente, 2,54 cm (EHRENREICH, 2014).

Ehrenreich (2014) comenta, ainda, que, normalmente, entre os Botocudos, somente as mulheres usam os enfeites completos nos lábios e nas orelhas (Figura 6), enquanto os homens enfeitam apenas as orelhas. O autor chama a atenção ao fato de que nem todas as tribos de Botocudos possuem o mesmo costume na utilização dos *botoques*. Nas tribos de Botocudos, Matum e Guadun, somente as mulheres mais idosas usam os discos de madeira nos lábios.

Figura 6 - Índios Botocudos com adornos labiais e perfurações no lóbulo inferior da orelha.



Fonte: Ehrenreich (2014).

Perfurações no lóbulo inferior da orelha, nos lábios ou nas narinas também são alguns dos exemplos de ações modificadoras do corpo observadas com frequência em grupos indígenas. Martínez (2003) menciona grupos pré-hispânicos, como os Maias e os grupos do Golfo do México, que perfuravam as orelhas para colocar adornos de madeira ou de metal. A deformação das narinas ocorre na parte inferior, e, geralmente, são colocados nelas ossos finos ou da largura de um dedo e plumas de diversas formas; já nas alas nasais, costuma-se colocar aros de madeira, metal ou argila.

Para os Kayapó-Xikrin (Figura 7), os adornos labiais, os colares, o corte de cabelo, bem como as pinturas corporais configuram uma linguagem simbólica que expressa *status* social, sexo e idade. Indo além de apenas comunicar essa linguagem entre um indivíduo e outro, ela estabelece um canal de comunicação dentro do indivíduo, ativando sua personalidade (VIDAL; MÜLLER, 1987).

Figura 7 - Máscara da festa de nomeação feminina dos Kayapó-Xikrin.



Fonte: Vidal (2000).

O grupo Xavante de língua Jê, do planalto Central, em Minas Gerais, também citado por Vidal (2000), usa a ornamentação corporal, sejam elas pinturas ou adornos, obedecendo a algumas regras de significação. Cada enfeite corporal distingue o grupo e marca categorias e *status* social. Quando um indivíduo usa um enfeite que não pertence a sua classe social, é punido publicamente e o adorno, retirado do corpo. Ou seja, a linguagem visual dos adornos corporais transmite informações sobre punições, transgressões, direitos e deveres.

[...] o que a gente veste e o que a gente leva no nosso corpo, forma geralmente parte de um fluxo de informações, estabelecendo, modificando e explicando as categorias sociais, tais como idade, sexo e o status social [...] (STRATHERN, 1981, p. 15 *apud* MAYOR; BENITO, 2006, p. 64).

Vidal (2000) também comenta que os indivíduos se adornam corriqueiramente: no dia a dia, por exemplo, os homens usam brincos cilíndricos como sinal de maturidade. O nível da decoração vai depender da situação vivida no momento, cada ritual requer um motivo de pintura e adornos corporais distintos.

Os Marúbos são grupos localizados entre as cabeceiras dos rios Ituí e Curuçá, no estado do Amazonas. O artigo de Melatti (1986) trata dos adornos utilizados diariamente e durante os rituais, tais como: contas de caramujo aruá (*Pomacea canaliculata*), coco, miçangas, plástico, dentes e fios de algodão. O autor apresenta uma lista de adornos utilizados pelos Marúbos e entre elas são demonstrados alguns com usos apenas para mulheres, como as pulseiras finas e os cordões-pulseiras; para os homens são destinadas as pulseiras largas e as braçadeiras largas e, as bandoleiras são utilizadas apenas por mulheres e crianças. O autor, ainda afirma que o modo de disposição dos adornos de contas utilizados pelos Marúbos se distinguem de outros grupos indígenas na região, como um traço de auto identificação tribal.

Os Marúbos raramente retiram seus enfeites corporais, Melatti (1986) menciona que nem durante suas atividades cotidianas como coleta, limpeza e caçadas os adornos corporais são abandonados. A retirada dos adornos acontece durante alguns momentos de crise dentro do grupo como partos, doenças, morte e luto. No momento da morte, os indivíduos Marúbo não são enterrados com suas contas de caramujo e contas de coco porque seus parentes podem morrer.

Arisi (2007) produziu um trabalho de dissertação sobre os Matis originários da região Amazônica, também conhecidos pelos seus adornos corporais e tatuagens faciais (Figura 8).

Figura 8 - Índio Matis com ornamentos corporais na Amazônia.



Fonte: Site do Scielo. Acesso em novembro de 2019.

A primeira perfuração no lóbulo da orelha dos Matis ocorre aos quatro ou cinco anos de idade. Progressivamente, o diâmetro dos enfeites de madeira na orelha vai aumentando, até que possa ser substituído por um disco circular. Além disso, se perfura o nariz para introduzir o primeiro par de *demush* (pelos que crescem na face dos mamíferos). O número de *demush* aumenta até cobrir quase totalmente a narina. A etapa seguinte consiste na abertura do septo nasal. Na puberdade, quando começam a acontecer os primeiros relacionamentos sexuais, as mulheres passam a usar o enfeite labial de madeira clara no lábio inferior, enquanto os homens usam enfeites no lábio superior. Os enfeites labiais das mulheres são maiores por elas serem mais cuidadosas (ARISI, 2007).

A aquisição gradual dos ornamentos corresponde às etapas do amadurecimento individual. Os Matis acreditam numa visão linear da existência, uma evolução progressista em direção à velhice. O amadurecimento e a questão das idades relativas possuem uma grande importância, pois explicam que cada coisa deve vir a seu tempo; os ornamentos indicam, portanto, classes de idade (ARISI, 2007).

Souza (2012), traz uma pesquisa etnográfica sobre os Pataxó, que atualmente constituem uma população de aproximadamente quinze mil indivíduos, distribuídos em trinta e seis aldeias em Minas Gerais e no extremo sul da Bahia. A autora discute como os adornos corporais desse grupo são entendidos pelos antepassados e como são percebidos pelos grupos atuais. De acordo com a memória dos mais velhos, o uso dos adereços não ocorria o tempo todo, mas em determinadas e variadas situações. O cocar e a tanga, que atualmente são as grandes marcas de adornos do povo Pataxó, são os adereços mais citados pelos mais velhos (Figura 9).

Figura 9 - Cocar Pataxó feito de taboa (*Typha domingensis*)<sup>4</sup>. Jogos Pataxó de Coroa vermelha, em abril de 2010.



Fonte: Souza (2012)

Sobre o uso do cocar na época das festas, Seu Sebastião, um dos anciões da aldeia, afirma:

Sempre era com pena, porque os índio gosta desse negoço de pena, gosta de trem enfeitado, né. As cores das penas era mais vermeia, sabe que o índio tem um negoço com vermei que eu não sei. Ele disse que corava com tinta do mato, tinha esse negoço de comprar tinta não. Tinha aquelas madeira que dava aquelas tinta (SOUZA, 2012, p. 40).

Os adereços Pataxó são usados até hoje em diversos ambientes. Os Pataxó os utilizam para representar e também chamar a atenção, dando visibilidade para sua identidade indígena, já que, em ambientes não indígenas, os adereços trazem o sentimento de pertencimento ao povo.

---

<sup>4</sup> Planta aquática típica de brejos, manguezais, várzeas (SIMÃO et al, 2009)

Os Bororos, estudados por Novaes (2006), foram analisados segundo seu longo ciclo funerário. São cortados de modo tradicional o cabelo do morto, seu corpo é untado de urucum, o rosto ornamentado com pinturas e na cabeça são colocados adornos plumários de acordo com os padrões do clã ao qual pertence. Todos os pertences do morto, e isso inclui seus adornos corporais, são ritualmente queimados. Para os Bororo com a morte nenhum dos objetos tem mais valor ou utilidade e nem podem ser transmitidos como herança.

Durante todo o ritual funerário são realizados cantos, danças e no final todos os adornos utilizados são colocados sobre a cova, homenageando e celebrando para que a alma possa ir mais tranquila habitar a aldeia dos mortos. Uma das passagens, o autor traz uma frase dita pelos Bororos a respeito do uso das ornamentações corporais e sobre o significado da morte para eles:

Boe nasceu pra complicar. Nasceu põe nome, fura beijo dele se for homem. É a mesma coisa que faz quando ele morrer. Morreu devia acabar tudo, mas começa tudo outra vez [...] (José Carlos) (NOVAES, 2006, p. 283).

Para os Yámana/Yagán, grupo caçador-coletor-pescador da Ilha do Fogo, na Patagônia, os tipos de adornos utilizados indicam diferenciação sexual, de modo que os colares de couro são utilizados por uma porcentagem maior de homens, enquanto as tornozeleiras de couro são utilizadas quase que exclusivamente por mulheres. Adornam-se em recorrência com colares (Figura 10), braceletes e tornozeleiras de ossos, couro, conchas e contas brancas e escuras trazidas de fora da aldeia por ocidentais (BUTTO; FIORE, 2017).

Figura 10 - Jovens yámana/yagán usando colares de contas.



Fonte: Butto; Fiore (2017)

O conjunto decorativo do corpo (pinturas corporais, tatuagens, adornos) pode estar direcionado, principalmente, a uma afirmação étnica, comunicação espiritual, permitindo ao indivíduo ser veículo para seres da esfera cosmológica, bem como pertencer socialmente dentro do grupo.

Na Europa, por volta dos séculos XV e XVI, se espalhava a Renascença. Durante esse período, as joias significavam riqueza, e as vestimentas diferenciavam socialmente as pessoas (SKODA, 2012).

Segundo Skoda (2012), os objetos utilizados para ornamentar, durante o período renascentista e da Idade Média, eram caracterizados por ouro esmaltado e rochas preciosas, tendo os anéis como principais peças. A joalheria, nesse período, é marcada por exuberância, tecnologia e criatividade, sendo consumidas, principalmente, pelos membros da Igreja e da nobreza, usados para assumir o papel de maior *status* do portador para a sociedade (Figura 11).

Durante a Idade Média, os adornos produzidos pelos povos Bárbaros são os que mais se destacam, utilizando a ourivesaria na fundição e moldagem tanto de joias quanto de objetos de uso doméstico e armas. O ouro foi o metal precioso mais utilizado pelos bárbaros e poucas joias foram recuperadas, devido ao costume pagão de enterrar os mortos com elas (SKODA, 2012).

Figura 11 - Obra de arte do período Renascentista - Retrato de Sibylla Von Freyberg, com detalhe para as joias e a esquerda anel de ouro com esmalte e pérolas, século XVI.



Fonte: Skoda (2012)

Nas culturas Maia, Inca e Asteca as matérias-primas mais utilizadas eram o ouro, a prata, o cobre, assim como as conchas marinhas, obsidianas, jade e turquesa. Por terem uma crença politeísta, grande parte de suas joias eram caracterizadas por representações religiosas de animais sagrados e outros seres mitológicos (SALVAN; PAGNAN, 2016; SKODA, 2012).

Antigas civilizações, como as do Mediterrâneo e Oriente Médio, também apresentavam tecnologia e gosto pelo uso de adornos e joias.

Na Grécia, as joias eram caracterizadas pela simplicidade e por motivos geométricos, uma vez que as leis gregas eram contra o luxo. Os adornos gregos tinham funcionalidade além do meramente estético, nas primeiras fases do desenvolvimento da arte grega. Nas fases seguintes, eram utilizadas folhas de louro finas com motivos decorativos florais para a produção de guirlandas (SKODA, 2012; ZUGLIANI; BENUTTI, 2011).

Em Roma, assim como na Grécia, o uso de muitas joias luxuosas não era permitido. Para os romanos, o brilho das rochas preciosas era mais importante do que a técnica de fabricação, motivo pelo qual, provavelmente, Roma não tenha avançado no campo da joalheria (BENUTTI, 2017; ZUGLIANI; BENUTTI, 2011). Enquanto a elite romana utilizava joias feitas de material precioso, os povos indígenas, os imigrantes e a população, no geral, que viviam em Roma, usavam contas de vidro para se ornamentarem (LAGROU, 2016).

Já no Oriente Médio, desde o Egito Antigo, as joias eram utilizadas como amuletos sagrados, simbolizando proteção e crenças. O ouro foi o material mais utilizado pelos egípcios, pois representava a divindade máxima, o Deus Sol, e era usado principalmente pelos membros da corte. Os motivos decorativos derivados da fauna e flora do Rio Nilo, como a flor de lótus e o lírio, ornamentavam as joias, mas as aves eram as mais utilizadas por representarem força e fecundidade (BENUTTI, 2017; CARDOSO, 2010; ZUGLIANI; BENUTTI, 2011).

As contas de faiança, provavelmente, foram produzidas no Egito ou na Mesopotâmia, por volta de 400 anos BP (DUBIN, 1987). Já as contas de vidro apareceram simultaneamente na Ásia Central, na Mesopotâmia e no Egito Antigo, em torno de 2.340 BP. A invenção das contas de vidro e antes delas as contas de faiança (Figura 12) representou uma alternativa atrativa às rochas originais, com qualidades também muito próximas, como resistência, durabilidade e brilho (LAGROU, 2016).

Figura 12 - Malha de contas de faiança e amuletos do Deus da Morte, Horus, 664 anos BP.



Fonte: Lagrou (2016)

A Suméria, a Babilônia e a Assíria, alguns dos impérios da Mesopotâmia, tiveram grande importância histórica, influenciando, inclusive, a cultura europeia. Dos Sumérios, pode-se observar, através do túmulo da rainha Pu-Abi, as joias do período (Figura 13). As técnicas de ourivesaria desenvolvidas pelos sumérios foram repassadas, por meio do contato, a outras culturas até a Etrúria (BENUTTI, 2017).

Figura 13 - Joias em Ouro e minerais da Rainha Pu-Abi, da Suméria.



Fonte: Skoda (2012)

A Fenícia tem grande importância na joalheria, muito mais pelas técnicas produzidas e inovação de matérias-primas do que um estilo marcadamente fenício. As joias produzidas pelos fenícios são assimilações de outros povos, se sobressaindo na técnica de produção de joias em vidro, marfim, bronze, ouro e madeira. De acordo com Skoda (2012), os elementos

decorativos utilizados por eles são as flores, botões de lótus, palmetas, máscaras humanas ou de animais, esfinges e pequenas jarras.

A Idade dos Metais se caracteriza pelo início da fabricação de objetos metais, sejam ferramentas, joias, armas, dentre outros, e pode ser dividida em: Idade do Cobre, Idade do Bronze e Idade do Ferro. Esse período marca, o início da metalurgia ainda bastante rudimentar.

Durante a Idade do Cobre, verificam-se, ainda, muitos instrumentos líticos sendo utilizados. Nesse período, foram identificados alguns moldes de barro e rocha para moldar o metal derretido. Na Idade do Bronze, são fabricadas ligas de cobre e estanho para a produção de adornos, pois elas têm a capacidade de preencher perfeitamente os moldes, reproduzindo finos detalhes.

O ouro, nesse momento, se tornou um dos minerais mais cobiçados no Oriente e, posteriormente, no Ocidente, não somente para adornar homens e mulheres, mas também estavam presentes durante as oferendas em túmulos, lhes atribuindo posição de riqueza (CODINA, 2000).

A partir do II Milênio da Idade do Bronze, os adornos metálicos aumentam e se diversificam, diferenciando indivíduos em função do sexo. São percebidas diferenças de tratamento nas necrópoles, onde eram colocados os indivíduos em posições distintas de acordo com o sexo, como também a presença de adornos, especificamente femininos e masculinos. Apesar das regularidades, em alguns sepultamentos, eram verificados traços discrepantes, dos quais Lull (1983) abre a possibilidade de serem em funções das características sociais que também são formas de diferenciar os indivíduos.

De acordo com Skoda (2012), a Idade do Bronze coincidiu com o surgimento de civilizações, como a Mesopotâmia, o Egito, a China e as culturas egeias, troianas, hititas e cretenses. Além do uso do bronze em estátuas, moedas, armas e utensílios foram bastante utilizados para a feitura de adornos variados. A fabricação dos adornos durante a Idade do Ferro fez poucos avanços, não oferecendo novas estéticas, mas um aperfeiçoamento das técnicas e refinamento estilístico em relação ao que havia sido produzido durante a Idade do Bronze.

A ornamentação corporal é, sem dúvida, uma arte que vem marcando períodos históricos. Traçar uma trajetória desses adornos desde o século XXI, permitiu que fossem destacados momentos considerados importantes no que diz respeito à variabilidade dos motivos estilísticos, técnicas de fabricação, assim como aos artistas e às diferentes funções sociais dos diversos tipos de adornos corporais.

### 2.2.1 A Pré-História e o surgimento dos primeiros adornos corporais

Durante o período pré-histórico, os primeiros dados que registram a presença de adornos são provenientes da Caverna Bomblos, na África do Sul. Nesse sítio, foram documentados um conjunto de gastrópodes perfurados, com cronologia por volta dos 73.000 anos BP<sup>5</sup>. D'Errico *et al.* (2005) afirma que os ornamentos pessoais desse sítio já representavam os comportamentos de *Homo sapiens* com intencionalidade simbólica, uma vez que as contas foram selecionadas e modificadas, provavelmente com o objetivo de transmitir valores culturais individuais e compartilhados entre o grupo.

Na Região do Quênia Central, no abrigo chamado de Enkapune Ya Muto, foram identificados, pelo arqueólogo Stanley Ambrose, variados fragmentos de obsidiana, formando raspadores, assim como cerca de 13 fragmentos de casca de ovo de avestruz, talhados como contas de colar em forma de discos. No sítio, de acordo com Klein e Edgar (2005), é possível observar a técnica de confecção das peças, em que os fragmentos eram perfurados e raspados até as extremidades. Muitos se partiam devido à pressão exercida pela perfuração ou por causa do alisamento que acontecia em seguida. Observam-se tanto os fragmentos concluídos quanto os que, por algum motivo, quebraram durante o processo.

Durante o período do Paleolítico na Europa, Mayor e Benito (2006) ressaltam o uso dos adornos em contextos de subsistência e outros vinculados a contextos funerários, em que são mais verificados colares e braceletes de conchas, muitos adornos de cabeça, dentes e vértebras de pequenos mamíferos.

Binant (1991), por sua vez, observou que, no Paleolítico Superior, os adornos identificados em contexto funerário eram utilizados com diversas morfologias e distintas matérias-primas. Indivíduos masculinos adultos e jovens apresentavam uma maior evidência de adornos em conchas, ossos e vertebras de peixes, enquanto as crianças possuíam adornos confeccionados a partir de dentes de animais e/ou conchas.

Mayer (2013) também cita que conchas de *Dentallium sp.*, utilizadas como ornamentos corporais, podem ter servido como meios de identificação individual dos membros de um grupo. O autor concorda com Kuhn *et al.* (2001) quando menciona que as contas podem ter sido utilizadas para comunicação identitária social, diferenciando membros dos grupos, gênero e características individuais, em razão da expansão da população na África.

---

<sup>5</sup> As datações pela técnica de Luminescência, opticamente estimulada, e pela Termoluminescência foram de cinco amostras líticas queimadas. As contas de conchas marinhas estavam associadas a esse material.

Na cultura Aurignaciana (entre 37.000 e 29.000 anos BP aproximadamente)<sup>6</sup>, na Europa, pingentes confeccionados em ossos e outros restos animais, como dentes, chifres e marfim, são bastante conhecidos, vários minerais são ocasionalmente transformados em contas. As que são feitas de material orgânico parecem ter recebido mais atenção do que as de rochas, talvez devido à facilidade técnica da preparação (MAYER, 2013).

No Oriente Próximo, em enclaves arqueológicos das regiões da Turquia e do Líbano, adornos associados ao gênero *Homo* são abundantes desde o primeiro período do Paleolítico Superior, entre 50.000 anos BP a 11.000 anos BP, de acordo com Klein e Edgar (2005), o que é verificado através da grande quantidade de moluscos de diversas espécies perfurados. Na Ásia Central, foram documentados adornos feitos de casca de ovo de avestruz, assim como na região da África, além de dentes, ossos e conchas perfuradas (FERNÁNDEZ, 2006).

No Neolítico (cerca de 11.000 anos BP) da Europa Ocidental, são verificados escassos enterramentos, ao contrário do que ocorre nos períodos posteriores. Em algumas necrópoles do Neolítico Médio, é perceptível certa distribuição de ferramentas líticas, o que sugere distinções nas divisões de trabalho. Os adornos entre os adultos se documentam de forma esporádica, os enterramentos infantis são os mais frequentes quanto à utilização de adornos feitos em rocha, ossos e conchas (GIBASA, 2003 *apud* MAYOR; BENITO, 2006)

Leroi-Gourhan (1983) analisa a natureza desses materiais, os quais, a princípio, eram de fácil manipulação, como pequenos crustáceos, vértebras de peixes, dentes de animais, e, posteriormente, se estendem à escolha de todo material estranho, raro ou brilhante que se possa obter. O autor explicita que muitas rochas e minerais considerados diferenciados, eram recolhidos e transformados em adornos com propriedades mágicas.

O material utilizado para a fabricação dos adornos varia de região para região, de acordo com o intercâmbio entre os grupos e o próprio contexto natural (GONÇALVES *et al.*, 2011, p. 3). Com a chegada do Período Neolítico e a utilização de materiais mais duros, como os vulcânicos, percebe-se a aprendizagem de novas técnicas para a manufatura desses objetos.

No Brasil, os primeiros adornos corporais identificados foram alguns ossos de megafauna (*Glossotherium lettsoni*), transformados em pingentes em períodos Pleistocênicos, datados em 27.000 anos BP, no Abrigo Santa Elina, no Mato Grosso. Tal sítio é um abrigo rupestre e habitacional, onde identifica-se um paredão rochoso com representações figurativas e uma das mais longas seqüências estratigráficas para sítios pré-históricos da América. Além

---

<sup>6</sup> Cf. Klein e Edgar (2005, p. 156).

disso, foram verificados material lítico e vestígios de atividades domésticas, como estruturas de combustão, alguns vegetais, folhas e frutos (VIALOU; VIALOU, 2019).

Conforme Vialou e Vialou (2019), os adornos identificados nesse sítio, em sua maioria, pertencem aos períodos mais recentes de ocupação, cerca de 2000 a 4000 anos BP, tais como colares, pulseiras, braçadeiras, estojos penianos, confeccionados em ossos, conchas, vegetais e rochas. Também foram verificados tembetás do período do Holoceno inicial.

No concernente ao Vale do Peruaçu, Prous (2009) cita a variedade de adornos identificados durante pesquisas em sítios pré-históricos da região. Os adornos confeccionados em conchas, por exemplo, foram encontrados em oito abrigos e possuem datações aproximadas de 8.000 anos BP. Sítios como Lapa Vermelha IV, Lapa do Malhador e alguns outros de Lagoa Santa são alguns dos lugares onde foram verificados gastrópodes perfurados. Prous (2009) destaca, ainda, a presença de colares associados, principalmente, a enterramentos infantis na Lapa do Boquete e na Lapa do Malhador. A grande maioria feita de sementes, ossos, conchas, cascas de ovo e minerais.

Ademais, Prous (2019) menciona o uso de vertebras de seláquios e outros peixes maiores para a confecção de objetos de adornos, geralmente produzidos sob a forma aproximada de discos perfurados no centro e espessos na periferia. Tais discos eram produzidos em série, por vezes alternados com pingentes de dentes, por exemplo. Os dentes de seláquio e dentes de tubarão também eram utilizados com recorrência como objetos de adorno, como no Sambaqui do Forte Marechal Luz.

Enquanto a identificação de pingentes como elementos de um colar é uma única perfuração, nota-se alguns dentes com vários furos, sugerindo outros tipos de uso, que poderiam se tratar de elementos de serra a serem montados em cabos de madeira, armas comuns na Polinésia e também citados em relatos etnográficos sobre os índios Goitacá (PROUS, 2019).

Ainda na região Sudeste, Silva (2005) analisa as práticas mortuárias, incluindo adornos confeccionados a partir de ossos de animais, dentes, conchas e material lítico dos sítios Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão, entre o período do Holoceno e aproximadamente 5040 a 1381 anos BP. Os adornos e acompanhamentos funerários foram analisados segundo sua matéria-prima, tratamento, tipo, dimensões e situação.

Em Santa Catarina, o Sítio Arqueológico Cabeçuda está entre os sambaquis mais ricos em adornos já estudados, são mais de 16.000 objetos de adornos recuperados associados aos mais de 100 indivíduos exumados. Os adornos foram confeccionados por grupos que ocuparam o sítio no período do Holoceno, entre 4180 e 3640 anos BP (KLOKER, 2014; SALADINO, 2017).

Na região Norte, Gambim Junior *et al.* (2018) realiza um trabalho com os adornos identificados no Sítio Curiaú Mirim I, objetivando oferecer a possibilidade de interpretação por meio do conceito de corporalidade ameríndia e noções do corpo. O autor admite que o simbolismo corporal é a linguagem básica de muitos grupos, e, dessa forma, o corpo é um instrumento que profere significados sociais e cosmológicos. Sendo assim, a relação dos adornos utilizados está diretamente relacionada à construção social das pessoas (GAMBIM JUNIOR *et al.*, 2018).

Ainda na Guiana Francesa, Gambim Junior *et al.* (2018) também cita o sítio EVA II como exemplo de sítio com adornos corporais em contexto funerário. Na Ilha de Marajó, foi identificado um sítio cemitério com urnas funerárias e vasilhas emborcadas. Em algumas dessas urnas, verificou-se indivíduos adultos com contas, pingentes, adornos de rocha esculpidas, contas de dentes, muiraquitãs e contas de vidro advindos do contato com europeus.

Na região Nordeste, área na qual está centrada essa dissertação, percebem-se sítios arqueológicos com a presença de adornos. Os sítios selecionados para a pesquisa serão melhor descritos na seção 4. Nesta parte, pretende-se apenas apresentá-los, como também apresentar os outros sítios não selecionados, a fim de contextualizar a área arqueologicamente.

Já na Bahia, Fernandes (2017) realiza uma breve revisão da tradição ceramista Aratu, com a distribuição espacial e cronológica dos sítios arqueológicos, descrevendo algumas características das culturas materiais, como também os padrões de sepultamento e os acompanhamentos funerários, incluindo os adornos corporais.

Um dos primeiros sítios citado por Fernandes (2017) é o Praça de Piragiba, com datação de  $870 \pm 50$  anos BP, localizado no Oeste da Bahia, na cidade de Múquem de São Francisco. O sítio conta com mais de 140 indivíduos sepultados. Destes, 64 enterramentos já foram escavados. Quanto aos adornos, são verificadas contas de colar de diáfises de ossos de aves, pingentes de dentes de felídeos e pingentes de ossos longos. Eles estavam associados a enterramentos de infantes.

O sítio Água Vermelha também foi descrito por Fernandes (2017), sendo caracterizado pela presença de pequenas contas cortadas sobre a diáfise de ossos de aves em urnas funerárias pertencentes à Tradição Itanhém e datado de aproximadamente  $660 \pm 30$  anos BP. No sítio Areias, no Litoral Norte da Bahia, foram verificadas mais de 17.000 contas de semente, possivelmente capim tiririca (*Cyperus rotundus* L.) (Figura 14), contas de concha espiraladas marinhas e uma placa com dois furos de suspensão de outra concha marinha.

Figura 14 - Urna com bordas suprimidas e algumas das 17.000 contas verificadas dentro da urna.



Fonte: adaptado de Fernandes (2017)

Na Paraíba, o Sítio Lajedo do Cruzeiro, localizado na cidade de Pocinhos, caracteriza-se como abrigo sob rocha e foi escavado no ano de 2017. Foram encontrados vestígios cerâmicos e ósseos esparsos na área do abrigo, bem como um enterramento secundário coletivo com a presença de contas de colar e pingentes de ossos de animal e madeira (SOARES, 2019).

Em Pernambuco, foram evidenciados contas e pingentes confeccionados a partir de dentes e ossos de animais, malacológico, madeira, sementes, minerais, rochas, dentre outros, em sítios como Furna do Estrago, Alcobaça, Cemitério do Caboclo, Furna do Nego, Gruta do Padre e Caverna do Angico (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2003; MARTIN, 2008).

Em Alagoas, as conchas de moluscos foram identificadas, no Sítio São José II, como acompanhamento funerário, depositados sobre a cabeça do indivíduo enterrado. Em Sergipe, verificam-se os sítios Justino e Jerimum com a existência de adornos corporais. No Justino, pode-se observar uma maior variabilidade, havendo pingentes e contas de conchas, ossos e dentes de animais, sementes, tembetás de amazonita, assim como alguns adornos confeccionados em matéria-prima industrial, obtidos a partir do contato com europeus (CASTRO, 2009; MARTIN, 2008; SILVA, 2013).

No Rio Grande do Norte, temos o Sítio Pedra do Alexandre, com adornos confeccionados por meio de ossos e dentes de animais, rochas, conchas de moluscos marinhos e gastrópodes; sítio Mirador de Parelhas, com pingentes de ossos de animais (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2003; MARTIN, 2008), e o Sítio Furna dos ossos em Santana dos Matos, com contas de conchas (LIMA *et al.*, 2017).

Para mais, Guidon e Luz (2009) constataam a presença de adornos de dentes e ossos de animais, associados a esqueletos nos Sítios Toca do Enoque e Toca do Alto do Capim, no Piauí. Na Toca do Enoque, achou-se conchas perfuradas formando pingentes, além de seu uso enquanto acompanhamento funerário.

No Sítio Baixio dos Lopes, na cidade de Brejo Santo, no Ceará, foram achados vasilhames cerâmicos tupi-guarani da subtradição policrômica (MARTIN *et al.*, 2016), além de artefatos líticos e cerca de 13 fragmentos de tembetás. Diante disso, Corrêa (2011) tem como objetivo principal do trabalho realizar a cadeia operatória de produção dos tembetás, mas busca ir além, se questionando sobre a grande quantidade desses materiais encontrada, quando o que geralmente ocorre nos sítios arqueológicos é a verificação de poucos exemplares. O autor finaliza indagando se esse volume de tembetás produzidos talvez seja indicativo de trocas entre grupos, principalmente se tratando de um adorno com grande significado simbólico, como atesta Prous (2019).

É importante salientar, no final deste tópico, que nossa intenção não foi esgotar a literatura, apresentando todos os sítios arqueológicos com presença de adornos corporais, mas expor alguns exemplos para ilustrar que é recorrente a aparição de ornamentos, mesmo que em quantidade diminuta.

O estado de conservação dos adornos no período pré-histórico, muitas vezes, tende a limitar o avanço de algumas pesquisas. São diversos os fatores que interferem diretamente na preservação do item que, muitas vezes, é produzido a partir de material perecível. Isso significa que os adornos verificados em registros arqueológicos nem sempre correspondem apenas aos objetos observados *in situ*. As tatuagens, pinturas corporais e outros tipos de adornos de matérias-primas perecíveis também podem ter feito parte da composição de ornamentos dos grupos humanos citados.

Portanto, os adornos corporais podem ser considerados elementos materiais que marcaram a existência do simbolismo e da cognição dos primeiros indivíduos do gênero *Homo* frente a outras manifestações, que, por vezes, não deixam marcas visíveis no registro arqueológico.

### **2.3. Considerações teóricas sobre os adornos na arqueologia**

Na Arqueologia Pré-histórica, podemos identificar os adornos de forma mais frequente em contextos funerário e pictórico. Os adornos evidenciados no primeiro contexto podem ser estudados pelo viés teórico-metodológico da arqueologia funerária, que se conceitua como a linha de pesquisa que analisa e interpreta dados funerários localizados nos âmbitos arqueológicos de grupos humanos.

A arqueologia das práticas funerárias foi a primeira a se interessar pelos adornos, abrindo espaço para realizações de trabalhos sobre essa temática. A reconstrução das práticas

funerárias dos grupos étnicos pode ser verificada através do estudo das variáveis biológicas, culturais, processamento do corpo e acompanhamento funerário. Para alguns autores, a morte era compreendida como um rito de passagem, e os rituais funerários tendiam a variar de acordo com a posição social do indivíduo, idade etc. Os rituais, dessa forma, são entendidos como ações sociais capazes de transmitir memórias coletivas (CASTRO, 2009).

Nesse cenário, os enterramentos e todo o processo imbricado neles, seja a presença dos acompanhamentos funerários, adornos corporais e toda a carga simbólica, funcionam na manutenção dessa memória coletiva, mostrando-se capazes de rememorar esses modos de vida (CASTRO, 2009).

No Brasil, existem pesquisas que tratam das práticas funerárias e que, inclusive, caracterizam os adornos corporais verificados junto às sepulturas, como Castro (2009), Cisneiros (2003), Guimarães *et al.* (2005; 2006), Luz (2014), Martin (2008), Sene (2003), Silva (2005), Silva (2015), entre outros.

Mesmo os adornos sendo vistos em contextos funerários, as primeiras correntes arqueológicas não objetivavam o estudo dos contextos, mas a descrição da cultura material através da produção de catálogos. Nesse período, na Europa, foram realizados trabalhos em forma de catálogos de arte móvel, nos quais eram apresentados e descritos, entre outros vestígios arqueológicos, os adornos que mais se “destacavam”. Essas peças são objetos de estudo em dado momento, de modo pormenorizado. Sob esse ponto de vista tipológico, destaca-se o trabalho de Geoges Van Wetter, a primeira monografia sobre os objetos de adorno na Europa; nela, são compiladas as descrições das peças e os motivos decorativos de todos os adornos identificados durante suas escavações (FERNÁNDEZ, 2006).

Navascués (1982) também realizou trabalhos sob a ótica tipológica, a partir da qual buscou reunir e ordenar os adornos pessoais pré-históricos, achados na província de Navarra, na Espanha. O autor classifica os adornos em Famílias, Grupos e Tipos para obter uma visão individualizada dos objetos, afirmando que seu objetivo central não é a criação de uma tipologia das contas na província de Navarra, devido à quantidade insuficiente, mas uma ordenação que auxiliaria em trabalhos tipológicos futuros.

O método tipológico deixou de ser um estudo preliminar e meramente descritivo, visto que, atualmente, costuma ser utilizado para fornecer informações sobre mobilidade e interações entre os grupos. O trabalho de Mayer (2013) realiza comparações tipológicas com as contas líticas dos sítios do Período Neolítico tardio, incorporando as informações de outros sítios em Israel. Essa pesquisa nos trouxe dados sobre os sistemas de trocas e apresentou a conjuntura econômica dos grupos durante o período de transição de caçadores-coletores para agricultores.

Na antropologia, uma classificação tipológica é condição preliminar de quem se predispõe a trabalhar com objetos de cultura material. Autores como Adovasio (2010), Gomes (2012) e Ribeiro (1984) também trabalharam com classificações tipológicas e taxonômicas de trançados, cordames, tecidos indígenas, cerâmicas e outros vestígios materiais.

Durante as transformações teórico-metodológicas da Nova Arqueologia, surge a Etnoarqueologia, com a finalidade de tentar compreender, através do estudo das sociedades contemporâneas, alguns aspectos comportamentais, simbólicos, sociais, ideológicos, entre outros dos grupos humanos do passado (SILLAR, 2000).

O despertar da Cultura de Richard Klein e Blaker Edgar traz uma contribuição para essa temática quando cita o Abrigo Enkapune Ya Muto ou a “Caverna do Crepúsculo”, como é conhecido. Nesse sítio, foram identificados, há 40 milhões de anos, cerca de 600 fragmentos de cascas de ovos de avestruz, e, destes, 13 fragmentos estavam com marcas de transformação antrópica, que formavam pequenas contas de colar. Mas por que os integrantes desse grupo tinham um gasto energético e de tempo tão grande na confecção de uma atividade que não era considerada “essencial” para a sobrevivência do grupo?

Analisando um grupo vivente de caçadores-coletores, os !Kung San, observou-se que os integrantes realizavam um sistema de trocas de presentes. Destes, os mais apropriados são cordões com contas de casca de ovo de avestruz. Para eles, as contas significam símbolos de cooperação entre os grupos; se acontece uma situação de seca que provoque escassez de alimento, por exemplo, o grupo pode mudar-se para o território do outro, com o qual estabeleceu os laços nas trocas dos presentes (KLEIN; EDGAR, 2005, p. 12).

Não é possível confirmar se os indivíduos de Enkapune Ya Muto usaram as contas de casca de ovo de avestruz em presentes sociais, mas, possivelmente, elas apresentavam um simbolismo similar. O estudo de sociedades atuais que possuem configurações sociais parecidas com os grupos pré-históricos auxilia na compreensão desses artefatos. Os indivíduos da Caverna do Crepúsculo, de acordo com Klein e Edgar (2005), podem ter começado a registrar um comportamento mais simbólico.

Outro viés abordado durante a Nova Arqueologia são as análises tecnológicas, que costumam se apresentar diferentemente dos métodos tipológicos, por trabalhar nas etapas da produção artefactual.

Ribeiro (1987) disserta que o indicador do avanço tecnológico de um grupo humano está no estudo de sua cultura material. A autora realizou alguns trabalhos sob essa perspectiva, nos quais caracterizava, descrevia e comparava as particularidades e as técnicas de confecção dos adornos plumários (Figura 15) de grupos indígenas distintos.

Figura 15 - Índio bororo usando narigueira e uma série de grampos emplumados enfiados no coque.



Fonte: Ribeiro (1987)

Martin (2008) comenta sobre a importância dos estudos tecnológicos, afirmando que os materiais arqueológicos, sejam eles fragmento, artefato ou registro dos grupos humanos, são produtos tecnológicos. Por meio das discussões da autora, podemos perceber as diversas fases da evolução crono-tecnológica e simbólica das culturas.

Na França, Taborin se torna referência em trabalhos sobre adornos na Península Ibérica, bem como em toda a Europa. A autora realizou o primeiro trabalho sobre estudos tecnológicos em adornos confeccionados a partir de dentes de animais em sítios franceses. Além disso, publicou trabalhos sobre a utilização dos adornos no Período Epipaleolítico até a Idade do Bronze, por meio dos quais verificou a continuidade na utilização de alguns moluscos, diferenciação sexual baseada nos adornos e mobilidade das populações para obter determinados tipos de espécies de moluscos (TABORIN, 1974 *apud* FERNÁNDEZ, 2006).

Em 2012, Poveda (2012) analisa os adornos pessoais documentados em contexto arqueológicos do Neolítico no Noroeste Peninsular, segundo sua tecnologia, verificando como

se distribuem e como ocorreu a circulação entre os grupos humanos. A autora classifica os adornos pessoais em diferentes morfotipos: i) adornos de conchas (conchas perfuradas, pingentes de gastrópodes etc.); ii) adornos de ossos, chifres e dentes, e iii) adornos de rocha. Nessa classificação, Poveda (2012) caracteriza a técnica de fabricação desses materiais, a matéria-prima utilizada e os sítios onde foram verificados, obtendo como resultado que certos morfotipos demonstram influência e contato entre os grupos, alguns se mantêm como elementos de permanência da ancestralidade e outros são característicos de alguns momentos cronoculturais. Essa investigação trouxe novos dados aos estudos tecnológicos e funcionais da região.

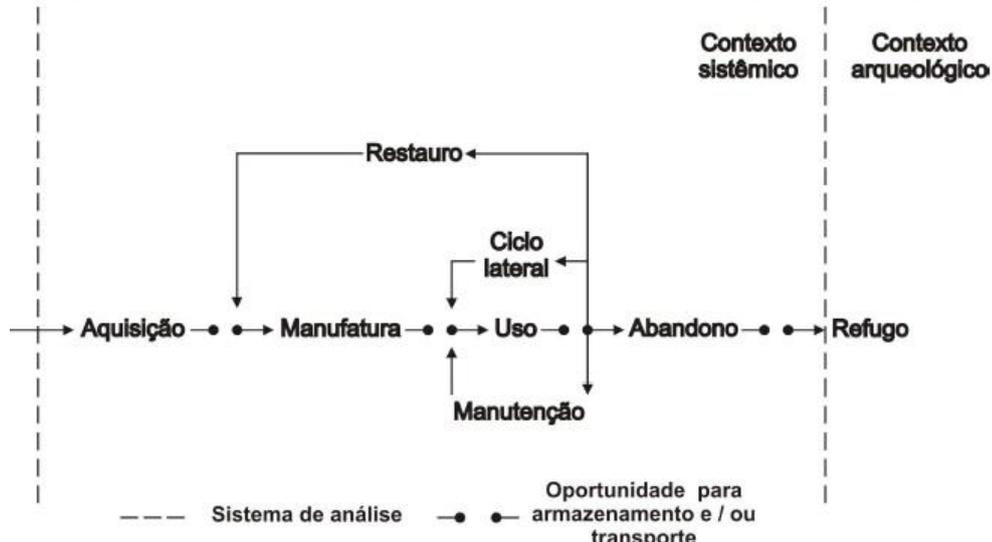
Ainda na Europa, Fernández (2008) verifica as diferentes matérias-primas utilizadas para a confecção dos adornos corporais nos sítios da Cornija Cantábrica e no Vale del Ebro durante os períodos Paleolítico e Mesolítico. O autor realiza uma sequência das matérias-primas mais utilizadas e das espécies de animais e conchas mais comumente verificadas durante esse período, constatando que muitas dessas matérias-primas sofreram intercâmbio entre os grupos.

Observa-se que, no âmbito europeu, os trabalhos dedicados aos adornos corporais, tratam de estudos tecnológicos, tipológicos e análises funcionais, focados em adornos de um ou mais sítios arqueológicos, região ou área geográfica.

As abordagens tecnológicas oferecem a possibilidade de estabelecermos classificações não só dos conjuntos artefatuais em si, mas também dos processos de produção. Entende-se por estudos tecnológicos os procedimentos que visam a apresentar os artefatos em relação a sua cadeia operatória. Todos os fatos ocorridos a um artefato poderiam, dessa forma, ser analisados com o objetivo de reconstruir os passos técnicos que lhes deram origem, a forma como foi utilizado e as alterações de uso. Os sistemas tecnológicos estão, desse modo, vinculados aos sistemas de representação social (LEMONNIER, 1986).

A cadeia operatória, então, pode ser entendida como um conjunto de operações que um grupo humano organiza a partir dos meios dos quais dispõe, com o saber técnico que domina, buscando a satisfação de ser reconhecido socialmente (CORRÊA, 2011). Pode ser dividida em quatro estágios (Figura 16): i) Aquisição – busca pela matéria-prima (tipo de base utilizada para a produção dos adornos); Manufatura – momento em que o indivíduo desempenha uma série de gestos, com a finalidade de obter o objeto para uso; Uso/Função – quando o indivíduo utiliza o objeto produzido, e, por fim, Abandono – percebido através dos processos tafonômicos presentes (RENFREW; BANH, 2007; SCHIFFER, 1972).

Figura 16 - Fluxograma do ciclo dos objetos até a formação do registro arqueológico.



Fonte: Schiffer (1972) modificado por Garcia (2010)

No Brasil, Corrêa (2011), Falci e Rodet (2016) e Kloker (2014), trabalham com os aspectos tecnológicos e as cadeias operatórias dos adornos corporais. Queiroz *et al.* (2018), Silva (2013), Silva (2017) e outros autores que pesquisam na Universidade Federal de Sergipe sob a perspectiva da bioarqueologia e da zooarqueologia, utilizando como método as análises tecnológicas dos adornos.

Na literatura, percebe-se que os estudos sobre cadeias operatórias são alcançados mais comumente entre as ferramentas líticas. No entanto, são observados alguns trabalhos nos quais os adornos realizados a partir de minerais e materiais rochosos também são analisados dentro das cadeias operatórias, como acontece em Corrêa (2011), que realiza uma análise na cadeia operatória da produção de tembetás, em Amazonita, no sul do Ceará, buscando perceber possíveis índices de identificação cultural.

Na região Amazônica, encontrou-se, no sítio Mina de Manganês do Azul, a produção de contas líticas associadas a ocupações Tupi-guarani. Falci e Rodet (2016) lançaram mão de uma análise tecnológica das contas líticas a partir de cada etapa da cadeia operatória. Constataram, pois, a possibilidade de o sítio ter uma ocupação temporária, sendo especializado na produção das contas líticas, possivelmente por estar ligado à proximidade da matéria-prima mais utilizada para a produção (*Caulinita-silicificada*). No sítio, não foram encontradas contas finalizadas, pois, possivelmente, foram levadas para serem utilizadas em outro local, permanecendo apenas os fragmentos quebrados ou inacabados.

As pesquisas em temáticas tecnológicas e funcionais são recorrentes durante esse período. Entretanto, em meados da década de 1980, críticas começam a ser feitas ao

processualismo, tendo em vista perspectivas nas quais possam ser enfatizados os papéis social e comportamental do indivíduo.

(...) a cultura material é feita por alguém e produzida para fazer alguma coisa, ela não reflete passivamente à sociedade, ela cria a sociedade a partir das ações dos indivíduos. O objeto arqueológico é produzido por pessoas e não por um sistema social (HODDER, 1994, p.139).

A discussão sobre os aspectos simbólicos dos grupos, em que antes era apenas admitida a presença de adornos, atualmente é trabalhada em variadas pesquisas arqueológicas (GAMBIM JUNIOR *et al.*, 2018), assim como temáticas sobre identidades, gênero etc.

Thomas (1993), em seu trabalho *Antropologia de la Muerte*, explica que as práticas funerárias correspondem a uma linguagem simbólica elaborada pelo grupo na intenção de exprimir alguma coisa. Um item presente no enterramento, um adorno ou um instrumento é um objeto simbólico, veículo de informação, reconhecido pelas pessoas que participaram do ritual durante a vida.

Gonçalves e Lisbôa (2011) estudam os adornos como objetos simbólicos e tentam entender como eles ganham sentido nas disputas por distinção de classe. Os autores afirmam não ser possível compreender bens simbólicos fora de um contexto socialmente construído, no qual é possível observar os gostos, as escolhas e as formas de apresentação desses objetos. O intuito do trabalho é, então, descrever os mecanismos pelos quais os adornos escapam do mero objeto estético e se relacionam com as pressões, disputas e diferenças sociais, na medida em que materializam essas condições de classe.

O adorno corporal implica que os objetos decorativos caracterizam a aparência dos indivíduos, seja em aspectos de beleza ou prestígio (RENFREW; BAHN, 2007). Estes termos não estão sujeitos ao tempo investido na elaboração nem em sua função, mas estão associados aos próprios indivíduos.

Leroi-Gourhan (1968) comenta sobre o valor étnico dado aos adornos corporais. O corpo é visto como um suporte comunicacional, carregando, portanto, atributos culturais, étnicos e simbólicos pertencentes aos grupos e os diferenciando. Assim, podemos definir que a identificação dos adornos tende a demonstrar como se dão as relações sociais, relações entre o cosmo e a vida real, entre o masculino e o feminino.

Desde o início da década de 1990, o termo “ornamento” deixou de ser considerado trivial. White (1993) percebeu uma tendência significativa da antropologia social de ver os adornos pessoais como agentes formadores de identidades:

O que as pessoas usam, e o que fazem com seus corpos em geral, formam uma parte importante do fluxo de informações – estabelecendo, modificando e comentando sobre as principais categorias sociais, tais como idade, sexo e status, que também são definidos nas falas e nas ações (STRATHERN, 1981 *apud* WHITE, 1993, p. 329).

Na pré-história, é através da cultura material que conseguimos perceber aspectos da identidade de um grupo. Castro (2009) conceitua as identidades como fenômenos sociais, dinâmicos, dialéticos, múltiplos e flexíveis no tempo e no espaço. A autora afirma também que elas se constroem na relação entre semelhanças e diferenças. Dessa forma, existem nelas elementos duradouros, mesmo que sempre sofram mudanças. Esses elementos podem ser os ritos de um grupo e alguns de seus comportamentos coletivos.

Em sítios arqueológicos de contato ou relacionados à diáspora africana, as contas de vidro estão significativamente presentes no registro arqueológico. Lima e Salum (2017) apresentam a importância dessa coleção etnológica africana do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), da Universidade de São Paulo (USP), para a pesquisa arqueológica, o que pode correlacionar contas de vidro africanas com as contas de origem histórica dos candomblés do Brasil. Para os autores, a importância dos estudos das contas está além de sua beleza estética, uma vez que está relacionada à preservação da identidade negra no país.

Ainda sobre sítios com vestígios de origem africana, Tavares (2006) realizou um trabalho com os sepultamentos humanos na antiga Igreja da Sé, em Salvador, que apresentavam contas de colar possivelmente africanas. A pesquisa levanta a hipótese de práticas ritualísticas derivadas de sistemas religiosos e justifica-se devido aos sepultamentos estarem inseridos em um dos principais símbolos da fé cristã em Salvador, na Igreja Matriz, e, ainda assim, apresentarem objetos consagrados às religiões africanas. Mesmo com a dominação cultural portuguesa, os traços da cultura negra e africana persistiram ao aniquilamento.

Díaz-Andreu e Lucy (2005) afirmam que, embora seja difícil de ser observada em grupos pré-históricos, as identidades podem ser estudadas numa perspectiva coletiva em determinada Área Arqueológica, permitindo observar elementos de mudança e permanência ao longo de um período de tempo.

Os vestígios encontrados em contexto funerário constituem parte do ritual fúnebre dos grupos pré-históricos. O rito é definido por Tambiah (1985) como um sistema cultural de comunicação, realizado em espaços específicos. Os rituais funerários são, dessa maneira, utilizados para produzir e manter valores, identidades e memórias existentes durante a vida em sociedade (TAMBIAH, 1985 *apud* PEIRANO, 2002).

Os modelos teórico-metodológicos expostos possuem limitações em diversos aspectos da ciência arqueológica. No entanto, todos eles podem fornecer contribuições ao estudo e à análise dos vestígios de cultura material, inclusive buscando auxílio em outras áreas de conhecimento.

A integração da técnica com a dinâmica social no qual os adornos estão inseridos pode nos levar a ter acesso a sequências tecnológicas de produção das quais são extraídos os motivos decorativos socialmente aceitos nos grupos. Ou seja, por meio dos estudos tecnológicos, morfométricos, tafonômicos dos adornos e com o auxílio das pesquisas etnográficas, poderemos obter possibilidades de interpretação dos grupos que utilizaram tais adornos.

É sob a ótica dessas considerações teóricas que essa pesquisa endossa a estreita relação existente entre os adornos corporais pré-históricos como marcadores étnicos, distintivos de categorias sociais e transmissores de mensagens.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1. Problema, hipótese e objetivos da pesquisa

O estudo dos adornos nos abre um leque de possibilidades para reconstruir o comportamento dos grupos humanos pré-históricos e suas dimensões simbólica e social, podendo ser pesquisado a partir de diversos pontos de vista, como: arqueozoológico, tafonômico, tecnológico, morfométrico, decorativo, estratigráfico, entre outros (FERNÁNDEZ, 2006).

Esse trabalho foi idealizado a partir da possibilidade de interpretar os grupos humanos pré-históricos através dos seus adornos corporais, assim como contribuir com documentação pertinente a esse assunto, devido ao quadro atual de conhecimentos, em que é verificada uma significativa quantidade de sítios arqueológicos com presença de adornos, porém pouco explorados, direcionados a outros objetivos.

No nordeste do Brasil, temos pesquisas em sítios arqueológicos pré-históricos e históricos com presença de adornos corporais (TAVARES, 2006; LUZ, 2009; SILVA, 2013, 2017), que enfatizam como a materialidade desses adornos foram trabalhadas, as técnicas utilizadas, seu uso inclusive como objetos da cultura religiosa africana. Nessa dissertação, busca-se complementar a documentação já existente sobre os adornos pré-históricos no Nordeste do Brasil, apresentando uma compilação de dados referente aos sítios Alcobaça, Furna do Estrago, Gruta do Padre, Cemitério dos Caboclos, Toca do Alto do Capim, Toca do Enoque, Pedra do Alexandre, Mirador de Parelhas, Justino e Jerimum inseridos dentro do que Martin (2008) conceitua de Áreas Arqueológicas do Nordeste do Brasil.

Dito isso, foram formuladas duas problemáticas principais para o direcionamento durante a pesquisa. A primeira pergunta visa trabalhar a materialidade sob aspectos mais técnicos e funcionais, buscando evidenciar qual a variabilidade morfotipológica dos adornos identificados nos sítios acima listados? A segunda pergunta entende os adornos como objetos ligados a identidade pessoal, representando status social, simbolismos, amadurecimento, diferenciação sexual, dentre outros aspectos da vida dos indivíduos (VIDAL; MÜLLER, 1987; BUTTO; FIORE, 2017), dessa forma, são questionados se os adornos são representantes de distinções etárias, sexuais e sociais em contextos funerários dentro do grupo em que estão inseridos?

A conservação e posição dos elementos depositados dentro do contexto funerário estão diretamente relacionados aos processos, naturais e culturais, de formação do registro

arqueológico. Processos de fitoturbação, zooturbação, geoturbação, processos antrópicos, dentre outros, são observados com recorrência nos sítios arqueológicos, bem como o fator tempo, de tal forma que os tipos de adornos corporais que provavelmente são preservados no registro arqueológico de sítios pré-históricos são os que possuem uma matéria-prima com maior tempo de vida, levando em consideração algumas características do solo, como a acidez, umidade e a temperatura, que, além disso, podem afetar a preservação dos vestígios funerários e do indivíduo enterrado (SILVA, 2005).

Assim, para o problema 1, como foi percebido anteriormente, os problemas de conservação concernentes às matérias-primas, podem limitar a identificação tipológica e a utilização de muitos materiais pré-históricos. Dito isso, apresenta-se como hipótese para a primeira problemática a de que a variabilidade tipológica e de matéria-prima dos adornos aumentará em enterramentos mais recentes.

O corpo humano pode ser utilizado para se comunicar sozinho ou para se comunicar como suporte através de adereços (LOCK; SYMES, 1996). Silva (2005) destaca que o corpo possui pontos privilegiados para receber os adornos e que cada zona corporal escolhida possui significação própria. Dessa forma, enfeites de cabeça podem significar marcas religiosas, hierárquicas, distinção de classe, sexo ou grupo etário, além de outras regiões do corpo, como braços/pulsos, pescoço/peito, cintura/quadril, tornozelos.

O reconhecimento de um adorno corporal pode ser observado através da sua localização no corpo, dimensão e peso controlado, presença de elemento de suspensão, que frequentemente caracteriza-se através de uma perfuração, como também formas e matéria-prima diversificadas. Todas essas características fazem com que as funções sociais atribuídas aos adornos sejam diversas, dependendo da pessoa que o leva e da forma como é portado. Estudos etnográficos de grupos de caçadores-coletores atuais e de períodos históricos apresentam algumas das principais funções (FERNÁNDEZ, 2006):

- Embelezamento do corpo;
- Reprodução: atração sexual;
- Idade, sexo, alguma etapa biológica, classe social, posição de um mesmo indivíduo e/ou de um grupo completo;
- *Status* social;
- Elementos ritualísticos (nascimento, iniciação, matrimônio, cura, morte);
- Oferendas às divindades;

- Objetos de troca – que podem indicar uma expressão de poder e prestígio.

No que se refere ao problema 2, a hipótese parte da premissa de que há, não de forma exclusiva, uma reprodução de elementos sociais nas práticas mortuárias. Isso posto, parte-se da hipótese de que os adornos são indicadores relevantes, relacionados às distinções individual e social no grupo em contextos funerários. A presença de adornos corporais, sua função social e a região no corpo em que estão localizados constitui, dessa forma, elementos importantes da caracterização cultural. Possivelmente, de acordo com o que é verificado nos relatos etnográficos, em alguns grupos, as distinções sociais e etárias se diferenciarão mais visualmente através dos adornos do que as distinções sexuais.

De modo a responder o problema levantado e a testar a hipótese formulada, propõe-se como objetivo geral caracterizar os adornos e identificar ou diagnosticar a capacidade de simbolização ou significados bioculturais dos adornos nos indivíduos.

Elencou-se, ainda, os seguintes objetivos específicos:

- Estimar, por meio dos dados demográficos (sexo/idade) de cada esqueleto, se é possível observar distinções a partir dos adornos associados;
- Estimar, através de comparações, a variabilidade dos adornos no tempo;
- Elaborar uma classificação tipológica dos ornamentos;
- Definir os processos técnicos implicados na feitura dos adornos e as matérias-primas utilizadas.

### 3.2. Coleta e tratamento dos dados

Diante do que foi apresentado, quanto à escolha dos sítios pré-históricos, foi realizada uma pesquisa preliminar para verificar quais deles evidenciavam adornos associados a contexto funerário. Os sítios selecionados constam no que Martin (2008) denomina de Áreas Arqueológicas. A fim de construir um panorama contextualizado de todas as Áreas Arqueológicas, foi necessário realizar uma compilação dos dados ambientais, paleoambientais e arqueológicos.

É importante salientar que muitos dos sítios foram escavados com métodos e em períodos distintos, o que implica acesso distinto aos dados. Na presente pesquisa, todos foram trabalhados da mesma forma, mas os dados apresentados por cada um deles serão diversificados. O que foram coletados em escavações georeferenciadas terão precisões diferentes dos que foram obtidos apenas com o uso de níveis, por exemplo.

Os adornos selecionados estão inseridos em contextos funerários por serem fontes de informação contextual por excelência. Assim, ou alguns dos sítios arqueológicos selecionados estão perturbados, por fatores diversos, ou os indivíduos encontram-se em enterramentos coletivos, se tornando difícil a correlação com os adornos correspondentes, ou seja, em alguns sítios, não foi possível realizar uma análise contextual de indivíduo e adorno.

Nos sítios onde existe essa correlação, além da caracterização técnica, morfológica e tafonômica, também foram realizadas interpretações contextuais de uso e função.

Para a análise dos adornos, foi criado um protocolo em uma planilha de dados no *excel*, baseado em trabalhos como os de Fernández (2006), Martínéz (2015), Rodes (1989), Silva (2005) e Silva (2013). Na análise, foram compilados dados sobre os seguintes descritores: número de etiqueta da peça ou número de tombo, informações sobre a matéria-prima, dimensões, técnicas de preparação da superfície, aspectos tafonômicos, entre outras características.

Os adornos corporais analisados não expressam o todo dos ornamentos: fibras vegetais, couros, penas, dentre outros materiais perecíveis e suas posições, geralmente são alterados por múltiplos fatores formativos do registro arqueológico.

Durante as análises, não foi realizada a identificação taxonômica das coleções faunísticas. Os dados taxonômicos presentes nessa dissertação são referentes a dados já publicados.

A triagem e a análise do material arqueológico foram realizadas nas referidas instituições de acervo e guarda. Na Tabela 1, constam os locais de acondicionamento e os sítios correspondentes:

Tabela 1 – Os sítios arqueológicos estudados e seus locais de guarda dos acervos

<b>SÍTIO</b>	<b>LOCAIS DE GUARDA DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO</b>
<b>Toca do Enoque</b>	Laboratório de Vestígios orgânicos da FUMDHAM
<b>Toca do Alto do Capim</b>	Laboratório de Vestígios orgânicos da FUMDHAM
<b>Alcobaça</b>	Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense da Universidade Federal de Pernambuco (Retec-org e Labifor/UFPE)
<b>Cemitério dos Caboclos</b>	Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense da Universidade Federal de Pernambuco (Retec-org e Labifor/UFPE)
<b>Gruta do Padre</b>	Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense da Universidade Federal de Pernambuco (Retec-org e Labifor/UFPE)
<b>Mirador de Parelhas</b>	Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense da Universidade Federal de Pernambuco (Retec-org e Labifor/UFPE)
<b>Pedra do Alexandre</b>	Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense da Universidade Federal de Pernambuco (Retec-org e Labifor/UFPE)
<b>Furna do Estrago</b>	Museu de Arqueologia da Católica (Musarq) na Universidade Católica de Pernambuco
<b>Justino</b>	Museu de Arqueologia de Xingó (Max/UFS) da Universidade Federal de Sergipe
<b>Jerimum</b>	Museu de Arqueologia de Xingó (Max/UFS) da Universidade Federal de Sergipe

Fonte: autora

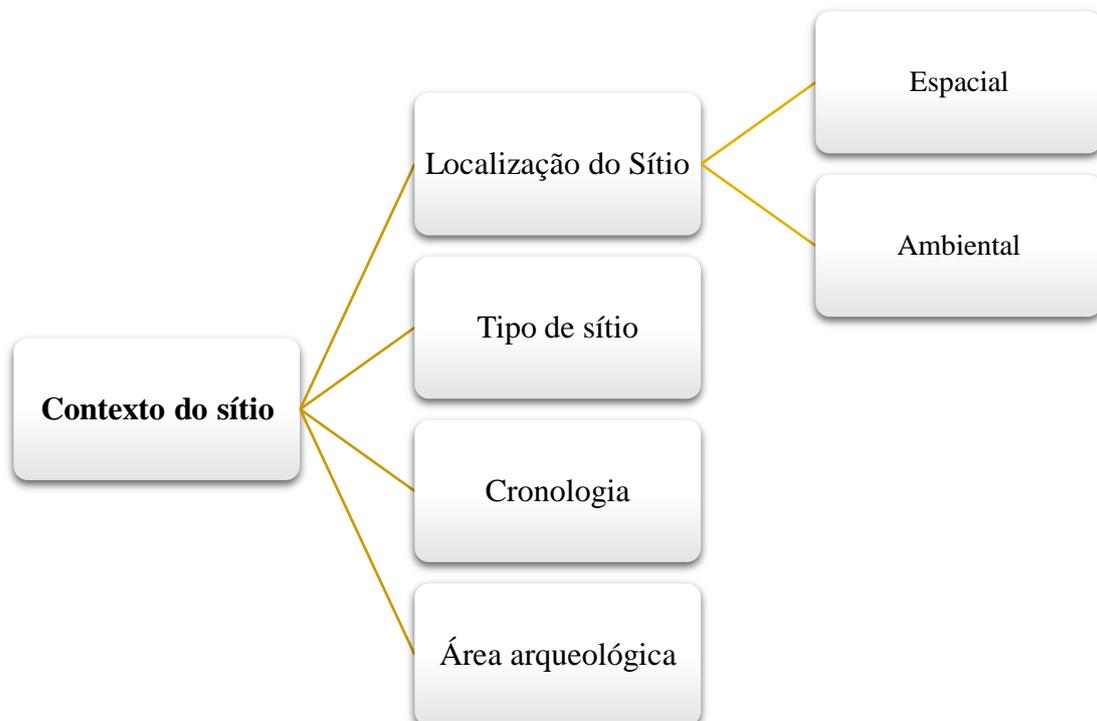
### 3.3. Sistematização e operacionalização das variáveis

A sistematização das variáveis operacionais a serem trabalhadas trazem um melhor controle sobre elas, visando a confirmar, refutar ou reformular as hipóteses propostas na pesquisa. Na escolha das variáveis selecionou-se primeiro, dados que demonstrem o reconhecimento do sítio, posteriormente variáveis contextuais e biológicas sobre os indivíduos identificados em contexto funerário na presença dos adornos e, por fim, o estudo da técnica, do uso e da função dos adornos corporais.

Leroi-Gourhan (1968) aponta que cada grupo cultural tem um sistema de comunicação e um ordenamento social apresentados a partir de um conjunto de fatores contextuais que precisam ser observados. Diante disso, foram selecionadas as variáveis para investigar o contexto do sítio arqueológico.

A caracterização dos sítios arqueológicos que apresentam adornos em seu contexto funerário tem por objetivo fornecer informações gerais sobre o espaço geográfico no qual estão inseridos, observando se existe influência dessas características nos adornos identificados (Quadro 1). Para tanto, foram definidas as seguintes variáveis:

Quadro 1 – Esquema das variáveis para o estudo dos sítios



Fonte: adaptado de Cisneiros (2003)

### 3.3.1 Contexto dos sítios

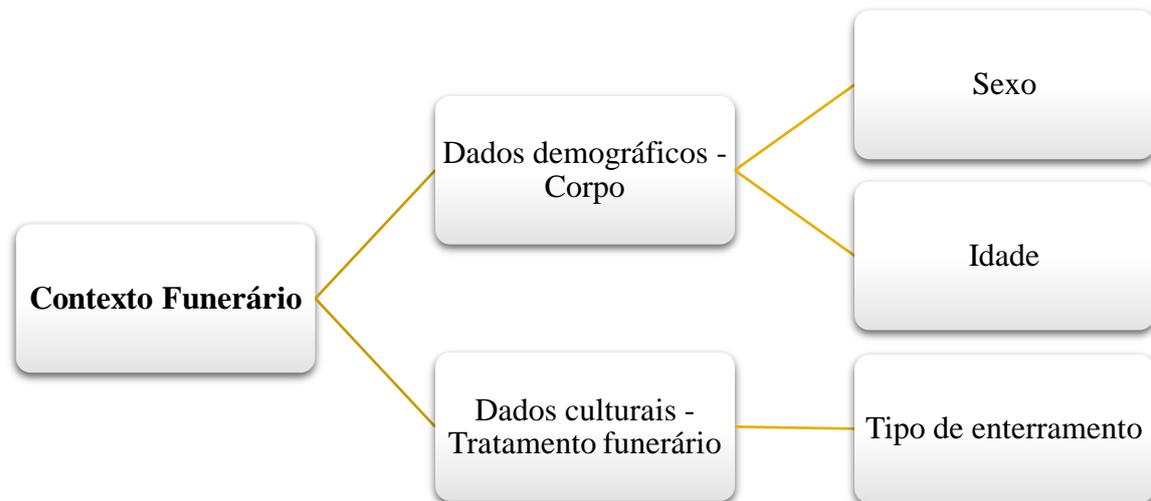
- Localização do sítio: esta variável foi necessária para os localizarmos espacial e ambientalmente;
- As coordenadas em UTM indicam o posicionamento geográfico no mapa e apresentam outros possíveis sítios que se encontram na área e que podem possuir as mesmas características ornamentais;
- As informações sobre o relevo auxiliam na percepção de pontos estratégicos para ocupação de grupos humanos do passado e na compreensão dos processos de deposição espacial do material arqueológico;
- Tipo de sítio: representa sua identificação estrutural; pode-se classificar a céu aberto ou abrigo sob rocha. Essa informação influencia diretamente na conservação do material arqueológico e é de extrema importância para a pesquisa;
- Cronologia: a datação é considerada o fator determinante para qualquer classificação em arqueologia pré-histórica. Através das datações, pode-se relacionar, por exemplo, a variabilidade das técnicas e os tratamentos na confecção dos adornos de sítios mais recentes com os mais antigos;
- Área Arqueológica: inserida na pesquisa como uma categoria de entrada, representa áreas de atuação de grupos pré-históricos, ultrapassando os limites dos sítios.

### 3.3.2 Contexto funerário

Dentro do contexto funerário foi adotado a tríade componencial que é formada pelas variáveis “Corpo” “Cova” e “Acompanhamento funerário”. A tríade foi formulada por Silva (2014) baseada em autores como Binford (1971), Saxe (1970) e Tainter (1957b). Durante a pesquisa foram utilizados as variáveis Corpo e Cova para realizar a caracterização dos remanescentes humanos verificados em contexto funerário (Quadro 2).

O estudo do corpo no processo funerário pretende identificar sexo, idade, classe, preparação do indivíduo no momento da morte, tratamento atribuído ao corpo e sua disposição etc. (BINFORD, 1971; D’AGOSTINO; SCHAPP, 1982; SILVA, 2014). Já segunda variável, que trata da Cova, observa orientação, tipo de enterramento, localização espacial da cova, estrutura da sepultura, dentre outras características (BINFORD, 1971).

Quadro 2 – Esquema das variáveis para a caracterização das práticas funerárias dos sítios



Fonte: autora

### ➤ Corpo

Os dados demográficos contemplam os atributos biológicos dos indivíduos sepultados e podem ser estudados através de dentes, vestígios ósseos ou tecidos moles (quando se conservam). Esses dados permitem observar sinais de doença, possível origem geográfica, sexo, idade. Nessa pesquisa, definimos sexo e idade como atributos de análise por serem pontos de divisão dentro de qualquer estrutura social e os norteadores na elucidação da problemática aqui posta. Divisões hierárquicas e de trabalho, no geral, se fazem mediante as diferenças sexuais e etárias (CISNEIROS, 2003).

Assim como Cisneiros (2003), Silva (2005) admite que o sexo e a idade são imprescindíveis para o estudo arqueológico dentro do contexto funerário. Nessa perspectiva, o autor também cita o gênero, termo que vem sendo utilizado com recorrência nas pesquisas atuais para descrever atributos culturalmente adquiridos, voltados para a percepção social de feminilidade e masculinidade, não sendo vinculado, necessariamente, ao sexo biológico.

Durante esse trabalho, não foram realizadas a diagnose sexual nem a estipulação de idade dos indivíduos com presença de adornos. Esses dados foram obtidos a partir de pesquisas previamente finalizadas e publicadas. As classes de idade utilizadas foram adotadas de acordo com White (2012), de modo que fetos e infantes (0 a 3 anos), crianças (3 a 12 anos),

adolescentes (12 a 20 anos), adultos jovem e maduro (20 a 50 anos)<sup>7</sup> e idoso (mais que 50 anos). Para a variável sexo, foi utilizado: “feminino”, “masculino” e “indeterminado”.

Os indivíduos nos quais não se pôde verificar sexo e idade não foram excluídos da análise, pois respondiam à segunda problemática levantada, sobre quais os tipos de adornos presentes no contexto funerário.

➤ Tratamento funerário - Cova

Os dados mortuários ou culturais estão efetivamente relacionados às práticas funerárias. Em associação aos dados demográficos, podem realizar inferências sobre o *status* social do indivíduo, por exemplo. O tratamento funerário é dispensado ao indivíduo.

Essa classe permite analisar os tipos de enterramento (primário ou secundário); acomodação do corpo (orientação, disposição dos membros e posição do corpo); quantidade de indivíduos por sepultura; presença de corante nos ossos etc. No presente trabalho, foram analisados apenas os tipos de enterramento, pois os primários e secundários podem apresentar influências na disposição espacial dos adornos e interferir na situação ou uso (local no qual o adorno foi identificado no corpo do indivíduo).

Essa identificação é realizada através da observação da disposição dos ossos dentro da sepultura. Nos enterramentos primários, é vista a conexão anatômica entre os ossos do esqueleto; nos secundários, os indivíduos sofreram algum tipo de tratamento e desarticulação, promovidos através da cremação, pintura dos ossos, corte ou polimento (SILVA, 2005; 2006). Para a pesquisa em si, tais dados foram obtidos de fontes publicadas.

### 3.4 Adornos corporais

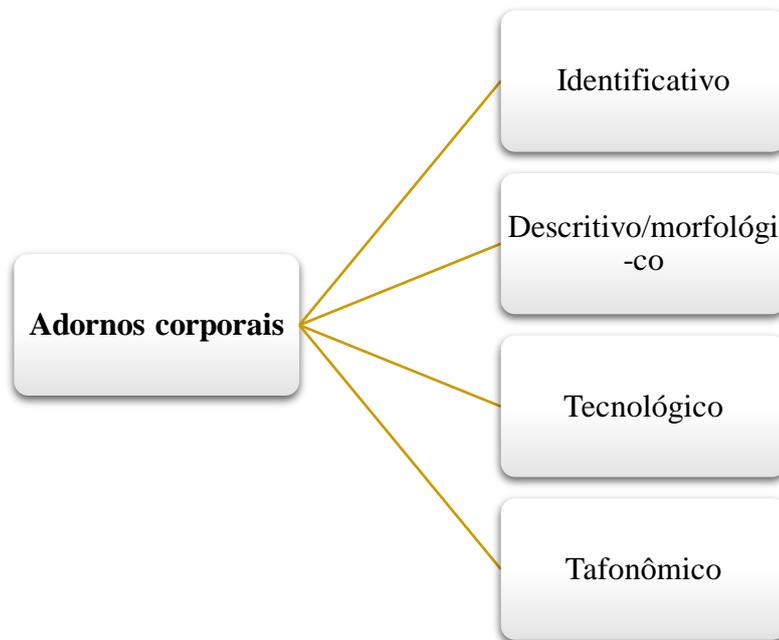
Os adornos corporais estão inclusos em uma categoria dentro dos “acompanhamentos funerários”, definido por Binant (1991) como adornos, paramentos, mobiliários, banquetes e oferendas rituais identificadas em contexto funerário. Já o termo “materiais associados”, empregado por Uchôa (1970; 1973), de acordo com Silva (2005), é mais abrangente e inclui as partes que compõem a estrutura da cova, como os blocos líticos depositados ao redor, manchas de carvão etc.

---

<sup>7</sup> Para a pesquisa, adota-se o termo “adulto” para todos os indivíduos que se enquadram na categoria de adulto jovem e maduro

Com o objetivo de inserir organizadamente todas as informações relativas aos adornos, foi elaborado um protocolo de análise que facilitasse a leitura/consulta e o posterior tratamento dos dados. A ficha está dividida em cinco variáveis temáticas (Quadro 3): a primeira, relacionada à identificação da peça; a segunda, responsável pela descrição; já a terceira variável trata da parte tecnológica, e a quarta variável diz respeito aos aspectos tafonômicos dos adornos (MARTINÉZ, 2015).

Quadro 3 – Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais



Fonte: autora

A primeira variável temática (Quadro 4) é a identificação do exemplar, composto pelo número da etiqueta ou número de tombo. Esse número é responsável pela individualização das peças. Nos adornos em que esse valor não existia, assim, foi criado um número único para diferenciá-los. Nessa primeira variável, também são mencionados os sítios arqueológicos aos quais cada adorno corporal pertence, relacionando-se, assim, à quantidade de adornos analisados em cada sítio arqueológico.

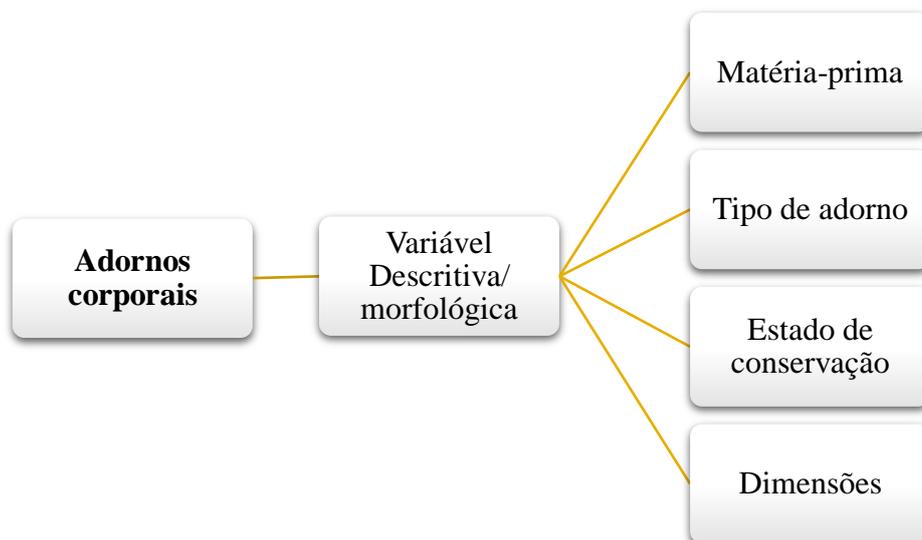
Quadro 4 – Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais: etapa da identificação da peça



Fonte: autora

A segunda variável temática trata da análise descritiva e morfológica, na qual se incluem os atributos: matéria-prima, tipo de adorno, estado de conservação e as dimensões da peça (Quadro 5).

Quadro 5. Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais – etapa da descrição da peça



Fonte: autora

➤ **Matéria-prima**

É válido salientar a importância da análise do tipo de base utilizado para a produção dos adornos. Em contexto brasileiro, os tipos de matéria-prima mais observadas são ossos, dentes, conchas, seguidos pelos minerais e as rochas. Após a chegada dos europeus e africanos,

são adicionadas as contas de vidro (SILVA *et al.*, 2014). Em alguns contextos funerários preservados, também são verificados adornos de sementes e madeira.

Na literatura, constata-se que os adornos de material ósseo são produzidos frequentemente a partir de fragmentos de diáfises, epífises, vertebras e chifres. Além desses, os dentes são usados de forma corriqueira. Mesmo com a quantidade inferior de dentes comparada à de ossos, a porcentagem de adornos feitos a partir do primeiro é superior ao número de adornos feitos do último (SILVA, 2013).

O suporte malacológico também é comumente identificado nos registros arqueológicos e é classificado como valvas de moluscos (classes de *bivalvia* e *Gastropoda*). As rochas e minerais, ainda que tenha uma maior durabilidade, são pouco observadas no contexto dos sítios pré-históricos do Nordeste e, quando são percebidas, geralmente estão vinculadas a indivíduos de *status* social diferenciado, de acordo com relatos etnográficos (SILVA *et al.*, 2014).

Por meio da identificação da matéria-prima, é possível realizar inferências sobre prováveis fontes e ter informações sobre a energia despendida na produção do objeto. No caso dos adornos feitos com espécies vegetais e animais, pode-se apontar as espécies e inferir sobre o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis.

#### ➤ Tipo de adorno

Essa categoria está associada ao modo de uso. Os tipos de adornos frequentemente verificados em contexto arqueológico são as contas e os pingentes. As contas geralmente são definidas a partir de sua morfologia e ao sistema de fixação que frequentemente se encontra no terço central da peça. Quando se trata de contas de vidro, porcelana ou plástico, emprega-se o termo miçanga, por alguns autores (PROUS, 1986/1990; RIBEIRO, 1988). Já os pingentes ou pendentives podem ser peças de formato mais alongado, ou seja, o comprimento maior que a largura, com sistema de suspensão situado no terço externo da peça, com uma única perfuração ou dupla perfuração. Em contexto arqueológico nos sítios analisados, também foram identificados adereços de cabelo, braceletes e tembetás.

#### ➤ Estado de conservação

Nesta categoria, para análise, verificou-se o quanto da peça estava presente no enterramento. Uma peça completa ou com poucas quebras possui estado de conservação ótimo

(100% a 75%), estado de conservação regular (75% a 25%) e estado de conservação péssimo (25% a 0%).

➤ Dimensões

Nesta etapa, foi realizada a mensuração dos adornos em função de comprimento, largura e espessura (observada através do uso do paquímetro). Na Figura 17 e na Figura 18, é possível observar como foram coletadas as dimensões.

- Para dentes, ossos, minerais e rochas – Largura máxima x Comprimento x Espessura

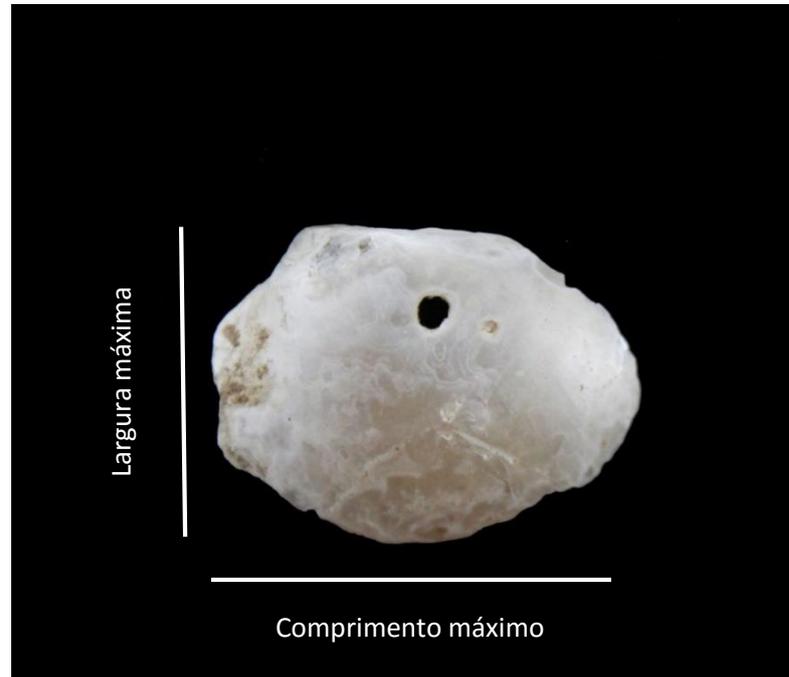
Figura 17 – Exemplo de como foram obtidas as medidas nas variadas matérias-primas



Fonte: Autora

- Para as conchas – Largura máxima x Comprimento máximo x Espessura

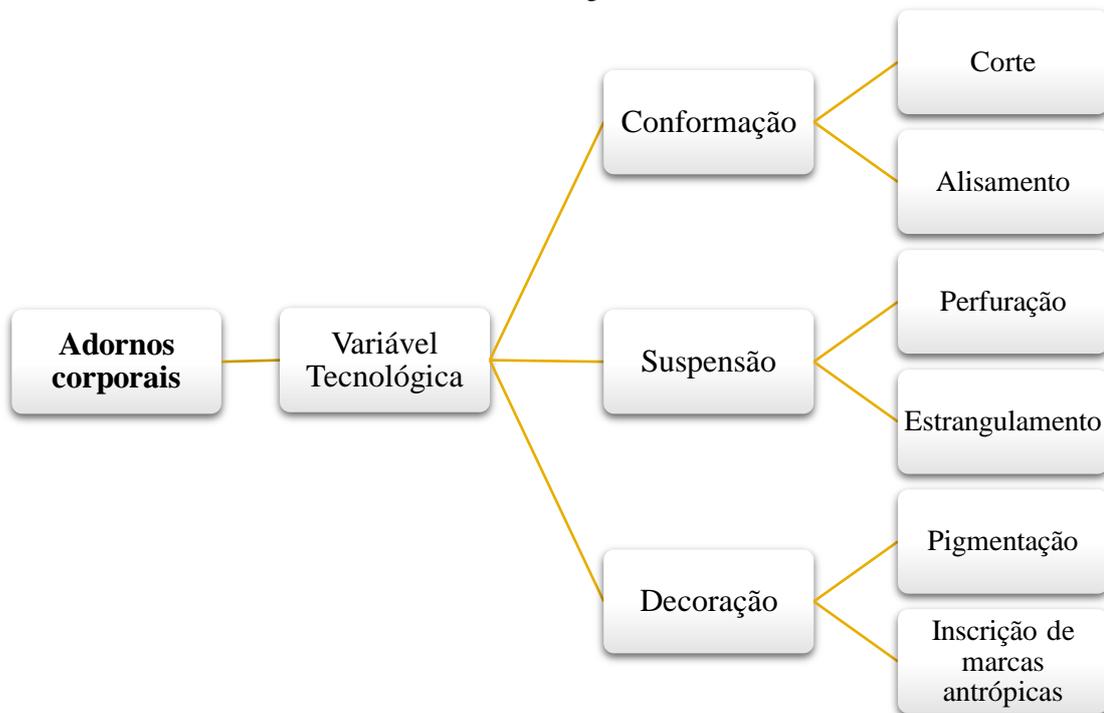
Figura 18 – Exemplo de como foram obtidas as medidas nos malacológicos. Pingente de concha do Sítio Jerimum



Fonte: autora

A terceira variável temática (Quadro 6) se refere à análise tecnológica dos adornos. A técnica é o conjunto de processos utilizados para produzir os adornos e pode ser dividida em três fases: a conformação (ação de dar forma) da peça, a etapa da suspensão e a decoração/coloração. As técnicas de preparação da superfície podem ser abrasão, corte, alisamento (polimento e facetamento), entre outras.

Quadro 6 – Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais: etapa dos aspectos tecnológicos e morfológicos



Fonte: autora

➤ Corte

O corte atua sobre o suporte, reduzindo ou transformando a superfície do adorno e preparando a zona na qual vai ser realizada a perfuração. Nessa pesquisa, essa variável foi lida como presente ou ausente, de acordo com observações macroscópicas.

➤ Alisamento (Polimento e/ou facetamento)

A etapa do alisamento geralmente está ligada ao acabamento da peça, tratamento dado com objetivo estético ou funcional. O polimento e o facetamento estão inclusos nessa mesma técnica, com graus diferentes. Ambas as técnicas têm o intuito de dar suavidade aos cortes e às perfurações, retirar irregularidades encontradas na superfície e, geralmente, promover brilho ao material. Caso o alisamento seja com maior intensidade, gerando faces na peça, é considerada a técnica do facetamento, comum em adornos feitos sobre minerais e rochas.

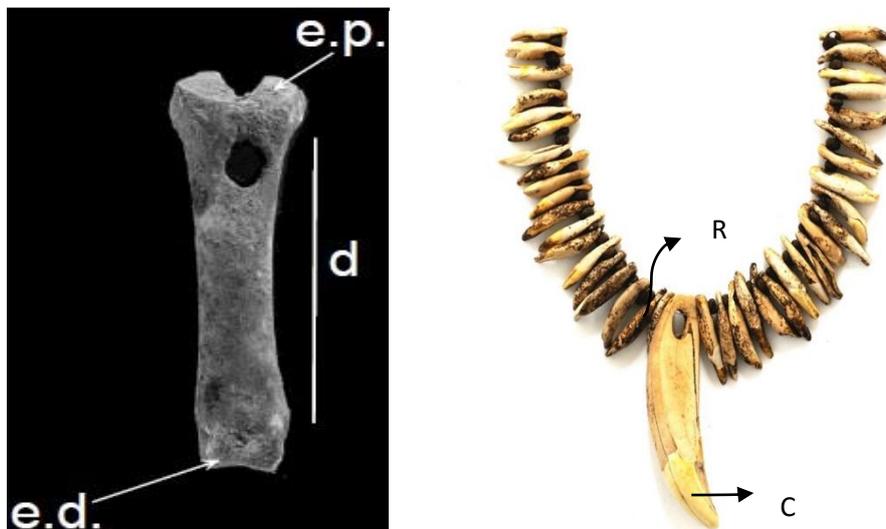
A suspensão é a etapa indispensável na formulação, principalmente, dos pingentes. Existem dois tipos de suspensões: a perfuração e o estrangulamento.

### ➤ Perfuração

A perfuração é técnica mais comum nos elementos de suspensão e consiste na obtenção de um orifício no qual será introduzida a “fibra” (ou qualquer outro elemento utilizado para suspender as contas e pingentes). Dentro dessa variável, estão outras subvariáveis, como:

- Número de perfurações – Quantidade de perfurações verificadas nos adornos corporais;
- Origem das perfurações – Entende-se como origem a causa que motivou a presença da perfuração. Dentro dessa subvariável, existem duas categorias distintas: as perfurações intencionais, nas quais a perfuração foi antrópica, e as não intencionais, nas quais o elemento de suspensão já existia na peça ou foi produzido de modo não natural;
- Morfologia da perfuração – São as formas geométricas verificadas nas perfurações, tais como: irregular, cônica, bicônica e alargada;
- Local da perfuração – Para responder a essa variável, utilizou-se para os ossos e dentes nomenclaturas anatômicas, como perfuração na epífise proximal (e.p.), distal (e.d.) ou na diáfise (D) para os ossos; no dente, a perfuração pode ocorrer na raiz (R) do dente ou na coroa (C) (Figura 19).

Figura 19 – Exemplo de como foram observados os locais de perfuração



Fonte: adaptado de Fernández (2006)

➤ Estrangulamento

O segundo tipo de suspensão é realizado mediante um afinamento, recorte ou entalhamento de uma determinada zona da peça, formando um sulco periférico no qual será colocado a fibra (RODES, 1989).

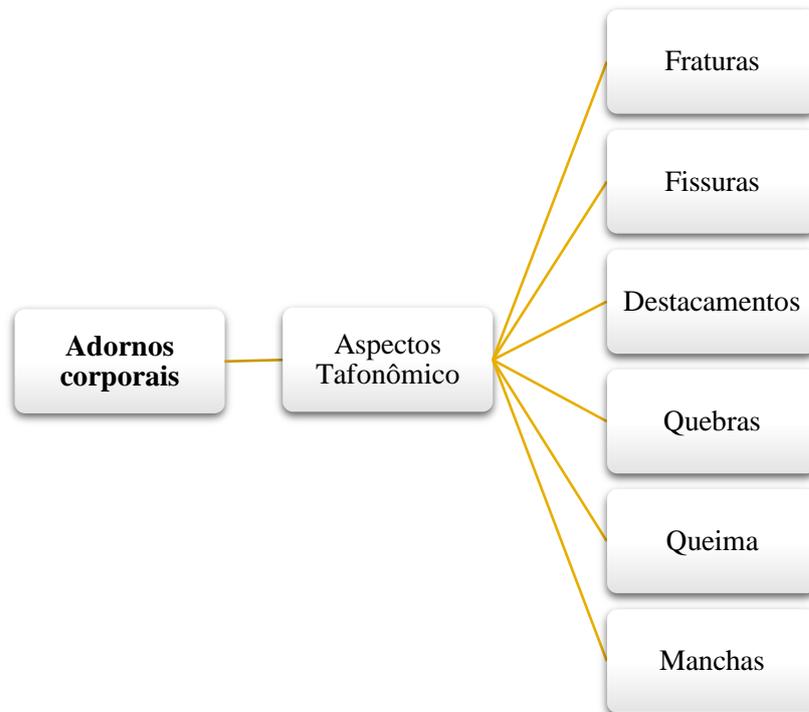
A última etapa é a decoração e/ou pigmentação. Geralmente, se percebe a presença de tintas ou de outros materiais utilizados como corantes para produzir efeitos. Ademais, é verificada a presença de marcas em baixo relevo sobre a superfície do adorno. Contudo, essa categoria está mais ligada aos artefatos produzidos em vidro que apresentam vastas categorias de decoração (SILVA, 2013).

A quarta variável temática (Quadro 7) corresponde dos aspectos tafonômicos verificados nos adornos, entendidos como processos naturais ou antrópicos que ocorrem (no caso do objeto dessa pesquisa) nos adornos, causando alterações em sua estrutura, modificando sua forma ou variando sua composição físico-química e atuando diretamente sobre o estado de conservação do material e o potencial analítico e interpretativo do contexto arqueológico (SANTOS, 2000).

Os agentes tafonômicos podem ser vistos através de processos biológicos, como raízes, animais, ou através de processos abióticos, como fatores climáticos, pressão do sedimento, água, entre outros. As alterações tafonômicas foram vistas de forma macroscópica, com ajuda de lupas.

- Fraturas – A fratura é uma descontinuidade ou rachadura (AUFDERHEIDE; RODRÍGUEZ-MARTÍN, 2006);
- Fissura – Quando ocorre a perda da continuidade de forma pouco profunda, nos objetos são observadas pequenas ranhuras na superfície;
- Destacamentos- São percas de pequenas partes da superfície do material, obtendo um resultado descascado;
- Quebras – Quando ocorre a perda de uma porção do objeto (SOLARI *et al*, 2015);
- Queima – Objetos com manchas de combustão natural ou antrópica;
- Manchas – Coloração diferenciada decorrente de processos deposicionais de naturezas diversas.

Quadro 7 – Esquema das variáveis para a caracterização dos adornos corporais: etapa dos aspectos tafonômicos



Fonte: autora

Por fim, foram abordados o uso e a função dos adornos corporais identificados em contexto funerário. Essas duas variáveis são consideradas as mais difíceis de serem percebidas, devido aos problemas de conservação verificados no cenário pré-histórico. Em relação ao uso, busca-se a região no corpo na qual o adorno foi identificado. Esta etapa foi percebida através do levantamento topográfico, croquis e fotos de campo dos enterramentos. Silva (2005) também utiliza os termos “situação” ou “setor”, e seus tipos são: adornos de cabeça, adornos de pescoço, adornos de orelhas etc.

A função social dos adornos foi discutida a partir de relatos sobre grupos indígenas viventes, por meio da etnoarqueologia. É possível que diferenças sexuais, complexidade social ou identificação étnica sejam verificadas a partir de matérias-primas distintas, por exemplo. Os adornos reconhecidos com tipologia distinta ou matéria-prima identificada em poucos indivíduos tendem a ter interpretações diversificadas. Por se tratar do estudo de grupos pré-históricos em que não é mais encontrado o contexto dos rituais e o conjunto das mensagens atribuídos aos adornos, questões relativas as funções sociais podem ficar comprometidas.

Dessa forma, entendemos que um mesmo objeto pode ter uma função específica em dado momento e, posteriormente, acabar modificando seu significado. Essa condição de funcionalidade efêmera torna difícil a interpretação dos adornos corporais pré-históricos. Os documentos etnográficos e relatos de cronistas se inclinam a demonstrar, no caso da nossa pesquisa, algumas possíveis explicações, fomentando o debate arqueológico. No entanto, é

necessário salientar que os discursos desses cronistas foram produzidos sob uma ótica europeia e colonizadora.

As fontes etnográficas serão utilizadas de forma a complementar a compreensão dos adornos identificados em contexto funerário. Para a pesquisa, foram selecionados cronistas que conviveram com grupos indígenas do Nordeste do Brasil e autores que, em suas obras, tratam dos costumes e formas de ornamentação de grupos indígenas em outras regiões do Brasil, tais quais: Cardin (1978), Casal (1976), D'Evreux (1874), Gandavo (1980), Lery (1961), Salvador (1627), Sousa (2000) e Staden (1930).

Foram também selecionadas obras de alguns antropólogos e etnólogos que discutem questões sobre as ornamentações corporais, são elas: Baldus (1937), Castro (1986), Cunha (1978), Ehrenreich (2014), Muller (1985), Novaes (2006), Pinto (1956), Ribeiro (1987), Vidal (2000) e Vidal e Muller (1987). A listagem dos autores é baseada nas indicações tratadas por Castro (2009), Cisneiros (2003), Silva (2013) e por pesquisas bibliográficas. Estas não foram realizadas com o objetivo de esgotar a temática abordada.

#### 4. ADORNOS PRÉ-HISTÓRICOS NAS ÁREAS ARQUEOLÓGICAS DO NORDESTE DO BRASIL: CONTEXTO E CRONOLOGIA

Neste capítulo, será abordado o histórico das pesquisas nas Áreas Arqueológicas selecionadas, os contextos ambientais e a cronologia dos sítios pré-históricos com presença de adornos. As pesquisas arqueológicas com evidência de adornos em contexto funerário apresentam, em muitos casos, dados sistemáticos e dados pontuais, os quais serão apresentados a seguir.

##### **4.1. Descrição e sistematização dos adornos nas Áreas Arqueológicas**

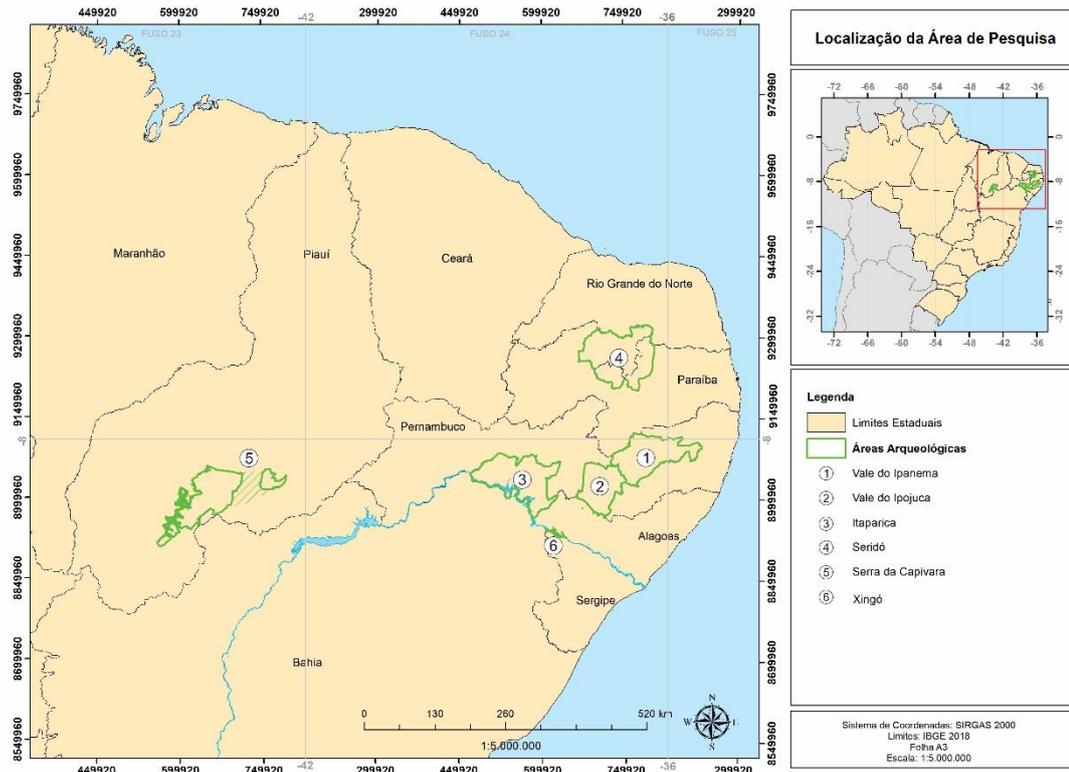
Aspectos que tratam da ambiência são importantes, desde que se entenda a sua correlação com os traços culturais dos grupos pretéritos que ali habitavam. A fusão de conhecimentos das ciências geográfica e geológica com a Arqueologia consegue definir, muitas vezes, um detalhamento da paisagem local, permitindo que inferências mais assertivas relacionadas às ações cotidianas dos grupos do passado possam ser feitas.

A caracterização ambiental exposta neste capítulo tem como categoria de entrada sítios presentes nas Áreas Arqueológicas do Nordeste. As categorias de entrada são criadas a fim de se obter, a partir de estudos sistemáticos dos sítios arqueológicos, crono-estratigrafias passíveis de determinarem ocupações humanas em toda parte dessa área. Já os enclaves pré-históricos são categorias de saída, nas quais são observados os limites culturais e cronológicos das ocupações, ou seja, as dispersões e o conseqüente abandono da área (MARTIN, 2008).

Martin (2008) conceitua as Áreas Arqueológicas como divisões geográficas que compartilhem das mesmas condições ecológicas e nas quais está delimitado um número expressivo de sítios pré-históricos. Essas áreas são estabelecidas mediante escavações, pesquisas exaustivas e estudos geomorfológicos que atestem a presença de ocupações pré-históricas e que apresentem caracterizadores culturais e cronologias absolutas, relativas ou estimadas na determinada microrregião. Assim, elas apresentam um princípio teórico muito mais conceitual do que geográfico, o que faz com que seus limites geográficos não sejam rígidos, mas flexíveis e dinâmicos, sendo modificados de acordo com a identificação de novas ocupações (MARTIN, 2008).

Nesta pesquisa, os sítios selecionados (Figura 20) estão distribuídos nas seguintes Áreas Arqueológicas: Vale do Ipanema (PE), Vale do Ipojuca (PE), Itaparica (PE/BA), Seridó (RN), Serra da Capivara (PI) e Xingó (SE/AL).

Figura 20 – Localização dos sítios selecionados para a pesquisa



Fonte: Adolfo Okuyama<sup>8</sup>

Serão apresentados dados sobre o histórico de identificação das Áreas Arqueológicas, seus contextos ambientais, paleoambientais e arqueológicos, com o objetivo de estabelecer um quadro geral da paisagem onde os adornos se encontram.

#### 4.1.1 Área Arqueológica do Vale do Ipanema

No final dos anos de 1970, foram desenvolvidas pesquisas sistemáticas sobre o potencial arqueológico na Região do Agreste em Pernambuco, tendo como ponto de partida o cadastro e a análise de sítios com registros rupestres. Intitulado Projeto Agreste, foi realizado pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), coordenado por Gabriela Martin e Alice Aguiar.

O Projeto Agreste, além de realizar o levantamento de registro rupestres, procedeu ao estudo do entorno, posicionamento topográfico e caracterização geoambiental. Em vários sítios, também foram situadas as áreas de habitação e cemitério dos grupos que realizavam as pinturas rupestres (MARTIN, 2008).

<sup>8</sup> Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí.

As feições geomorfológicas da Região do Agreste pernambucano são os Tabuleiros Pré-litorâneos, a Chapada de São José, a Depressão Sertaneja e o Planalto da Borborema. A Área Arqueológica Vale do Ipanema, mais especificamente os municípios onde estão inseridos os sítios arqueológicos estudados durante a pesquisa, tais como o município de Venturosa e Buíque, estão inseridos no relevo do Planalto da Borborema e na Chapada de São José, respectivamente (AMARAL, 2007).

Nessas cidades, a morfologia do relevo se caracteriza por áreas planas e rebaixadas topograficamente que se contrapõem com áreas de relevo acidentado através de colinas e serras de vertentes íngremes. São banhados pela rede hidrográfica da Bacia do Rio Ipanema e seus principais afluentes são os rios dos Bois e Cordeiro e os riachos da Luiza, Veneza, Catimbau e da Carrapateira (AMARAL, 2007).

Sobre a questão do paleoambiente, de acordo com Amaral (2007) e Barbosa (2007), ainda não existem investigações profundas no Agreste pernambucano. Em Buíque, segundo Ribeiro (2002), estudos palinológicos indicam uma alta biodiversidade de elementos da Floresta Amazônica e Mata Atlântica, bem como elementos da Floresta Serrana, sugerindo condições climáticas bastante úmidas durante os últimos 11.000 anos BP no Pleistoceno tardio e início do Holoceno. Entre 10.540 anos BP e 8.910 anos BP, houve um aumento na temperatura e predomínio de vegetação do cerrado. Já entre 8.910 anos BP e 4.535 anos BP, houve um progressivo declínio dos elementos do cerrado e um gradual aumento da caatinga até se formar a vegetação que se observa atualmente.

A Área Arqueológica do Vale do Ipanema é composta por uma variedade de sítios pré-históricos, caracterizados por lugares de habitação, sítios cemitérios e, majoritariamente, sítios com registro rupestres. Trabalhos como os de Aguiar (1986), Amaral (2007), Albuquerque e Lucena (1991), Barbosa (2007), Martin (2008), Luft (1990), Oliveira (2006), Pessis (2003) entre outros, demonstram bem essa diversidade.

Apesar da variedade de sítios pré-históricos no Vale do Ipanema, verificam-se poucas pesquisas com datações absolutas para a área. Até o momento, conforme os autores Albuquerque e Lucena (1991), Martin (2008) e Oliveira (2006), os sítios que apresentam um panorama cronológico da área são os abrigos Peri-Peri I e Alcobaça e as aldeias PE48-Mxa e PE91-Mxa.

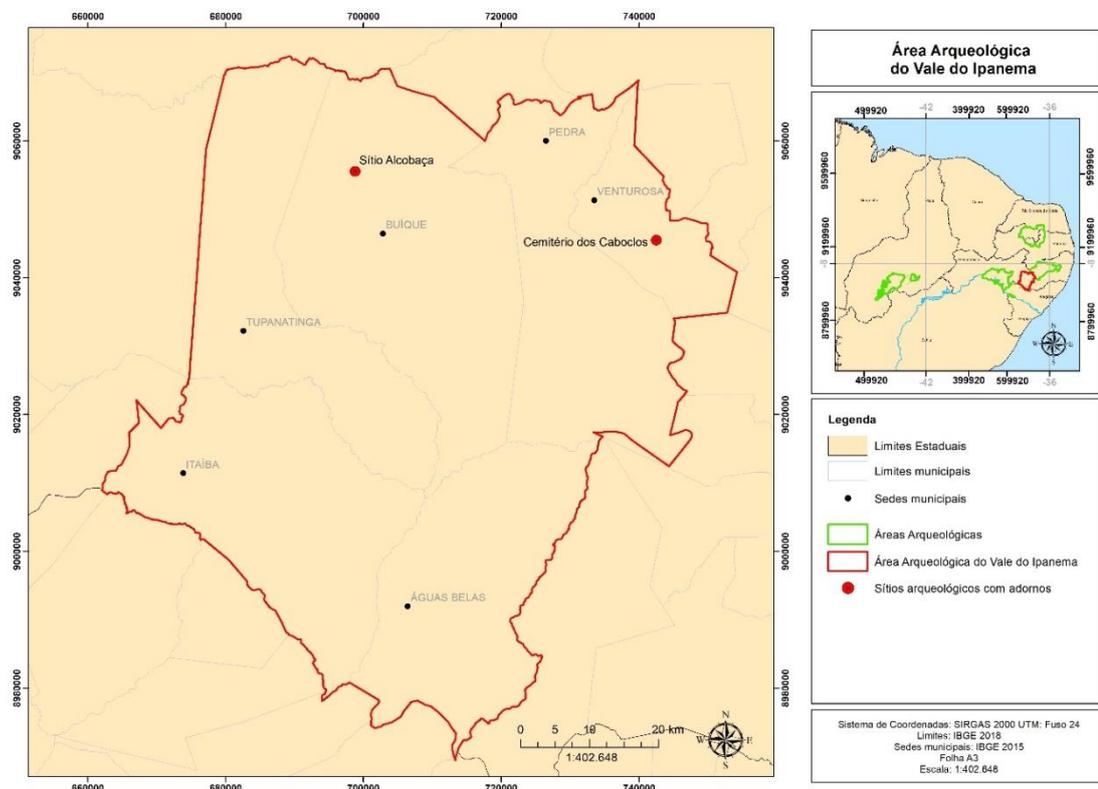
Os sítios PE 91-MXa e PE 48-Mxa, ambos escavados, na década de 1970, por Marcos Albuquerque, exibiram como vestígios culturais: materiais líticos, estruturas de fogueiras, restos vegetais, ossos animais e enterramentos com presença de cestas em fibra vegetal cobrindo a cabeça dos indivíduos. Para o sítio PE 91-Mxa, foram obtidas cinco datações: a mais recuada

é de  $6.640 \pm 95$  anos BP. Já o Sítio PE 48-Mxa possui uma datação mais recente para a área de  $270 \pm 150$  anos BP (ABUQUERQUE; LUCENA, 1991).

O Peri-Peri I é um sítio de registro rupestre e sua datação é de 1.760 a 2.030 anos BP, o que constitui a primeira datação relativa de registros rupestres de Pernambuco. Foram identificados, nesse sítio, duas fogueiras estruturadas com restos de ocre, lascas de quartzo, seixos desgastados pela abrasão e núcleos de hematita, todos eles com sinais de uso. De acordo com Martin (2008), esses vestígios permitiram inferir sua utilização no preparo das tintas observadas no paredão rochoso.

Além dos sítios já mencionados, tem-se, ainda, o Sítio Alcobaça e o Cemitério dos Caboclos (Figura 21), que foram selecionados para a pesquisa devido à presença dos adornos em contexto funerário. Destes, apenas o Alcobaça tem dados cronológicos publicados.

Figura 21 – Área Arqueológica do Vale do Ipanema com a localização dos Sítios Alcobaça e Cemitério dos Caboclos



Fonte: Adolfo Okuyama

O **Sítio Arqueológico Alcobaça** foi escavado pela arqueóloga Ana Nascimento entre os anos de 1996 e 1998. Está localizado na microrregião de Arcoverde, município de Buíque, distrito de Carneiro, sob as coordenadas Zona 24L UTM E 698800 e UTM N 9055581. O sítio é um abrigo sob rocha arenítica (Figura 22), com presença de pinturas rupestres, da tradição

Agreste, em um painel de 40m de comprimento e 2 a 3 metros de largura, como também de uma sepultura com enterramentos secundários, ossos parcialmente cremados e alguns com pigmentação avermelhada (NASCIMENTO *et al.*, 1994; 1995/1996).

Figura 22 – Vista geral do Sítio Alcobaça



Fonte: Laboratório de Registro Gráfico do Departamento de Arqueologia da UFPE

O sítio se destaca pela complexidade dos grafismos rupestres encontrados no suporte rochoso, composto por um grande painel de pinturas policromáticas, em sua maioria, grafismos puros e antropomorfos e um painel de gravuras (CASTRO, 2009).

Assim, realizou-se uma separação em três áreas: Área I – próxima à parede do abrigo; Área II – localizada no sentido Norte do sítio, onde foi observado um extenso pacote sedimentar, e Área III – localizada no sentido Sul, escolhida em razão do perigo de destruição pelas visitas desordenadas de turistas e curiosos, bem como da presença de animais que se abrigavam à noite. A área III encontra-se na entrada do abrigo (OLIVEIRA, 2006).

As datações do sítio Alcobaça indicam que o abrigo foi utilizado por um período de 4.851 a 888 anos BP. Nas três áreas, verificou-se ocupações por grupos humanos em momentos distintos. Entre o período de  $1561 \pm 25$  anos BP a  $2466 \pm 26$  anos BP, o sítio Alcobaça foi ocupado como cemitério por grupos ceramistas (Tabela 2).

Tabela 2 – Datações das áreas escavadas do Sítio Alcobaça

	Área I	Área II	Área III
Ocupações temporárias sem enterramento com presença de cerâmica			4.851 ± 30
			4.733 ± 29
		4.697 ± 30	
			4.243 ± 26
			4.000 ± 28
			3.411 ± 30
			2.690 ± 25
Ocupações como cemitério por grupos ceramistas	2.466 ± 26		
	2.405 ± 30		
	2184 ± 32		
	2.111 ± 26		
	1.873 ± 24		
	1.812 ± 26		
	1.785 ± 49		
	1.766 ± 24		
	1.561 ± 25		
Ocupações sem enterramentos com presença de cerâmica			1.472 ± 25
		1.234 ± 24	
		1.200 ± 25	
		1.172 ± 28	
			1.118 ± 24
		1.099 ± 26	
		980 ± 25	
		888 ± 25	

Fonte: adaptado de Oliveira (2006)

De acordo com Oliveira (2006), os indivíduos enterrados foram queimados em covas junto com seus acompanhamentos funerários e adornos. A autora ainda relata que, apesar da datação de 2.405 anos BP, referente ao carvão coletado na fogueira de cremação do enterramento de número 1, apresentar uma diferença cronológica de 654 anos em relação ao enterramento de número 3, datado de 1.812 anos BP, não foi observada qualquer mudança nos enterramentos, o que indica uma recorrência cultural.

Os cinco enterramentos identificados no sítio Alcobaça eram do tipo secundário, os ossos apresentavam-se bastante fragmentados e cremados (SANTOS, 2000), prática comum em grupos humanos pré-históricos do interior de Pernambuco entre 2.500 e 1.500 anos BP (OLIVEIRA, 2006).

A identificação dos indivíduos por cova foi realizada pelo método de contagem mínima, e, até o momento, não se tem dados publicados sobre o sexo (Tabela 3) dos esqueletos, devido ao alto grau de fragmentação (CISNEIROS, 2003).

Tabela 3 – Dados dos enterramentos do Sítio Alcobaça

Número do enterramento	Tipo de enterramento	Quantidade de indivíduos	Sexo	Idade	Datação
1	Secundário	6	Não identificado	04 adultos e 02 crianças	2.466 ± 26
2	Secundário	2	Não identificado	02 crianças	1.873 ± 24
3	Secundário	2	Não identificado	02 crianças	1.812 ± 26
4	Secundário	6	Não identificado	04 Adultos jovens e 02 crianças	2.405 ± 30
5	Secundário	7	Não identificado	04 Adultos jovens e 03 crianças	2.184 ± 32

Fonte: adaptado de Oliveira (2006)

Associado às sepulturas (Tabela 4), há um conjunto de artefatos e ecofatos, tais como restos vegetais, cestarias trançadas, vestígios animais, material lítico, fragmentos de ocre e fragmentos de cerâmica. Os enterramentos também possuíam tratamentos através da pintura dos ossos e o envolvimento através das fibras vegetais (NASCIMENTO *et al.*, 1994).

Tabela 4 – Dados dos enterramentos do Sítio Alcobaça

Número do enterramento	Tratamento do corpo			Cultura Material associada	
	Ocre	Cremação	Acomodação do corpo	Adornos	Acompanhamento funerário
1	Ausente	Presente	Envolvidos em trançados de fibra vegetal	Ausente	restos de cestaria, folhas de palmeira, fragmentos de cerâmica, óxido de ferro e material faunístico
2	Ausente	Presente	Ausente	Ausente	restos de trançado, vestígios vegetais, fragmentos cerâmicos e material faunístico

3	Ausente	Presente	Ausente	Ausente	vestígios vegetais e material faunístico
4	Presente	Presente	Envolvidos em trançados de fibra vegetal	Ausente	restos de cestaria, material lítico, fragmentos de cerâmica, material faunístico
5	Presente	Presente	Ausente	Presente	Fibras vegetais

Fonte: adaptado de Oliveira (2006)

O **Sítio Arqueológico Cemitério dos Caboclos** foi escavado pelo arqueólogo Vladimir Luft, no final da década de 1980. Está localizado no município de Venturosa, em Pernambuco, na Serra do Bocu, sob as coordenadas Zona 24L UTM E 742509.74 e UTM N 9045501.04.

O espaço é um abrigo sob rocha, voltado para o Nordeste, a uma altitude de 710m. Apresenta em seu teto um único painel de 2,7m de largura por 1,3m de altura composto por uma figura antropomórfica pintada em vermelho e rotulada como pertencente à tradição Agreste, além de algumas manchas com elementos não reconhecíveis (CISNEIROS, 2003; LUFT, 1990).

No sítio, achou-se alguns ossos fragmentados em superfície. Em profundidade, durante a escavação, apresentou uma única camada sedimentar de 27cm, escavada em quatro níveis artificiais. Os enterramentos são do tipo secundário, em cova, queimados e sem ordenação dos ossos. Devido ao grau de fragmentação e cremação dos ossos, foi possível, a partir da técnica de contagem mínima, contabilizar 15 indivíduos adultos e 9 jovens (MARTIN, 2008).

Segundo Luft (1990), na área do sítio, também foram identificadas estruturas de fogueira que guiaram a distribuição do material verificado: material lítico, ósseo e cerâmico. Em campo, foram encontrados 4 pingentes em ossos e 63 contas de colar, dentre as quais 3 são em ossos, 46, em sementes e 14, em rocha.

Ainda sobre esse sítio, não se identificaram mais dados que contextualizassem melhor os vestígios arqueológicos identificados.

#### 4.1.2 Área Arqueológica do Vale do Ipojuca

A Área Arqueológica do Vale do Ipojuca teve suas pesquisas iniciadas nos anos de 1960 por Marcos Albuquerque. Em seguida, a equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE também realizou um levantamento na área com o cadastro e análise de sítios

arqueológicos através do Projeto Agreste, já mencionado anteriormente. Em 1982, Jeanette Lima, da Universidade Católica de Pernambuco, assumiu as prospecções como integrante do Projeto de Pesquisas Arqueológicas do município de Brejo da Madre de Deus (CASTRO, 2009).

Diante disso, o objetivo do projeto era inventariar, realizar escavações e incluir alguns sítios no roteiro turístico do município. Com o avanço das pesquisas, foi observado o potencial dessas Áreas Arqueológicas para o estudo dos grupos humanos pré-históricos do estado de Pernambuco (LEITE *et al.*, 2014).

A Área Arqueológica do Vale do Ipojuca está localizada no domínio geomorfológico do Planalto da Borborema. Trata-se de um relevo maciço cristalino pré-cambriano, com vastas superfícies planálticas de relevos aplainados intercalados com áreas dissecadas em terrenos de morro e montanhas (TORRES; PFALTZGRAFF, 2014).

Algumas áreas do Vale do Ipojuca possuem domínio montanhoso com vertentes retilíneas a côncavas e topos levemente arredondados. Nesse espaço de clima semiúmido, existem áreas de exceção, com redutos de mata atlântica, chamados de brejos de altitude. Os mais conhecidos são Serra Negra e Madre de Deus (TORRES; PFALTZGRAFF, 2014).

Quanto aos brejos, Martin (2008) salienta sua importância para o conhecimento de grupos pré-histórico, pois são lugares de atração e concentração de grupos humanos, considerados “oásis” em regiões extremamente secas. Os brejos são, portanto, enclaves tropicais no semiárido, possuindo setor mais úmido e solos férteis com filetes de água.

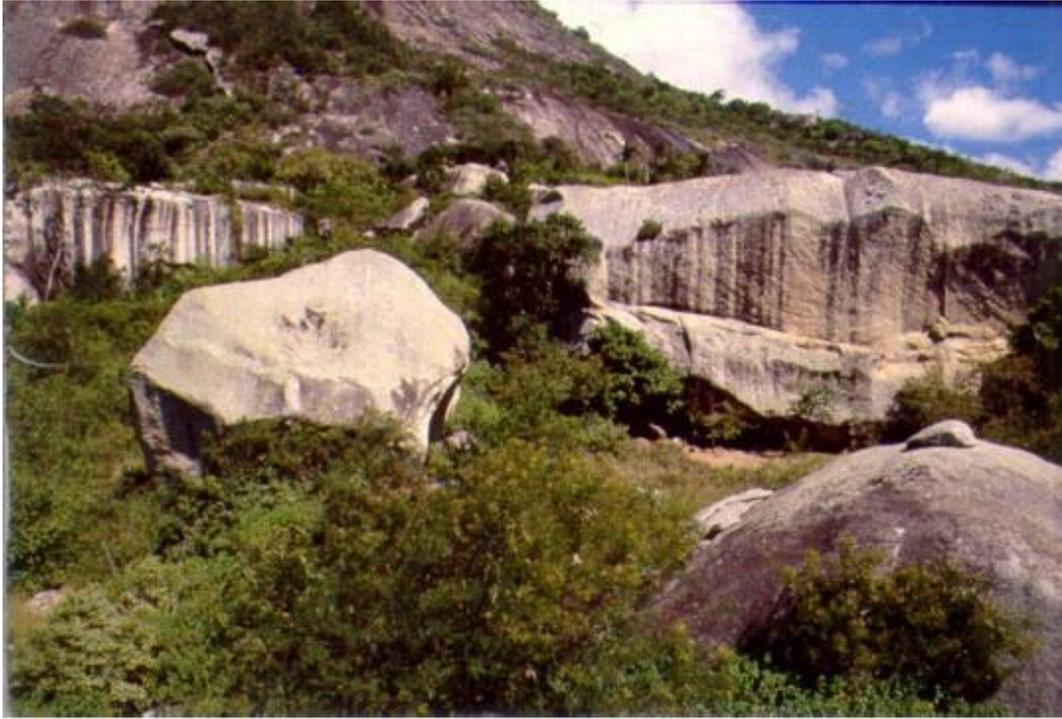
Do alto dos maciços e platôs do Planalto da Borborema, nascem vários rios de importância regional, como o Capibaribe, o Ipojuca, o Una e o Sirinhaém, descendo o planalto em direção ao Oceano Atlântico. O rio Ipanema segue para o sul como tributário do Rio São Francisco, e o Mundaú deságua numa lagoa do litoral de Alagoas (TORRES; PFALTZGRAFF, 2014).

No concernente ao contexto arqueológico, o Vale do Ipojuca é composto por inúmeros sítios arqueológicos. Santos (2007) realizou um inventário sobre o patrimônio pré-histórico no Agreste e constatou que, em quase todos os municípios que compõe o Vale do Ipojuca, aparecem sítios-pré-históricos com ampla ocupação. Trabalhos como os de Alvim (1991), Costa e Lima (2016), Lima (1985), Martin (2008), entre outros, trazem informações sobre alguns dos sítios arqueológicos estudados nessa área.

Mesmo com tantos sítios, o Vale do Ipojuca, assim como o Vale do Ipanema, não apresenta muitas pesquisas com presença de sítios arqueológicos datados. Nessa área, até o momento, de acordo com Lima (1985), verificou-se grupos humanos caçadores coletores do



Figura 24 – Vista do abrigo Furna do Estrago.



Fonte: Lima *et al.* (2012).

O sítio é formado por um desprendimento de um grande bloco de granito que, ao deslizar, manteve uma posição horizontal, dando origem a um alongado e baixo abrigo com 4,80m de altura, 8,80m de profundidade, 19m de abertura voltada para o Nordeste e um salão de 125 m<sup>2</sup> de área coberta (CISNEIROS, 2003; SCHMITZ, 2014).

Schmitz (2014), que também escavou o sítio entre 1983 e 1987, relata que o piso do sítio é suavemente inclinado para o fundo, onde há vestígios de um sumidouro. Os blocos do abrigo são irregulares, mas bem transitáveis. Quando a água da encosta entrava no abrigo, principalmente durante o Ótimo Climático, ela penetrava pelo lado esquerdo, lavava o centro e desaparecia pelo fundo. No Holoceno, com exceção do Ótimo Climático, o abrigo era seco.

Na parte da frente do sítio, em área não abrigada, existem altos blocos rochosos também desprendidos da encosta granítica; nas bordas desses blocos, se formaram pequenos abrigos complementares, onde há o testemunho de uma antiga lagoa. A parte de cima dos blocos se denomina Vale Fronteiro, do riacho Brejo da Madre de Deus, afluente do Rio Capibaribe. Em um desses blocos, a aproximadamente 67m do abrigo principal, existe a Rocha do Letreiro, um sítio com pinturas rupestres de cor vermelha com figuras de antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos, que, possivelmente, têm relação com a ocupação dos caçadores coletores da Furna (LIMA, 2012; SCHMITZ, 2014).

Para mais, nele, foram verificados registros rupestres tanto no interior (em vários pontos do teto e nas paredes do abrigo), quanto no entorno. Possuem tonalidade avermelhada e se encontram em elevado estado de degradação, devido às fogueiras acesas dentro da furna (LIMA, 2012).

Houve também pesquisas sobre restos alimentares, instrumentos líticos, material cerâmico, além do estudo sobre os rituais funerários do grupo humano que ocupou o abrigo. É possível ver dados sistemáticos sobre o sítio em Castro (2009), Cisneiros (2003), Costa e Lima (2016), Leite *et al.* (2014), Lima (2012), Martin (2008), Souza *et al.* (1998), Souza (2018) etc.

A primeira fase de ocupação do sítio possui cronologia mais recuada, de  $11060 \pm 90$  anos BP, correspondendo ao período do Holoceno, no qual se pondera como testemunhos arqueológicos alguns vestígios líticos (lascas de quartzo) e carvões. A datação desta ocupação aconteceu mediante alguns carvões coletados no corte 4.

Com relação à segunda fase de ocupação, esta vai de  $9150 \pm 90$  anos BP a  $8495 \pm 70$  anos BP, correspondendo às camadas 5 e 6, que são formadas, de acordo com Lima (1985), por cinzas de fogueira. Em virtude dos materiais associados a essas cinzas, tais como espécies de moluscos terrestres, ossos de pequenos animais, vestígios vegetais e instrumentos líticos, Lima *et al.* (2012) entendem esse período enquanto testemunho da utilização do espaço como sítio habitação.

Já terceira fase está situada cronologicamente entre  $8495 \pm 70$  anos BP e  $1040 \pm 40$  anos BP, em que os vestígios arqueológicos correspondem ao contexto funerário, da camada 3 a camada 8, com 1,20m de profundidade<sup>9</sup>. Ainda nessa etapa, foram datados os esqueletos FE 18, FE 87.23 e FE 45.

A necrópole encontrada no Sítio Furna do Estrago é uma das mais significativas para a região Nordeste, por causa da quantidade de indivíduos exumados em boas condições de conservação. O cemitério indígena de 2.000 anos BP foi ocupado por um grupo bem adaptado às condições climáticas da região.

Lima (2012) assinala que os dados estratigráficos do sítio Furna do Estrago auxiliaram na observação de três níveis de sepulturas (Tabela 5):

---

<sup>9</sup> As informações referentes às fases de ocupação do Sítio Furna do Estrago foram obtidas no artigo “Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: Reflexões sobre o lugar dos mortos na paisagem”. Tais dados foram baseados em Lima (1985) e Lima *et al.* (2012).

Tabela 5 – Distribuição das sepulturas do Sítio Furna do Estrago

Níveis Arqueológicos	Quantidade de Sepulturas	Idade	Sexo	
Nível Antigo	8	05 Adultos	04 Masculinos 01 Feminino	
		04 Crianças (01 recém-nascido)	-	
Nível Intermediário	16	13 Adultos	08 Masculinos 05 Femininos	
		03 Crianças	-	
Nível Recente	14	10 Adultos	07 Masculinos 02 Femininos 01 Indeterminado	
			03 Crianças (01 recém-nascido)	-
			01 Não identificado	-
		Nível não definido	43	16 adultos
09 Crianças (01 recém-nascido)	-			
17 Não identificados	-			

Fonte: Lima (2012)

No contexto funerário, alguns indivíduos foram depositados em covas com enterramentos individuais e primários; já os recém-nascidos foram acondicionados em cestas de fibras vegetais, em espata de palmeira ou embrulhados em esteiras de Ouricuri. Devido à grande quantidade de enterramentos listados com presença de adornos, a tabela com esses dados se encontra no Anexo A.

Para as sepulturas do nível recente, evitou-se a região central do abrigo, uma vez que já estava ocupada por sepulturas do nível antigo e intermediário, o que sugere uma intencionalidade na escolha dos espaços, e, conseqüentemente, o conhecimento prévio das covas anteriores. Isso levou Lima *et al.* (2012) a pensar que se tratava do mesmo grupo étnico, além de as análises genéticas e do DNA mitocondrial também sugerirem o parentesco existente entre eles, reforçando que a Furna foi continuamente utilizada por esses grupos.

#### 4.1.3 Área Arqueológica de Itaparica

As pesquisas na área de Itaparica foram iniciadas entre 1982 e 1988, com o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, que pretendia identificar e resgatar sítios arqueológicos na área que seria inundada pela Barragem de Itaparica, correspondendo aos municípios de Glória, Rodelas e Chorrochó, na Bahia, e Petrolândia, Itacuruba e Floresta, em Pernambuco (CISNEIROS, 2003).

Nos municípios pernambucanos, as pesquisas arqueológicas foram realizadas pela equipe da UFPE, sob a coordenação da Professora Gabriela Martin. Já nos municípios baianos, o MAE, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ficou responsável pelas intervenções arqueológicas, sob a coordenação de Pedro Agostinho Neto (MARTIN, 2008).

A área é formada por diferentes compartimentações topográficas, cujas características, quando bem delimitadas, indicam as formas de exploração do meio ambiente por grupos pré-históricos. De acordo com Torres e Pfaltzgraff (2014), a Área Arqueológica do médio do São Francisco está inserida na Bacia do Jatobá.

A Bacia do Jatobá é uma área sedimentar cuja superfície encontra-se em nível mais elevado do que as áreas cristalinas vizinhas. Está totalmente inserida no ambiente semiárido, com uma pequena parte da bacia a leste na região Agreste de Pernambuco e a maior parte no Sertão (TORRES; PFALTZGRAFF, 2014).

Essa unidade geomorfológica possui diferentes feições de relevo, incluindo topos aplainados na forma de chapadas, encostas suaves na borda da bacia, serras e serrotes areníticos, que emergem em relevos comumente escarpado, e terraços fluviais na faixa ribeirinha do Rio São Francisco, estendendo-se desde a cidade de Belém do São Francisco até a foz do Moxotó.

Os terraços existentes na região do sub-médio São Francisco diferenciam-se dos que se formaram no baixo curso, limitados por um terreno mais elevado, na foz de um afluente pequeno que contribuiu para a deposição aluvionar que o formou em parte. Arqueologicamente, essa subdivisão das diferentes feições do relevo demonstram as áreas de ocupação dos grupos pré-históricos. Nos embasamentos cristalinos, serrotes e vertentes dos terrenos sedimentares, encontram-se abrigos sob rocha, enquanto que nas áreas planas e terraços fluviais, localizam-se os sítios a céu aberto (SILVA, 2003).

As redes de drenagem em Itaparica têm como rio principal o Rio São Francisco e como principais afluentes o Rio Pajeú e o Rio Moxotó. Os demais cursos d'água são pequenos riachos, como o riacho do Angico, Tamboril, Itacuruba, entre outros.

Referente às questões paleoambientais, a região do Médio do São Francisco, durante o Holoceno, caracterizou-se pelo clima frio e úmido entre 12.000 a 10.000 anos BP, com táxons de florestas tropicais e florestas de altas altitudes. No período entre 10.540 a 6.790 anos BP, os grãos de pólen das florestas tropicais diminuíram, enquanto os grãos de elementos da Caatinga e do Cerrado apresentaram maior representatividade, até chegar a 4.240 anos BP. Neste período, os grãos de pólen das duas vegetações mencionadas foram ainda mais abundantes, representando a vegetação e o clima observado atualmente (MOTA, 2012).

A Área Arqueológica de Itaparica é composta por uma variedade de sítios pré-históricos sob abrigo e a céu aberto, caracterizados por lugares de habitação, sítios cemitérios, com vestígios de materiais líticos, cerâmicos, registro rupestres etc. Trabalhos como os de Calderón (1969), Etchevarne (2002), Martin (2008), Rocha (1991) e Silva (2003) demonstram e discorrem sobre alguns desses sítios.

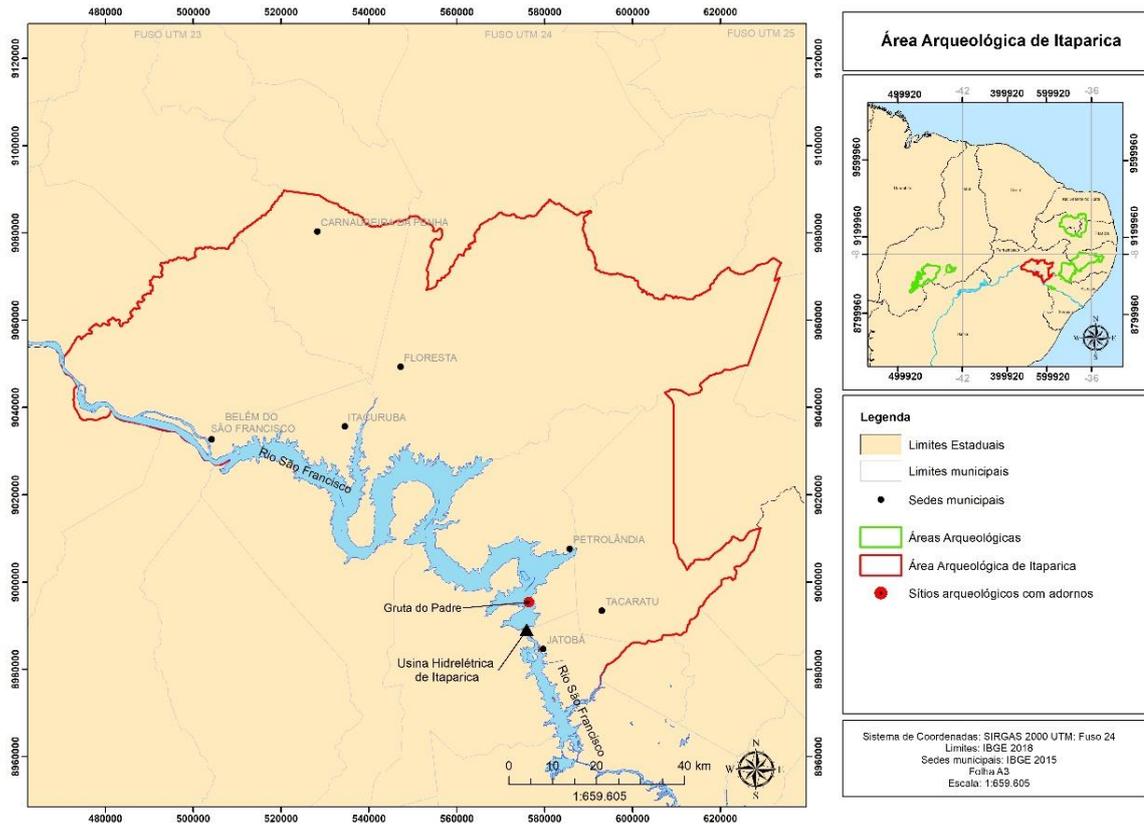
Silva (2003), em sua tese, traçou um panorama das pesquisas nessa área, apresentando dados cronológicos do Médio do São Francisco. As datações tomadas como referência foram as absolutas obtidas nas estratigrafias dos abrigos sob rocha Gruta do Padre, Letreiro do Sobrado, Abrigo do Sol Poente e Riacho do Olho d'água I.

Conforme os dados apresentados por esses sítios, a ocupação de grupos humanos pré-históricos em Itaparica aconteceu entre 7.000 e 8.000 anos BP, através das datações da Gruta do Padre, verificadas por Calderón (1969), em 5.200 anos BP, e obtidas por Martin (2008). Essa antiguidade também foi observada em relação ao Letreiro do Sobrado, por volta dos 6.300 anos BP. A partir de 2.500 a 2.000 anos BP, provavelmente, ocorreu um hiato na ocupação dos abrigos, inclusive no Abrigo do Sol do Poente, cuja ocupação se iniciou em torno de 2.700 anos BP. Esse abandono foi atribuído ao intemperismo, o que causou a queda dos blocos dos abrigos. Por volta de 1.600 anos BP, o abrigo Letreiro do Sobrado, no entanto, voltou a ser ocupado (SILVA, 2003).

Ainda em conformidade com Silva (2003), no sítio Riacho do Olho d'água, a queda dos blocos foi constatada antes dos 1.000 anos BP, durante o período de ocupação do abrigo de modo esporádico. Em vários outros sítios, inclusive na região do Agreste, também são verificadas mudanças climáticas e ambientais, que podem ter facilitado o estabelecimento dos grupos pré-históricos nas áreas planas, ilhas e margens dos rios.

Dos sítios mencionados até o momento, foi selecionado, para esta pesquisa, a Gruta do Padre, que exibiu, em seu contexto funerário, adornos corporais associados aos enterramentos (Figura 25).

Figura 25 – Área Arqueológica de Itaparica com a localização do Sítio Gruta do Padre



Fonte: Adolfo Okuyama

O **Sítio Arqueológico Gruta do Padre** foi escavado no ano de 1930, pela primeira vez, pelo etnólogo Carlos Estevão. Depois, mais duas campanhas foram realizadas, uma nos anos de 1960, por Valentin Calderón, e a outra durante o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, por Gabriela Martin. O sítio está localizado no Serrote do Padre, município de Petrolândia, PE (Figura 26), sob as coordenadas Zona 24L UTM E 576399.59 e UTM N 8995380. É um abrigo sob rocha arenítica com 41m<sup>2</sup> de área habitável (MARTIN, 2008).

Figura 26 – Vista do Sítio Gruta do Padre durante o salvamento em 1980



Fonte: Laboratório de Registro Gráfico do Departamento de Arqueologia da UFPE

A Gruta do Padre teve duas ocupações diferentes e bem delimitadas. Na primeira, serviu de abrigo para grupos caçadores-coletores no período que compreende 7.000 a 4.500 anos BP, caracterizado pela presença de instrumentos como raspadores unifaciais, plano-convexos retocados, lâminas em sílex e calcedônia. Durante a segunda ocupação, foi utilizada como cemitério, com cronologia entre 4.000 a 2.500 anos BP<sup>10</sup>. Nesse período, foram coletados abundantes lascas e núcleos descorticados com poucos ou nenhum retoque, ossos humanos queimados, restos de microfauna, fibra de caroá, contas de colar, restos de cestaria e cerâmica (MARTIN, 2008; NASCIMENTO *et al.*, 1994).

Os enterramentos evidenciados na Gruta do Padre são do tipo secundário. Martin (2008) aponta que foram identificados 2 recém-nascidos, 3 crianças e 4 adultos bastante fragmentados e com sinais de queima. Além disso, são mencionados a presença de adornos corporais, tais como: sementes perfuradas, dentes humanos e de roedores perfurados, ossos de pequenas aves e roedores, transformados em contas de colar, contas cilíndricas, plaquetas retangulares de conchas com duas perfurações, urnas funerárias, restos de tecido e corda do tipo caroá, usados para embrulhar os corpos.

Nesse sítio, se encontram vestígios arqueológicos sob a guarda da Reserva Técnica do Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense da UFPE, referentes às escavações realizadas

<sup>10</sup> O carvão datado é referente à fossa funerária e foi coletado no estrato 2, segundo Martin (2008).

pela Arqueóloga Gabriela Martin, e do MAE, na UFBA, a respeito às escavações feitas pelo arqueólogo Valentin Calderón.

#### 4.1.4 Área Arqueológica do Seridó

As pesquisas na área do Seridó foram iniciadas na década de 1980 pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE e pela Fundação Seridó, como parte integrante do Projeto Arqueológico do Seridó, coordenado pela arqueóloga Gabriela Martin. O projeto pretendia, inicialmente, comprovar a presença de sítios de pintura rupestre da Tradição Nordeste na região do Seridó; posteriormente, devido ao alto potencial da área, ampliou para o estudo das ocupações humanas pré-históricas na região (CASTRO, 2009).

As pesquisas arqueológicas no Seridó possuem como ponto central as cidades de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, nos vales dos rios Carnaúba, Acauã e Seridó, no Rio Grande do Norte. Até o momento, essa região constitui a segunda maior área de concentração de registros rupestres do Nordeste (MARTIN, 2008; CISNEIROS, 2003).

A Área Arqueológica do Seridó está inserida geomorfologicamente nos domínios do Planalto da Borborema, representado pela Serra de Santana e Depressão Sertaneja e seccionado por maciços e serras baixas. Trata-se de um compartimento rebaixado, com relevo ondulado de colinas de topos largos, confinado entre superfícies mais elevadas e vales em forma de U e V (MUTZENBERG, 2007).

O Planalto da Borborema é composto por maciços com altitudes que variam de 650 até 1.200m, com presença de vales profundos e estreitos. Os maciços e serras baixas são caracterizados por uma morfologia pouco acidentada, apresentando altitude entre 300 a 800m. O relevo favorece a implantação de pequenas barragens. Seridó exhibe litologia dominante de quartzitos, gnaisses, quartzos-feldspato, xistos biotíticos, granitos e relevo formado por serras cortadas pelo Rio Seridó e seus afluentes, nas quais se localizam os abrigos pré-históricos (MUTZENBERG, 2007).

Quanto aos paleoambientes do Seridó, pode-se citar Mutzenberg (2007), que realizou uma reconstrução paleoambiental no Vale do Rio Carnaúba, a partir da ocupação do Sítio Pedra do Alexandre, que será mencionado adiante. Analisando a distribuição cronológica dos enterramentos, foi possível constatar três momentos ambientais próximos, porém distintos, para a área em questão.

O primeiro momento é entre  $9.400 \pm 35$  e  $8.280 \pm 30$  anos BP no Holoceno Inferior, caracterizado por uma reumidificação generalizada após um evento seco, provavelmente

decorrente do *Younger Dryas*<sup>11</sup>, e por eventos de alto grau pluviométrico. Para Mutzenberg (2007), esse momento pode ter sido para a população um cenário rico, porém instável.

Entre  $5.790 \pm 60$  e  $4.160 \pm 70$  anos BP, relativos ao Holoceno Médio, observa-se um clima úmido e quente. Durante esse período, a região oferece condições propícias para a ocupação humana, pois o clima estava mais regular e estacional.

O último momento, entre  $2.750 \pm 40$  e  $2.620 \pm 60$  anos BP, inserido cronologicamente no Holoceno Superior, foi marcado por vários instantes de estabilização da paisagem e formação de solos rasos em terraços fluviais, já próximos a ambientes observados atualmente.

A partir dos dados paleoambientais expostos, percebe-se a substancialidade da Região do Seridó e, mais especificamente, do Vale do rio Carnaúba para a ocupação dos grupos humanos na pré-história, atuando como refúgio em épocas de estiagem severa.

Ainda não se tem dados suficientes para estabelecer uma cronologia contínua no que se refere à ocupação humana na Área Arqueológica do Seridó. Entretanto, por meio das datações absolutas realizadas em escavações arqueológicas nas áreas, é possível constatar uma ocupação a partir de  $9.400 \pm 90$  até  $2.620 \pm 60$  anos BP no Sítio Mirador de Parelhas e Pedra do Alexandre, através de carvões associados a sete sepultamentos. Esse último possui uma cronologia de ocupação mais longa, como será mencionado a seguir. Também inseridos na área do Seridó, se verificam os grupos ceramistas da Pedra do Chinelo, datados em 1.991 anos BP.

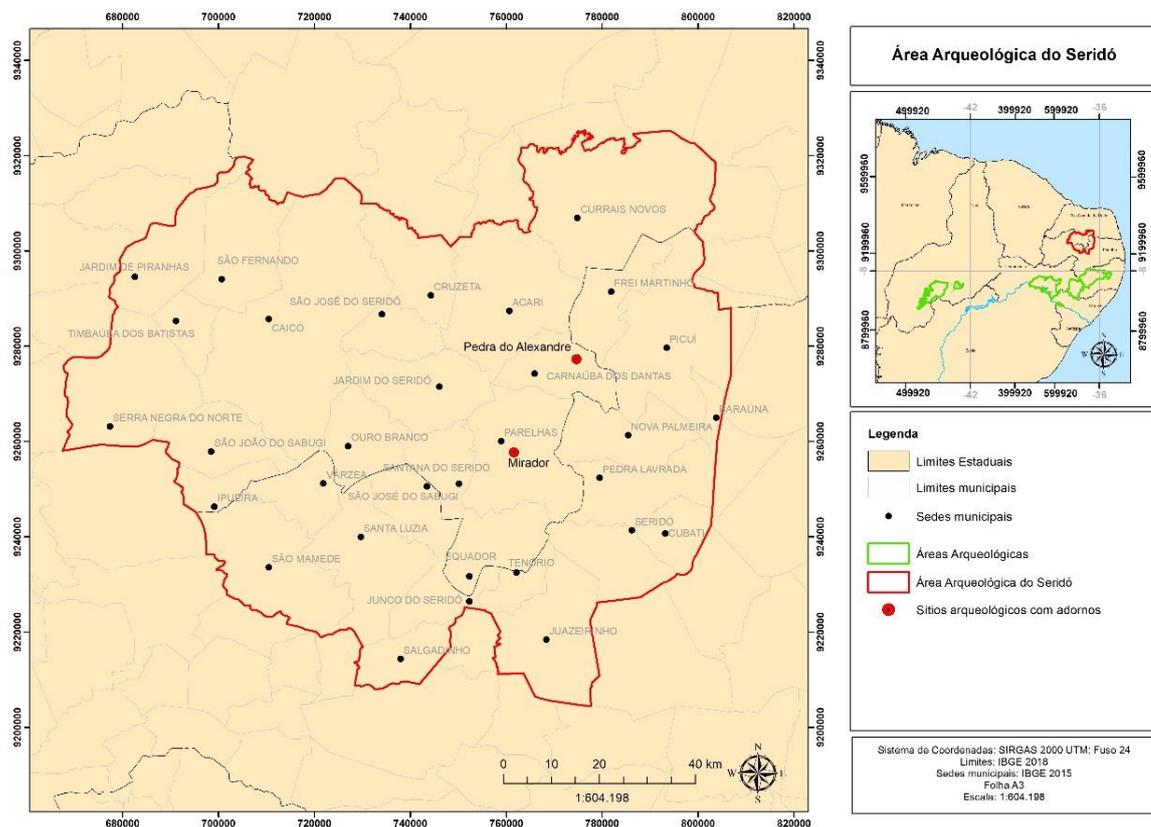
Dos sítios pré-históricos identificados na área do Seridó, a maior concentração se encontra no município de Carnaúba dos Dantas, em razão da intensidade de prospecções realizadas no local até o momento. A área integra um grande número de sítios, contendo pinturas rupestres da Tradição Nordeste, sub-tradição Seridó, além de sítios cemitérios e cerimoniais. Autores como Alvim *et al.* (1995/1996), Borges (2010), Castro (2009), Cisneiros (2003), Fontes (2003), Martin (2008), Nogueira e Borges (2015), Queiroz (2002), Queiroz *et al.* (1996), Santos (2013), Saldanha (2014) e Torres (1995/1996) dissertam sobre a diversidade de vestígios arqueológicos identificados nessa área.

Dentre os sítios cemitério detectados na Área Arqueológica do Seridó, foram selecionados os Sítios Mirador de Parelhas e Pedra do Alexandre (Figura 27), por apresentarem adornos corporais em contexto funerário.

---

<sup>11</sup> Período Glacial com mudanças climáticas bruscas.

Figura 27 – Área Arqueológica do Seridó com a localização dos Sítios Mirador de Parelhas e Pedra do Alexandre



Fonte: Adolfo Okuyama

O Sítio arqueológico **Pedra do Alexandre**, também chamado de Pedra do Chapéu, foi escavado durante várias campanhas desde a década de 1990, sob a coordenação da arqueóloga Gabriela Martin. Está localizado no município de Carnaúba dos Dantas, no Rio Grande do Norte, sob as coordenadas Zona 24M UTM E774671.97 e UTM N 9277203.

O sítio é um abrigo sob rocha arenítica, que mede 12x15m, com abertura para o sudeste e está situado no topo de uma pequena elevação com altitude de 380m (Figura 28). Juntamente com outros dois abrigos menores, forma o conjunto Alexandre, com muitos blocos caídos nas proximidades, o que pode indicar que seu tamanho era ainda maior.

Figura 28 – Vista do Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN



Fonte: Acervo imagético do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA)

Na extensão do paredão rochoso, pode-se verificar pinturas rupestres agenciadas na porção leste a 3m de altura do solo, e as mais altas a 7m, pertencentes à Tradição Nordeste, Subtradição Seridó (TORRES, 1995/1996).

A área escavável do sítio tem em torno de 100 m<sup>2</sup> e encontra-se preservada devido aos blocos desprendidos da formação, que atuam como uma barreira de retenção do sedimento, evitando que seja carregado pela erosão pluvial. Todavia, essa retenção não é homogênea; então provavelmente, devem ter sido carregados, em outras partes do abrigo, vários vestígios arqueológicos com a ação das chuvas.

Os resultados das escavações arqueológicas, até então, apontam que existem três estratos: o primeiro apresenta vestígios de ocupação, com abundância de carvões e fogueiras estruturadas, restos de lascamento e instrumentos líticos em quartzo e sílex; o segundo estrato representa a ocupação do sítio como cemitério, e o terceiro estrato demonstra uma terra clara e compactada até o fundo do abrigo (CASTRO, 2009).

Foram evidenciados, na Pedra do Alexandre, cerca de 31 enterramentos, entre primários e secundários, obtendo-se uma sequência cronológica de 9.400 a 2.000 anos BP. Destes enterramentos, apenas os que constam na Tabela 6 possuem adornos associados.

Tabela 6 – Dados sobre os tipos, quantidade de indivíduos, sexo, idade e datação dos enterramentos escavados no Sítio Pedra do Alexandre

Número do Enterramento	Tipo de enterramento	Quantidade de indivíduos	Sexo	Idade	Datação
1	Secundário	4	1a - Masculino	Adulto	4.710 ± 25
			1b - Masculino	Criança	4.710 ± 25
			1d - indeterminado	Recém-nascido	4.710 ± 25
			1d - indeterminado	Recém-nascido	4.710 ± 25
2	Primário	1	Masculino	Adulto	4.160 ± 70
4	Primário	1	Feminino	Adulto	8.280 ± 30
6	Secundário	1	Indeterminado	Criança	5.790 ± 60
8	Primário	1	Indeterminado	Criança	-
11	Humano?	1	Indeterminado	Indeterminado	-
15	Secundário	2	15a - Masculino	Adulto	-
			15b - Masculino	Subadulto	-

Fonte: adaptado do Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense (UFPE)

Os indivíduos foram depositados em covas, utilizando-se fogueiras rituais em alguns casos não chegavam a queimar completamente os ossos. Entre os acompanhamentos funerários observam-se apitos e adornos corporais como pingentes, contas de colar de ossos, conchas e amazonita, também foram identificados outros materiais associados como conjuntos de blocos de quartzo e algumas rochas sobre o tórax do indivíduo (Tabela 7). No contexto funerário, também se percebeu o ritual de cobrir os ossos com pigmento vermelho (MARTIN, 2008).

Tabela 7 – Dados sobre o tratamento destinado ao corpo, presença de adornos e outros materiais associados dos enterramentos escavados no Sítio Pedra do Alexandre

Número do enterramento	Tratamento do corpo	Adornos	Acompanhamentos funerários e outros materiais associados
	Ocre		
1	Presente	Contas de colar	-
2	Ausente	Colar com pingente de ossos de cervídeo	Apito de osso, rochas sobre o tórax
4	Ausente	Contas de colar	-

6	Ausente	Contas de malacológico	-
8	Presente	Colar de sementes e ossos e colar de ossos	Conjunto de quartzo
11	Presente	Contas de colar	-
15	Ausente	Contas de colar	-

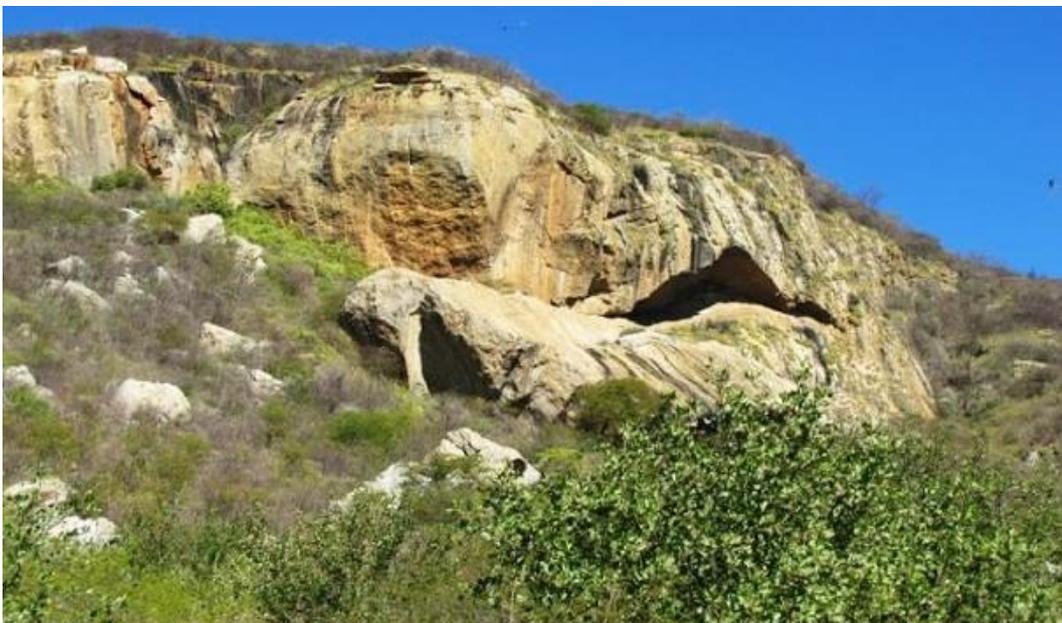
Fonte: adaptado do Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense (UFPE) e de Cisneiros (2003) e Martin (2008)

Santos (1997) observou as paleopatologias, constatando a presença de osteoartrose, que são inflamações nas articulações de dois indivíduos femininos, e hiperostose porótica no indivíduo 2, que é ocasionada pela falta de ferro no organismo. Também foram realizadas pesquisas sobre a fauna local (QUEIROZ, 2002), origem e composição dos pigmentos vermelhos (TORRES, 1995/1996), osteobiografias dos indivíduos (ALVIM *et al.*, 1995/1996) etc.

O **Sítio Boqueirão de Parelhas ou Mirador de Parelhas** foi escavado sob coordenação da arqueóloga Gabriela Martin, na década de 1980. Está localizado no município de Parelhas, a 1km de distância do Vale do Rio Seridó. O sítio é um abrigo sob rocha granítica, com 3x4m de superfície e altitude de 480m, sob as coordenadas Zona 24M UTM E 761590 UTM N 9257669 (

Figura 29).

Figura 29 – Vista do Sítio Mirador de Parelhas, Parelhas, RN



Fonte: Acervo imagético do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA)

Na parede do abrigo, em torno de 40m de comprimento e 15m de largura, existem pinturas rupestres sobrepostas, que são filiadas à Tradição Nordeste e chegam, em alguns pontos, a altura de 5m.

A primeira sondagem nesse sítio foi realizada a oeste do paredão, onde existia sedimento para escavação. A camada arqueológica possui 60cm de espessura, e foram coletados vários blocos de rocha e enterramento do tipo secundário. Os ossos encontrados correspondem a um enterramento infantil parcialmente incinerado, com contas de colar de ossos e conchas marinhas e acompanhamento funerário com algumas lascas de quartzo e sílex. Além disso, foram achados restos malacológicos, a partir dos quais Martin (2008) cogita a possibilidade de fazerem parte do enxoval funerário ou do banquete funerário.

Para esse sítio, foi obtida uma datação de 9.410 anos BP, contemporânea à ocupação do Sítio Pedra do Alexandre, mas as escavações não deram seguimento devido à depredação do abrigo.

#### 4.1.5 Área Arqueológica da Serra da Capivara

As pesquisas na área da Serra da Capivara foram iniciadas na década de 1970, com o Projeto Povoamento do Sudeste do Piauí, coordenado pelas arqueólogas Niéde Guidon e Anne Marie Pessis. Ao longo dos anos, o projeto possibilitou que se reunisse um enorme acervo arqueológico com a identificação de centenas de sítios, e, a partir dele, deu-se a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, em 1979, e da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM.

O parque Nacional Serra da Capivara é considerado um referencial obrigatório para os estudos de arte rupestre brasileira. Pesquisas nessa região comprovam a existência extremamente antiga da presença humana, em torno dos 50.000 anos BP, indicando que esta foi contínua até o contato com os colonizadores (MARTIN, 2008).

A Área Arqueológica da Serra da Capivara localiza-se entre duas formações geológicas: a bacia sedimentar Piauí-Maranhão e a depressão do Rio São Francisco. Essa zona se estende desde o nordeste do Parque Serra da Capivara até o Planalto sedimentar e a bacia cristalina do Pré-cambriano, atingindo o Parque Serra das Confusões (LUZ, 2014).

O Parque das Confusões, onde estão alocados os sítios arqueológicos tratados nesta pesquisa, situa-se sobre um planalto que foi erodido em todo o seu entorno, dando lugar a *cânions* e ladeiras, restando as áreas planas (chapadas) no seu interior. Caracteriza-se por

apresentar clima quente e seco no domínio morfoclimático da Caatinga. Esse espaço está a aproximadamente 40km de distância do Parque Serra da Capivara, contendo características físicas, climáticas e de vegetação semelhantes a este último (PEREZ, 2008).

Pesquisas desenvolvidas por Chaves (2002) em palinologia têm fornecido informações importantes sobre a reconstituição do paleoambiente na área da Serra da Capivara e entornos. O autor afirma que pólenes encontrados em coprólitos evidenciaram espécimes vegetais características de períodos chuvosos. No entanto, escavações do Sítio Toca da Ema do Sítio do Brás I observaram gêneros como Mimosa e Acácia, típicas de uma vegetação de transição entre Cerrado e Caatinga, datados de  $8.820 \pm 70$  anos BP. Chaves (2002) pontua, dessa forma, que, possivelmente, até 7.230 anos BP, existiam formações abertas, com retomadas de vegetação de Cerrado, como é possível observar até hoje algumas manchas de brejo, vestígio do antigo clima úmido.

Sobre a disponibilidade hídrica da região durante a pré-história, Guidon (2002) atesta que alguns fatores, como a extinção tardia de animais da megafauna, presença de sedimentos típicos de clima úmido nas colunas estratigráficas e a localização dos sítios em função das drenagens reforçam essa maior disponibilidade.

Para Guérin *et al.* (1996), o conjunto faunístico que data do Pleistoceno superior também é um testemunho da existência de uma paisagem caracterizada pela Savana Arbustiva, com zonas de florestas com clima mais úmido do que o visto atualmente.

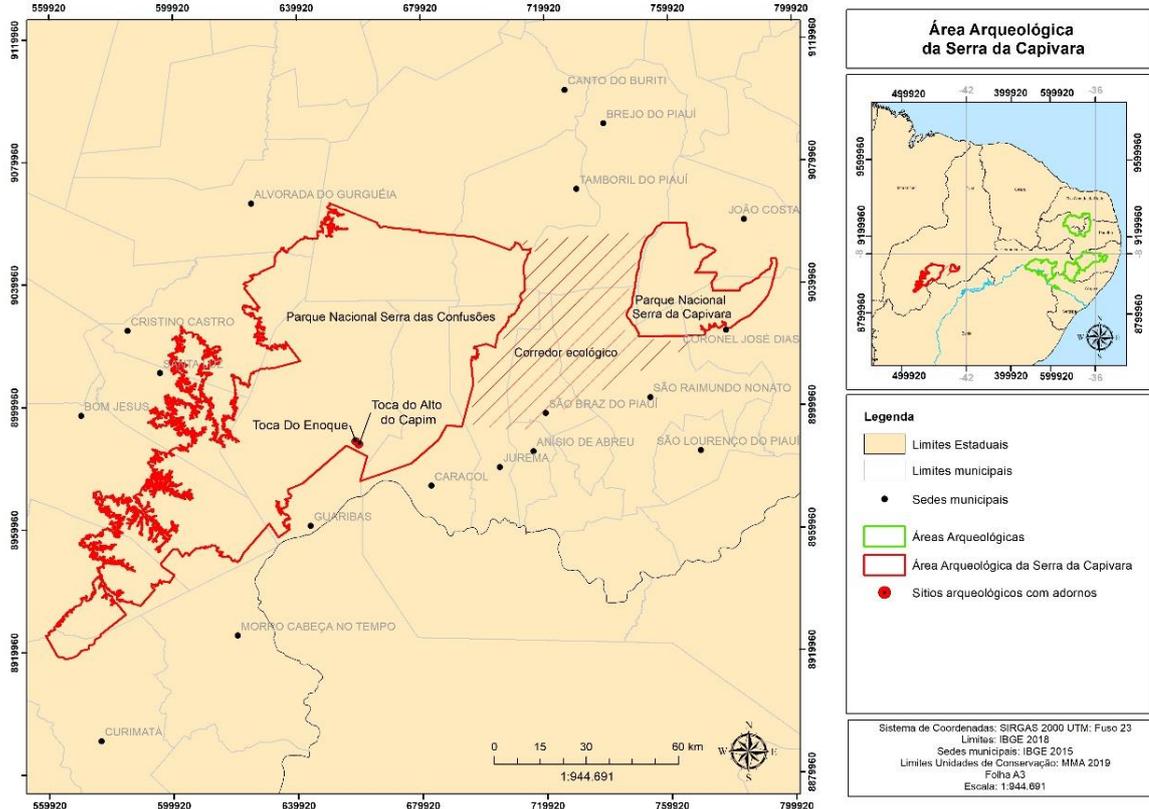
A partir dos dados obtidos até o momento da Área Arqueológica da Serra da Capivara, é possível distinguir três classes cronológicas distintas: Grupos de Caçadores coletores do Pleistoceno, que ocuparam a área há pelo menos 50.000 anos, quando os primeiros grupos se instalaram nos sopés das cuestas; Grupos Caçadores Coletores do Pleistoceno/Holoceno, com faixa cronológica de 12.000 a 7.000 anos BP – essa fase é caracterizada por um aperfeiçoamento técnico evidenciado no material lítico, assim como estruturas de fogueira mais abundantes e diversificadas; por fim, os Grupos Agricultores do Holoceno, que surgem com maior frequência entre 4.000 e 2.000 anos BP, e se caracterizam não só pela presença das cerâmicas e domesticação de plantas e animais, mas também por uma indústria lítica mais diversificada (CISNEIROS, 2008).

A Área Arqueológica da Serra da Capivara é formada pelos parques Serra da Capivara, Serra das Confusões e Serra Branca, com uma profusão de sítios arqueológicos históricos e pré-históricos. Aqui, o foco será na Serra das Confusões, pois nela estão situados os sítios com presença de adornos corporais.

De acordo com Luz (2014), o Parque Serra das Confusões possui sítios pré-históricos portadores de registros rupestres tanto em abrigos sob rocha, quanto em afloramentos rochosos isolados. Alguns apresentam solo propício à escavação, enquanto outros não possuem sedimento. Os registros rupestres, em sua maioria, representam zoomorfos e figuras humanas estáticas ou em cenas cotidianas.

Em 2008, a Fumdam iniciou sondagens e escavações na Serra das Confusões, a partir das quais os primeiros sítios pesquisados foram a Toca do Enoque e a Toca do Alto do Capim, objetos de estudo dessa dissertação (Figura 30).

Figura 30 – Área Arqueológica da Serra da Capivara com a localização dos Sítios Toca do Enoque e Toca do Alto do Capim



Fonte: Adolfo Okuyama

O **Sítio Arqueológico Toca do Enoque** foi escavado em 2008 pelas arqueólogas Fátima Luz e Niéde Guidon. Está localizado no município de Guaribas, na Serra das Andorinhas, no Parque Nacional Serra das Confusões, Piauí, sob as coordenadas Zona 23L UTM E 658743 e UTM N 8988649 (LUZ, 2014).

A Toca do Enoque é um abrigo sob rocha de arenito achado em uma falésia, medindo cerca de 60m de comprimento e 10m de altura e orientado no sentido noroeste/sudeste, com

abertura voltada para o sudoeste. No paredão do fundo, em cerca de 15m, foram realizadas pinturas rupestres com representações de grafismos geométricos, zoomorfos e alguns antropomorfos, todas em cor vermelha, caracterizando as tradições Nordeste, Agreste e Geométrica.

Cerca de 15m de comprimento por 5m de largura do abrigo foi escavado, na parte plana que apresenta sedimento arenoso. No lado sudeste do abrigo, existe um conjunto de blocos de arenito; no lado noroeste, quando chove, forma-se uma queda d'água que desce a serra (Figura 31).

Figura 31 – Vista do Sítio Toca do Enoque, Serra das Confusões, PI



Fonte: Acervo da Fumdham

Os resultados das escavações arqueológicas, até agora, nas três sepulturas (Tabela 8), indicam a ocorrência dos enterramentos em períodos distintos, verificados através das datações dos carvões associados aos enterramentos. A primeira sepultura data de  $5.940 \pm 40$  anos BP e possui prática funerária diferente das outras duas sepulturas, de acordo com Luz (2014), devido a menor quantidade de ornamentos, tais como conchas trabalhadas sobre a pelve e blocos de arenito sobre o crânio.

Na segunda sepultura, considerando as datações existentes e a leitura dos perfis estratigráficos, foi observada a existência de três momentos de utilização da fossa funerária. No primeiro nível, seria uma ocupação antiga com os indivíduos dispostos sobre um bloco de

arenito contendo gravuras de 45 a 60cm de profundidade e datação de  $6610 \pm 40$  anos BP; no segundo nível, uma ocupação intermediária com enterramentos a 40cm de profundidade e datação de 4.800 a  $4.690 \pm 40$  anos BP, e o terceiro nível, com uma ocupação recente com datação de uma concha de 4.500 anos BP. A ocupação da sepultura ocorre em aproximadamente 6.600 a 4.500 anos BP, com o uso dos enterramentos por cerca de 2.100 anos.

A terceira sepultura data de  $3.430 \pm 40$  anos BP, sendo a mais contemporânea. Como a primeira sepultura, sugere-se uma diferenciação na prática funerária e nas condições físicas do indivíduo inumado.

Tabela 8 – Indicação das sepulturas, sexo, idade e datação dos esqueletos

	Número dos indivíduos	Idade	Sexo	Datação
Sepultura 1	Esqueleto 01	Criança	Feminino	$5.940 \pm 50$
Sepultura 2	Esqueleto 02	Criança	Feminino	$4.500 \pm 25$
	Esqueleto 03	Adulto	Indeterminado	$4.500 \pm 25$
	Esqueleto 04	Criança	Feminino	$4.800 \pm 25$
	Esqueleto 05	Criança	Masculino	$4.690 \pm 40$
	Esqueleto 06	Recém-nascido	Indeterminado	$6.220 \pm 40$
	Esqueleto 07	Criança	Feminino	$6.610 \pm 40$
	Esqueleto 08	Adulto	Feminino	$6.610 \pm 40$
	Esqueleto 09	Recém-nascido	Indeterminado	$8.270 \pm 40$
	Esqueleto 10	Recém-nascido	Indeterminado	$6.610 \pm 40$
	Esqueleto 11	Indeterminado	Indeterminado	$6.610 \pm 40$
	Esqueleto 12	Criança	Feminino	$6.610 \pm 40$
Sepultura 3	Esqueleto 13	Adulto	Masculino	$3.430 \pm 40$

Fonte: Luz (2014)

Dois indivíduos isolados estavam distantes um do outro (Esqueletos 1 e 13), enquanto os outros estavam agrupados em uma mesma cova funerária de 50cm de profundidade, 3m de comprimento por 2m de largura. A cova foi forrada com uma camada de vegetais de mais ou menos 20cm de espessura, e o conjunto sepulcral foi recoberto por uma mistura de sedimento, cinzas e carvões, o que provavelmente favoreceu a conservação do material (FAURE *et al.*, 2011).

Alguns indivíduos apresentavam deformação nos crânios, causada por fatores tafonômicos. Essa modificação caracteriza-se pelo adelgaçamento dos ossos do neurocrânio, o que dificultou sua reconstituição para análises morfométricas (informação pessoal cedida pelo Prof. Dr. Sérgio Monteiro do LABIFOR-UFPE).

Sobre os materiais associados nas deposições funerárias, além do acervo de adornos corporais presentes no pescoço, cintura e pulsos, os enterramentos tinham associados a si materiais como artefatos líticos, restos osteológicos e dentários não trabalhados, grandes gastrópodes terrestres, placas de carapaça de tatu, penas, blocos de ocre, entre outros (a tabela com os dados consta no Anexo B).

Ademais, o sítio arqueológico Toca do Enoque é diferenciado pelo número de crianças sepultadas em bom estado de conservação e pela grande variedade de adornos observados no enxoval funerário, confeccionados, em sua maioria, com ossos de cervídeo, aves, dentes de felinos, conchas e outras matérias-primas.

As pesquisas acerca desse espaço incluem Guidon e Luz (2009), que apresentaram uma nota prévia sobre o sítio, com escavação ainda em andamento; Faure *et al.* (2011), que fizeram uma análise do material funerário vinculado ao Sítio Toca do Enoque; Cunha (2012), que realizou um relatório antropológico de 15 esqueletos da Serra da Capivara, incluindo 3 enterramentos da Toca do Enoque, e Luz (2014), que produziu sua tese de doutorado sobre a caracterização das práticas funerárias na Área Arqueológica da Serra da Capivara e que incluiu nela a Toca do Enoque e a Toca do Alto do Capim na Serra das Confusões.

**O Sítio arqueológico Toca do Alto da Serra do Capim** foi escavado em 2008 e 2009 pelas arqueólogas Fátima Luz, Gisele Daltrini e Niéde Guidón. Está localizado no município de Guaribas, Serra das Andorinhas no Parque Nacional Serra das Confusões, sudeste do Piauí, sob as coordenadas Zona 23L UTM E 659771.96 e UTM N 8987746.

Trata-se de um tipo de gruta formada por uma cavidade na escarpa de rocha arenítica, com 12m de comprimento, 3 a 5m de largura, entrada com 2m de largura por 3m de altura, voltada para o Sul (Figura 32). O abrigo é pouco perturbado devido a seu difícil acesso, que corresponde a 4m de altura do solo atual. Toda a área do abrigo se encontra quase totalmente pintada na cor vermelha, inclusive o teto, representando diversas formas geométricas, como conjuntos de linhas em variadas direções (LUZ, 2014).

Figura 32 – Vista da fachada do Sítio Toca do Alto do Capim, Serra das Confusões, PI



Fonte: Acervo da Fumdam

As escavações evidenciaram registros rupestres, que incluem pinturas e gravuras, restos de fogueiras e carvões, coprólitos, alguns líticos, óxido de ferro com marcas de retirada, ossos humanos, animais com marcas de combustão e objetos de adornos. Carvões coletados de estruturas de combustão, associados a fragmentos de ossos humanos e coprólitos, a aproximadamente 15cm de profundidade, permitiram a datação do período mais recente de utilização do sítio, de  $3.970 \pm 50$  anos BP (LUZ, 2014).

Duas amostras de carvão, também provenientes de estruturas de combustão, a uma profundidade de 40cm foram datadas em  $6.180 \pm 50$  anos BP e associadas a gravuras rupestres e ossos humanos queimados; a outra, de  $6.340 \pm 50$  anos BP, foi identificada no interior de uma estrutura circular, associada a um machado polido (LUZ, 2014).

A última datação para o sítio, até então, é de outra amostra de carvão de aproximadamente 75cm de profundidade, na base de algumas estruturas de combustão e estruturas circulares, associada a fragmentos de ocre e líticos e obtendo uma idade de  $8.590 \pm 60$  anos BP.

A estrutura 13, localizada na porção mais interna e protegida da gruta, continha o esqueleto de uma criança envolvido em um tipo de rede ou esteira. Uma amostra de capim foi datada de  $4.490 \pm 40$  anos BP com relação à cova 13 (Tabela 9).

Tabela 9 – Dados referentes ao indivíduo inumado no Sítio Toca do Capim

Número do Enterramento	Tipo de enterramento	Idade	Sexo	Adornos	Acompanhamento funerário	Datação
1	Primário	Criança	Indeterminado	Colar com dentes de roedor e 1 dente de felino. Ossos de aves perfuradas sobre o crânio e um pingente de osso de animal	Crânio recoberto por capim e ocre no corpo	$4.490 \pm 40$ anos BP

Fonte: Luz (2014)

Para mais, segundo Felice (2010), foram observadas, durante as escavações, 13 estruturas convexas arredondadas (Figura 33), forradas com um tipo de capim, fibras trançadas e queimadas, vários fragmentos de ossos humanos também queimados, além de grande quantidade de sementes, folhas e madeira.

Figura 33 – Estruturas convexas forradas com capim, observadas durante a escavação do Sítio



Fonte: Acervo da Fumdam

Os ossos humanos identificados estavam, em sua maioria, queimados, indicando provável prática de incineração, ritual comum entre grupos humanos pré-históricos no Nordeste do Brasil, como cita Martin (2008).

Silva e Fontes (2014) comentam que, por volta de 8.600 anos BP, datação mais recuada para o Sítio Toca do Capim, tem-se indicativos de que as práticas funerárias não teriam a incineração óssea como rito principal, como mostram os fragmentos ósseos detectados na decapagem 22, sem marcas de combustão; em 6.330 anos BP, a prática da cremação se torna corriqueira no grupo, o que se pode observar através das maiores concentrações de ossos queimados espalhados pela porção central da gruta, na decapagem 14; já por volta de 4.250 anos BP, percebe-se mudanças das práticas funerárias com a ocorrência do enterramento direto da criança na cova 13. Mesmo com a mudança dos tipos de práticas funerárias observadas ao longo do tempo, é perceptível que os materiais utilizados continuam semelhantes, o que pode representar a manutenção das tradições culturais associadas ao grupo.

Cunha (2012) menciona o fato de a criança possuir um *status* particular dentro do grupo, já que é o único enterramento realizado em cesta e há a presença dos adornos e o tratamento conferido ao corpo.

#### 4.1.6 Área Arqueológica de Xingó

A Área Arqueológica de Xingó teve seus estudos iniciados a partir de 1980, através do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX), para a construção da Usina Hidroelétrica no município de Canindé do São Francisco. O objetivo do projeto era mapear e salvar os sítios arqueológicos localizados nas margens do Rio São Francisco que seriam impactados pela construção do empreendimento. Esse projeto foi coordenado pela equipe de arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em convênio com a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF).

Durante a primeira etapa do projeto, entre 1988 e 1994, foram cadastrados 51 sítios arqueológicos, entre sítios a céu aberto e sítios com registros rupestres. Na segunda etapa, de 1995 a 2000, foram cadastrados mais de 200 sítios nas planícies, terraços, ilhas fluviais e platôs do Cânion no Rio São Francisco (VERGNE, 2004).

A Área Arqueológica de Xingó é formada, então, por 3 áreas distintas, conforme a concentração dos sítios arqueológicos evidenciados (FAGUNDES, 2007)

Geomorfologicamente, essa área está inserida no Pediplano do Baixo do São Francisco, representado pela superfície de aplanamento retocado e por áreas de dissecação. Podem ser identificados três domínios morfo-estruturais: o primeiro estende-se por áreas marginais ao Rio São Francisco e é caracterizado por tabuleiros de superfícies mais ou menos planas, que seguem de maneira uniforme em direção aos principais rios, sobretudo ao São Francisco; o segundo domínio está situado na porção central do Baixo do São Francisco e é representado por tabuleiros dissecados, onde a área apresenta intenso intemperismo das rochas metassedimentares; o terceiro domínio, que ocupa a maior área do Baixo São Francisco, é constituído por depressões pediplanadas, limitadas por relevo escarpado com cotas altimétricas de 200 a 250m (FAGUNDES, 2007).

No tangente às condições paleoambientais na área de Xingó, pouco se tem estudado até o momento. O que se pode afirmar, de acordo com dados paleoclimáticos observados, é que o clima semiárido já estava presente no Nordeste no final do Pleistoceno.

Cavalcante (2005) destaca que a glaciação de Würn, que ocorreu entre 25.000 e 17.000 anos BP, foi a grande responsável pelas transformações no ecossistema brasileiro, sobretudo na vegetação do Nordeste. Esse período extremamente seco acabou atraindo populações pré-históricas para o Vale do São Francisco durante o Pleistoceno para o Holoceno (MARTIN, 2008).

Desse modo, afirma Ab'Saber (1997), que os grupos humanos posteriores ao fim do Pleistoceno sedentarizaram-se nos terraços fluviais na área de Paulo Afonso/Xingó/Piranhas, onde as possíveis variações climáticas ocorridas ao longo desse período foram muito mais sentidas no alto do pediplano do que no fundo do Canyon. Todos esses indicativos, aliados às potencialidades do rio, demonstram a estabilidade do paleoambiente em Xingó.

Considerando-se as datações estabelecidas para Área Arqueológica de Xingó, até o momento, sugere-se que a ocupação do Vale do São Francisco tenha acontecido há cerca de 10.000 anos BP e que os primeiros grupos de caçadores coletores se assentaram nos terraços e abrigos nas margens do médio São Francisco, onde não havia escassez de alimentos (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

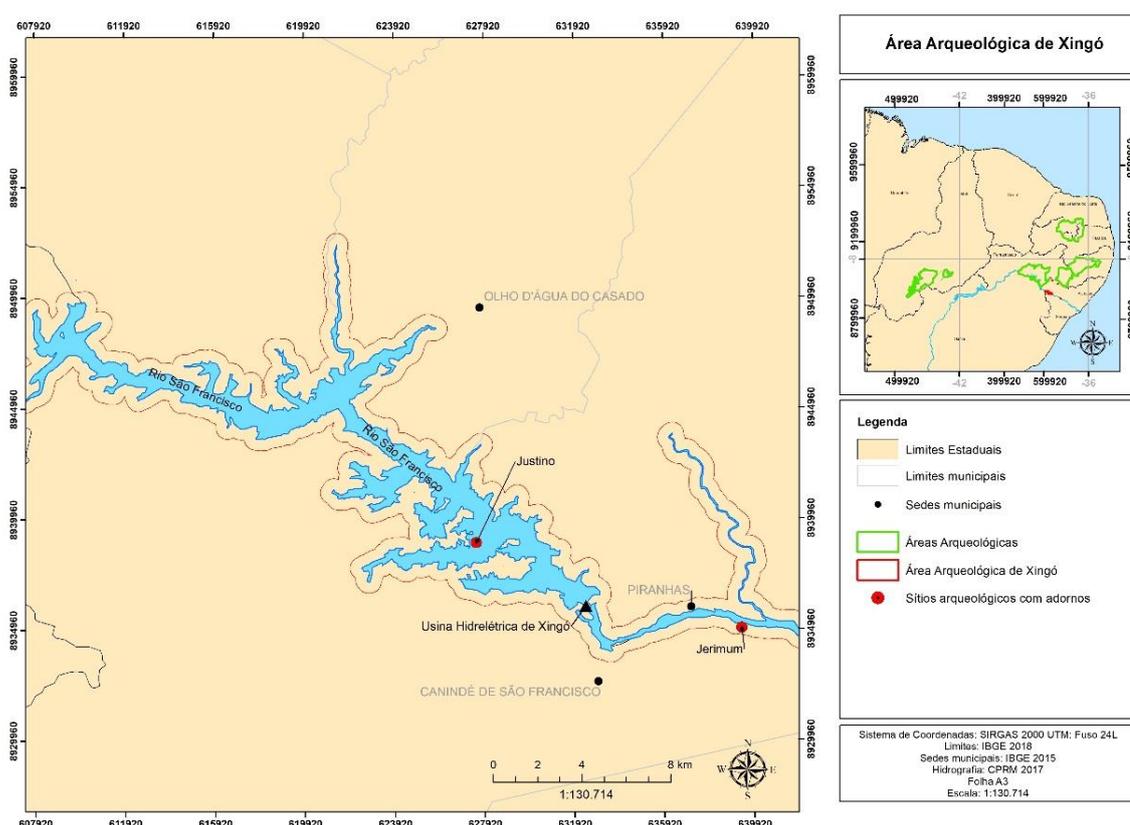
Na segunda fase de ocupação, verificam-se grupos semipermanentes de ceramistas datados de aproximadamente  $5.570 \pm 70$  anos BP a  $1.280 \pm 45$  anos BP, finalizando a ocupação do espaço em  $342 \pm 51$  anos BP, com a população do Sítio Porto Belo I já no período de contato (LUNA, 2006; FAGUNDES, 2007). Os vestígios arqueológicos identificados nessa fase são fragmentos cerâmicos, artefatos líticos, esqueletos humanos completos e incompletos,

resgatados dos Sítios Justino e São José II, além de estruturas de fogueira, restos faunísticos e objetos de adorno de concha e rocha (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

São diversos os sítios pré-históricos identificados na Área Arqueológica de Xingó, desde oficinas líticas a sítios cemitérios e sítios com registro rupestres. Autores como Luna (2005), Oliveira *et al* (2005), Silva (2013; 2017), Vergne (1996; 2002; 2004), entre outros, produziram pesquisas sobre a diversidade de vestígios arqueológicos encontrados nessa área.

Dentre os sítios cemitério identificados na Área Arqueológica de Xingó, foram selecionados os sítios Justino e Jerimum, pois apresentam adornos corporais em contexto funerário (Figura 34).

Figura 34 – Área Arqueológica de Xingó com a localização dos Sítios Justino e Jerimum



Fonte: Adolfo Okuyama

O **Sítio Arqueológico Justino** foi escavado de 1991 a 1994 sob a coordenação da arqueóloga Cleonice Vergne, da UFS. Está localizado na Fazenda Cabeça de Negro, município de Canindé de São Francisco, na margem direita do Rio São Francisco, na confluência do Riacho Curituba (Figura 35), sob as coordenadas Zona 24L UTM E 627561 e UTM N 8938881 (FAGUNDES, 2007).

Figura 35 – Vista geral do Sítio Justino



Fonte: Santana (2013)

Atualmente, o sítio se encontra submerso pelo lago artificial da Usina, mas, anteriormente, situava-se num terraço fluvial de 6,8m de altura, com área total de aproximadamente 1500m<sup>2</sup> e altitude média de 37m. É considerado um dos mais densos cemitérios indígenas, com mais de 150 esqueletos, estruturas de fogueira, restos alimentares, ossos de animais, objetos líticos e fragmentos cerâmicos.

No que concerne às pesquisas realizadas nos adornos do Sítio Justino, pode-se citar Silva (2013), que analisou 3 amostras de enterramentos com presença de adornos diferenciados e de difícil compreensão para o período em que foi datado. O trabalho busca, dessa forma, realizar uma associação dos esqueletos humanos do Sítio Justino a seus acompanhamentos funerários do tipo adorno, com o objetivo de obter uma relação entre as amostras e seus períodos relativos datados.

Além disso, Silva (2013) menciona uma possível predileção na confecção de adornos em contas de diversas matérias-primas, verificadas em quase todas as ocupações. Quanto ao uso do mineral, a autora identificou quartzo e amazonita; para o material ósseo, ossos de mamíferos e de aves; conchas, classificadas como bivalves, e carapaça de caramujo na confecção de pingentes e contas.

O sítio Justino possui a maior representação cronológica para a região (CASTRO, 2009). As datações foram promovidas a partir de amostras de carvão e cerâmica, que atribuíram

período cronológico ao nível estratigráfico em que estavam depositados os enterramentos, realizando, desse modo, datações relativas (SILVA, 2017).

Santana (2013), por sua vez, realizou um trabalho no qual seu objetivo foi obter cronologias das ocupações dos cemitérios do Justino. Foram coletadas amostras de dentes e ossos humanos, mas o pequeno volume de colágeno impediu que as datações fossem realizadas nesse material. Diante disso, a autora coletou amostras de carvão vegetal em 4 camadas estratigráficas do sítio, obtendo 4 ciclos distintos de ocupação humana. Os dados referentes às fases de ocupação dos cemitérios e suas respectivas datações, em conformidade com Vergne (2004), Fagundes (2007; 2010) e Santana (2013), constam na Tabela 10.

Tabela 10 – Datações e fases de ocupação do Sítio Justino

	Fases	Número das ocupações	Decapagens	Datações	Fonte
Cemitério A	Fase 05	2	03-01	1.280 ± 45 anos BP (Decapagem 03)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
		1	08-04	1.780 ± 60 anos BP (Decapagem 06)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
				2.510 ± 30 anos BP (Decapagem 07)	Santana (2013)
Cemitério B	Fase 04	1	15-09	2.530 ± 70 anos BP (Decapagem 08)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
				4.390 ± 30 anos BP (Decapagem 09)	Santana (2013)
				2.650 ± 150 anos BP (Decapagem 10)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
				3.270 ± 135 anos BP (Decapagem 15)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
Cemitério C	Fase 03	3	21-16	4.790 ± 80 anos BP (Decapagem 20)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
		2	28-22	7.530 ± 30 anos BP (Decapagem 27)	Santana (2013)

Cemitério D		1	34-29	5.570 ± 70 anos BP (Decapagem 30)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
	Fase 02	1	42-35	8.950 ± 70 anos BP (Decapagem 40)	Vergne (2004) Fagundes (2007)
	Fase 01	2	50-43	12.220 ± 50 anos BP (Decapagem 48)	Santana (2013)
		1	64-51	Sem datação	Fagundes (2010)

Fonte: adaptado de Fagundes (2010) e Silva (2017)

A estratificação do Justino é considerada complexa e de difícil interpretação, como constata Vergne (2002) e Fagundes (2007). O sítio Justino apresentava camadas de habitação intercaladas pela presença de enterramentos; dessa forma, cada período de ocupação levava a novos enterramentos. Vergne (2002) verificou 4 períodos de ocupação, conforme a organização espacial das estruturas funerárias (Cemitérios A, B, C e D), ou seja, os níveis de ocupação do Justino foram baseados nos níveis de deposição dos esqueletos e nas datações em amostras de carvão (SILVA, 2017).

Silva (2017), com base no que já foi trabalho por Fagundes (2007; 2010), Luna (2005), Carvalho (2007), Vergne (2004), dentre outros, produziu um novo modelo para leitura do Cemitério Justino, no qual seriam considerados o comprimento craniano de indivíduos adultos e o tamanho de vasilhame cerâmico, vinculados ao enterramento, com o objetivo de buscar uma área mínima necessária para ocupação em uma cova (SILVA, 2017).

Os dados de posicionamento em decúbito lateral ou decúbito dorsal, relacionados às características dos vasilhames, permitiram que fosse estabelecido um intervalo de 30cm a cada sepultura, configurando a divisão em 3 pacotes: Intervalo I (40-70cm), Intervalo II (70-100cm) e Intervalo III (100-140cm) (SILVA, 2017).

As novas configurações de organização para o uso do cemitério por meio intervalos não buscaram, de acordo com Silva (2017), questionar os métodos adotados para classificar e descrever o Justino, mas criar novos intervalos de ocupação que oferecessem maior confiabilidade quanto ao local em que foram depositadas as contas de vidro trabalhadas pela autora. Isso, então, confirmaria o emprego de contas de vidro e tembetás como objetos colocados de forma intencional.

Durante todas as ocupações investigadas no Sítio Justino, foram escavados um total de 165 enterramentos, com 184 indivíduos identificados. Desse quantitativo, aproximadamente

13% do total de indivíduos possuem adornos cujas matérias-primas mais frequentes são os ossos, conchas, dentes e minerais (Tabela 11).

Tabela 11 – Dados dos enterramentos nos quais foram verificados adornos no Sítio Justino, Xingó, SE

Número do Enterramento	Tipo de enterramento	Idade	Sexo	Adornos
5	Primário	Adulto	Masculino	Colar de ossos de animais
6	Primário	Adulto	Feminino	Colar de ossos de animais
23	Primário	Adulto	Indeterminado	Colar de ossos de animais
34	Primário	Adulto	Masculino	Tembetá em amazonita
41	Secundário	Adulto	Indeterminado	Colar de ossos de animais
48	Primário	Criança	Indeterminado	Colar de contas de ossos de ave
55	Primário	Adulto	Masculino	Contas de vidro
109	Primário	Idoso	Masculino	Tembetá em amazonita
112	Primário	Adulto	Feminino	Colar de dentes de mamíferos
114	Primário	Adulto	Feminino	Colar de ossos de animais
116	Primário	Subadulto	Feminino	Tembetá em amazonita, bracelete e tornozeleira
118	Primário	Idoso	Masculino	Colar de ossos de animais
131	Primário	Adulto	Masculino	Tembetá em amazonita
137	Primário	Adulto	Masculino	Contas de vidro, de malacológico e de ossos
138	Primário	Criança	Indeterminado	Contas de vidro, de malacológico e tembetá em amazonita
140	Primário	Criança	Indeterminado	Contas de vidro e tembetá em amazonita
142	Primário	Subadulto	Indeterminado	Tembetá em amazonita
147	Primário	Criança	Indeterminado	Pulseira de concha de molusco
150	Não identificado nas referências	Indeterminado	Indeterminado	Não identificado nas referências

156	Primário	Adulto	Masculino	Colar de ossos de animais
160	Primário	Adulto	Feminino	Tembetá em amazonita, colar de contas brancas
161	Primário	Adulto	Feminino	Tembetá em amazonita

Fonte: adaptado de Vergne (2004), Silva (2013) e Silva (2017)

O **Sítio arqueológico Jerimum** foi escavado em 1997 e 1998 pela arqueóloga Cleonice Vergne e em 2001 e 2002, pela arqueóloga Claudia Oliveira, juntamente com a equipe do MAX e do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE.

O sítio é a céu aberto e está localizado no município de Canindé do São Francisco, no terraço fluvial, a jusante da Usina Hidrelétrica de Xingó, próximo à margem de confluência do Riacho Jerimum na Fazenda Jerimum, em Sergipe. Está sob as coordenadas Zona 24L UTM E 639372 UTM N 8935016 (CARVALHO; OLIVEIRA, 2002; CASTRO, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2005).

O Sítio Jerimum apresenta, em relação aos outros sítios dessa região, um ponto altimétrico mais alto, cerca de 6 a 7m acima do nível do Rio São Francisco. De acordo com Oliveira *et al.* (2005), parece existir uma preferência por ocupações mais prolongadas em áreas menos elevadas.

A ausência de estratigrafias bem definidas não permitiu a análise e a separação dos vestígios por diferentes níveis de ocupação. Diante disso, foram analisadas a dispersão e a variação quantitativa dos vestígios nos sentidos horizontal e vertical, pelas quais foi estipulada como hipótese a existência de 4 níveis de ocupação, conforme Oliveira *et al.* (2005):

- Ocupação 1 – A partir do nível superficial até 50cm de profundidade, com maior concentração de material lítico e cerâmico, fogueiras, adornos e pilões, tendo diminuição desses vestígios ao final da ocupação, em que surgem os primeiros sepultamentos (8, 9, 10 e 1);
- Ocupação 2 – A partir de 60cm até 1,10m, com concentração de fogueiras, material lítico, cerâmico e adornos, porém com diminuição da quantidade de pilões. No final da ocupação, ocorre a redução dos vestígios líticos, cerâmicos e das estruturas de fogueira. Identificação dos sepultamentos 4, 4.1, 5, 6 e 7;

- Ocupação 3 – A partir de 1,20m, começa um aumento novamente na quantidade de material lítico e uma escassez de material cerâmico; em 2,60m, ocorre um pequeno intervalo sem vestígios arqueológicos;
- Ocupação 4 – A partir de 2,90m, surge uma nova concentração de material lítico, que vai até 3,40m, ocorre um novo espaço de 30cm sem vestígios arqueológicos; já em 3,70m até 4m, volta a aparecer uma nova concentração de vestígios líticos.

Os autores ainda citam que, diante do que foi observado, a ocupação do Sítio Jerimum parece ter se dado por grupos com diferentes sistemas de produção: um caracterizado por caçadores coletores (Ocupação 3 e 4) e outro caracterizado por grupos ceramistas (Ocupação 1 e 2). Contudo, são necessárias datações e a continuidade das escavações.

Foram evidenciados, durante as escavações de 2001 e 2002, 10 estruturas funerárias e 11 enterramentos com acompanhamentos funerários (Tabela 12) e adornos (contas de colar e pingente de ossos de animal), além de vestígios líticos, fragmentos cerâmicos, ossos de pequenos animais, conchas, 35 estruturas de fogueira e material histórico como faiança, porcelanas, tijolos, telhas e vidro. A maioria das estruturas foram achadas no setor I, próximo ao barranco do terraço (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

Tabela 12 – Dados sobre o Sítio Jerimum publicados por Castro (2009) e Carvalho e Oliveira (2002)

Número do Enterramento	Tipo de enterramento	Idade	Sexo	Adornos	Acompanha mento funerário	Outros materiais associados
1	Indeterminado	Adulto	Indeterminado	-	-	-
3	Primário	Adulto	Masculino	01 gastrópode perfurado	conchas bivalves sobre o crânio	08 Gastrópodes terrestres
4.1	Primário	Adulto	Indeterminado	-	-	-
4.2	Primário	Adulto	Indeterminado	-	-	-
5	Primário	Adulto	Indeterminado	-	-	-
6	Primário	Adulto	Indeterminado	-	-	-
7.1	Primário	Adulto	Masculino	-	-	-
7.2	Primário	Adulto	Indeterminado	-	Gastrópodes junto a mão esquerda	Fragmentos de cerâmica, peças líticas

8	Primário	Adulto	Masculino?	-	Fragmento de granito cor de rosa sobre o crânio	-
9	Primário	Adulto	Indeterminado	-	-	-
10	Indeterminado	Subadulto	Indeterminado	-	-	-

Fonte: adaptado de Castro (2009) e Carvalho e Oliveira (2002)

No sítio, achou-se um pingente de osso de animal não identificado em área descontextualizada, próximo ao sedimento desmoronado do perfil 3 da área I. Os adornos, no geral, não estão descritos com maiores detalhes ou de forma contextualizada ao indivíduo (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

As análises do material lítico das camadas mais profundas demonstram que o sítio Jerimum possivelmente não seria um sítio de moradia, mas de acampamento, e que o material produzido ali se destinava apenas àquele momento. Novas pesquisas sobre essa temática estão sendo aguardadas para estabelecer se existe ou não variação tecnológica entre os diferentes níveis de ocupação (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

Os esqueletos escavados não estavam em bom estado de conservação, exibindo muitos ossos friáveis e fragmentados, requerendo reconstituição e análises sistemáticas em campo e no laboratório.

De acordo com Carvalho e Oliveira (2002), a população do sítio Jerimum apresenta algumas características nas práticas funerárias semelhantes às verificadas nos enterramentos dos sítios São José II e Justino, bem como à indústria lítica e alguns aspectos da tecnologia cerâmica, o que pode indicar que, provavelmente, a população do sítio Jerimum pertencia ao mesmo grupo dos outros sítios.

Este último sítio mencionado não possui cronologia devido à fragilidade dos ossos e às amostras de carvão não terem sido satisfatórias, por causa da baixa frequência das cinzas.

## 5. CARACTERIZAÇÃO DOS ADORNOS CORPORAIS PRÉ-HISTÓRICOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

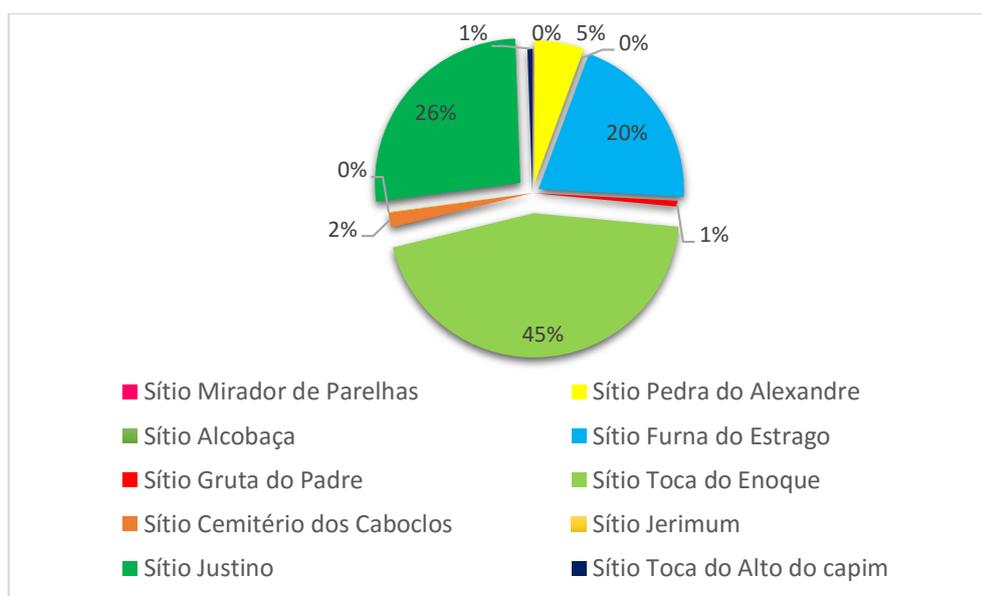
A análise e interpretação dos dados são uma das formas mais eficazes de nutrir os direcionamentos e planejamentos de uma pesquisa. As relações e correlações entre as análises obtidas constitui a essência do trabalho científico. Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos após o uso, de forma ordenada e sistemática, da metodologia proposta.

A apresentação dos resultados pretende proporcionar elementos que possibilitem interpretações, podendo ser limitadas pelos próprios dados ou métodos aplicados na pesquisa. As hipóteses que serão discutidas são passíveis de serem complementadas ou falseadas diante de novas abordagens teórico-metodológicas.

### 5.1. Análise do contexto dos sítios

Foram analisados um total de **4.166** adornos corporais, distribuídos em **10** sítios arqueológicos, situados em Áreas Arqueológicas no Nordeste do Brasil<sup>12</sup>. Diante do exposto, segue a Figura 36, com a apresentação dos dados.

Figura 36 – Distribuição dos adornos identificados nos sítios arqueológicos



Fonte: autora

<sup>12</sup> Os adornos do Sítio Gruta do Padre não foram analisados por completo, pois as campanhas para salvamento do local foram realizadas entre 2 equipes distintas. Dessa forma, parte do material que foi analisado está no acervo da UFPE, enquanto a outra parte que não foi analisada encontra-se na UFBA. Outra atenuante é sobre o sítio Justino, que também não foi analisado por completo, devido à presença, em 4 enterramentos, de algumas contas de vidro (designação atribuída por Silva (2017)) associadas a adornos nativos.

Na Figura 36, são apresentadas as porcentagens dos adornos identificados em cada sítio arqueológico selecionado para a pesquisa. Na análise quantitativa, observa-se que o Sítio Toca do Enoque (45%) possui 1.861 (mil oitocentos e sessenta e um) adornos; Justino (26%), 1106 (mil cento e seis); Sítio Furna do Estrago (20%), 842 (oitocentos e quarenta e dois) e Pedra do Alexandre (5%), 230 (duzentos e trinta) adornos. Esses sítios são os mais expressivos em relação à quantidade amostral de adornos. Os sítios Cemitérios dos Caboclos (2%), Gruta do Padre (1%), Toca do Alto do Capim (1%), Alcobaça (0%), Jerimum (0%) e Mirador de Parelhas (0%)<sup>13</sup> apresentam baixo percentual de adornos em registro arqueológico, se comparados aos outros sítios.

Os sítios Gruta do Padre, Alcobaça, Cemitério dos Caboclos, Toca do Alto do Capim possuem, como tratamento destinado ao corpo, a cremação. Esta atividade faz com que os ossos apresentem fragmentações diversas e mudança na coloração, de acordo com a temperatura a que foram submetidos. Pode-se estipular como média de temperatura, de acordo com Buikstra e Ubelaker (1994): 100°C – Sem alteração; 100-250°C – Bege/Castanho; 250-300°C – Castanho; 300-400°C – Negro; 400-600°C – Cinza; maior que 600°C – Branco. Na Figura 37 são apresentadas as temperaturas e a cor dos ossos por outros autores.

Figura 37 – Temperatura e cor dos ossos observados após a queima

Colour	Shipman et al. 1984	Etzeberria 1994	Mays 1998	Walker et al. 2008	Wahl 2008	McCutcheon 1992	Bonucci and Graziani 1975
No Change	<285	-	185	-	<200	-	
Red/Orange	285-645	-	185	-	-	-	200-300
Brown	285-525	-	285	>100	300	<240	200-300
Black	525-645	>300	285	300	400	<340	300-350
Grey	>645	-	440/525	600	550	<600	550-600
White	>645	700	645-1200	>800	>650	<650	650~

Fonte: Ulguim (2015)

Os ossos dos indivíduos submetidos a esta prática possuem alto grau de fragmentação. Tal atividade pode ter contribuído para o baixo percentual de adornos nos sítios mencionados. A Figura 38 demonstra as contas de colar de ossos, identificadas nas cores cinza, preta, marrom e branca, as quais, possivelmente, sofreram com a ação da queima.

<sup>13</sup> Os sítios Alcobaça, Jerimum e Mirador de Parelhas encontram-se com percentual de 0% devido a sua associação com outros sítios de maior quantitativo; mas, nesses sítios, também foram identificados adornos corporais.

Figura 38 – Contas de ossos do Sítio Gruta do Padre



Fonte: autora

Já o Mirador de Parelhas sofreu perturbações antrópicas recentes, o que pode ter ocasionado a perda e/ou a realocação dos objetos de adornos. Outra possível hipótese seria o curto tempo de vida, em razão da presença de adornos feitos com materialidade perecível.

Ainda sobre os sítios, observa-se uma recorrência maior de adornos em sítios abrigo, furna ou gruta, e cerca de 20% dos sítios a céu aberto (Tabela 13). Sítios abrigo sob rocha, por serem mais protegidos das intempéries, possuem, possivelmente, maior probabilidade de conservarem os vestígios arqueológicos. Tal fato pode se justificar pela recorrência dos adornos corporais nessas localidades.

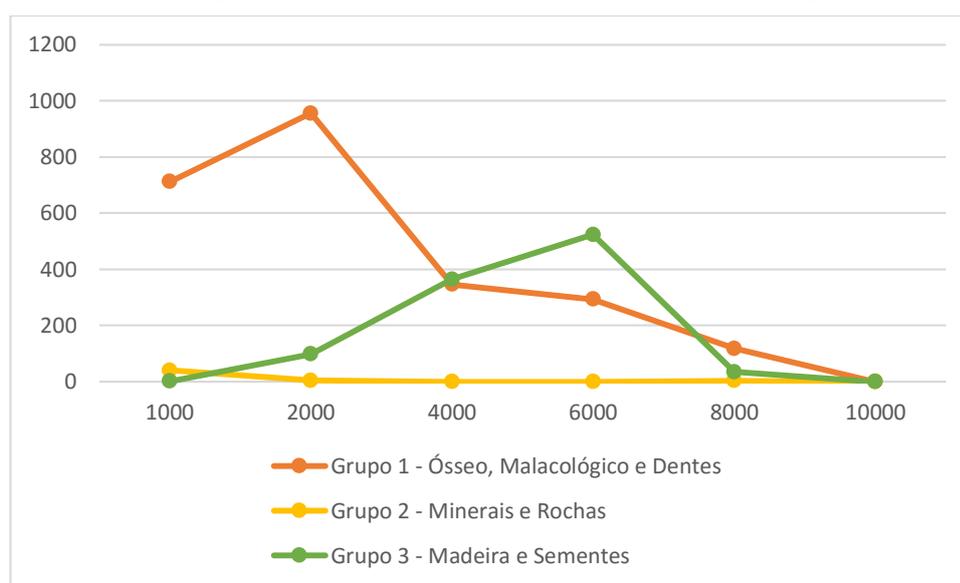
Tabela 13 – Tipos e datações dos sítios trabalhados durante a pesquisa

Sítios	Datações	Tipo de sítio
Furna do Estrago	1040-2000 anos BP	Furna
Alcobaça	1561 - 2466 anos BP	Abrigo
Gruta do Padre	2500-4000 anos BP	Gruta
Alto do Capim	4490 anos BP	Gruta
Pedra do Alexandre	2620-9400 anos BP	Abrigo
Mirador de Parelhas	9410 anos BP	Abrigo
Toca do Enoque	3430-8270 anos BP	Abrigo
Justino	1280 - 12000 anos BP	Céu aberto
Jerimum	Não possui datação	Céu aberto
Cemitério dos Caboclos	Não possui datação	Abrigo

Fonte: Fagundes (2007), Lima (1985), Luz (2014), Martin (2008), Nascimento *et al.* (1994), Oliveira (2006), Santana (2013) e Vergne (2004)

Os adornos corporais analisados encontram-se situados, cronologicamente, entre aproximadamente 1.040 e 12.000 anos BP, como mostra a Tabela 13. A Figura 39 expõe o intervalo das datações dos sítios em função das matérias-primas dos adornos. Foram formados 3 grupos de matérias-primas, observados durante as análises e separados primeiro em orgânicos (ossos, malacológicos, dentes, madeiras e sementes) e inorgânicos (minerais e rochas). O grupo dos orgânicos, foi separado em subgrupos, de acordo com o maior perecimento.

Figura 39 – Distribuição cronológica dos adornos de acordo com a datação dos sítios arqueológicos selecionados



Fonte: autora

A análise cronológica da Figura 39 deve ser realizada considerando que as datações atribuídas aos sítios aqui listados são, em sua grande maioria, de vestígios arqueológicos associados aos indivíduos sepultados ou de fragmentos de carvões.

O gráfico da figura acima nos mostra que sítios com datações recuadas possuem, com maior frequência, adornos cujas matérias-primas são ossos, dentes e materiais malacológicos. Por volta de 6.000 anos, observa-se maior variedade de matérias-primas na produção dos adornos, com a inclusão de diversas espécies de sementes e o uso de madeira também como ornamentação. Essas materialidades, e muito provavelmente as penas, devem ter sido utilizadas por grupos pré-históricos anteriores aos 6.000 anos.

No concernente aos adornos, cujas matérias-primas são minerais e rochas, esperava-se, por serem produzidos a partir de matéria-prima com maior tempo de vida, verificar, durante os períodos de ocupação pré-histórica, uma produção recorrente, mesmo que de poucos exemplares. No entanto, a Figura 39 explicita que a maior recorrência de adornos feitos de

minerais e rocha aconteceu entre 1.000 e 2.000 anos apenas, reforçando a hipótese de que sítios mais recentes tendem a ter uma maior variabilidade na fabricação dos adornos. Além disso, evidencia que a produção de adornos, na qual a materialidade precisa ser trabalhada com maior gasto energético, possivelmente esteja destinada a uma parcela menor de indivíduos dentro do grupo.

## 5.2. Análise do contexto funerário

Os adornos, quando identificados de modo associado aos indivíduos, podem nos trazer possibilidades interpretativas quanto aos aspectos sociais inerentes ao grupo, tendo sempre em vista que o universo arqueológico é vestigial e incompleto e que as interpretações podem possuir caráter probabilístico, não determinante.

Relatos etnográficos apresentam grupos indígenas diferenciando o *status* de quem está sendo enterrado por meio do tratamento funerário e dos adornos corporais, como consta na citação abaixo de Lery (1961).

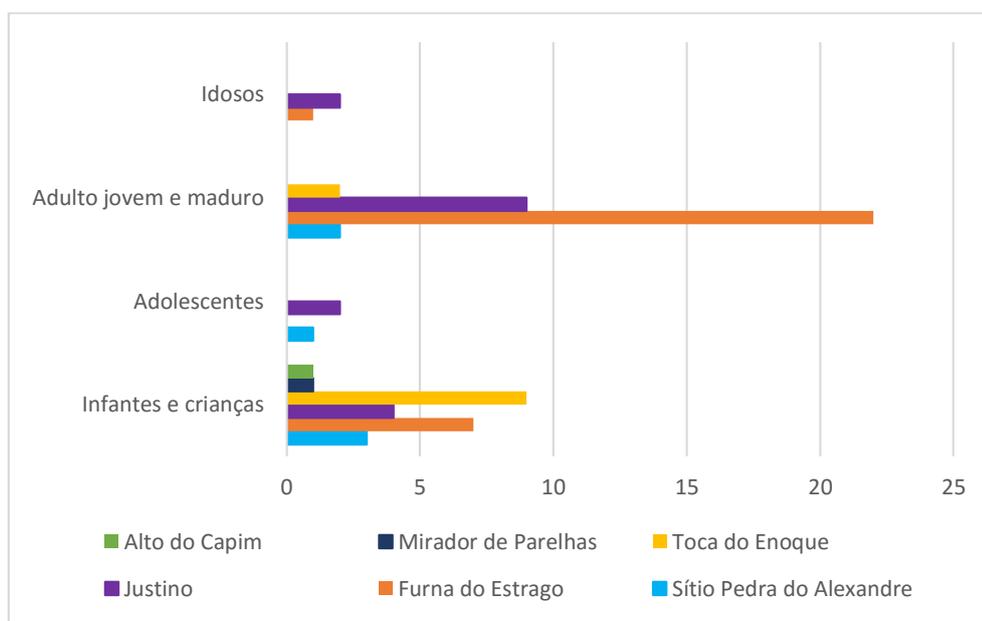
Depois de aberta a cova, não comprida como as nossas, mas redonda como um tonel de vinho, curvam o corpo e amarram os braços em torno das pernas, enterrando-o quase de pé. Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido em sua rede, juntamente com seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal (LERY, 1961, p. 197).

Informações referentes a sexo e idade dos indivíduos correlacionados a seus adornos corporais, bem como outras variáveis culturais, são importantes fatores para esquadrihar a população funerária. A aquisição gradual dos ornamentos a partir das classes de idades, assim como é visto entre os Matis, originários da região Amazônica, também foi retratada na etnografia, conforme assinala Lery (1961).

Os rapazes têm por hábito furar o beijo inferior logo na infância, e usam no buraco um osso bem polido, alvo como marfim, feito a semelhança de uma carrapeta [...] mas só usam esse osso branco na adolescência; quando adultos, *curumim-assú* (isto é, menino crescido) usam no furo do beijo uma pedra verde, espécie de falsa esmeralda, do tamanho de uma moeda [...] (LERY, 1961, p. 93, destaque do autor).

A identificação das variáveis biológicas sexo e idade foi realizada através de informações já publicadas. O gráfico da Figura 40 expõe os indivíduos que foram identificados com adornos corporais e suas respectivas classes de idade.

Figura 40 – Relação dos indivíduos adornados em função das classes de idade



Fonte: autora

A Figura 40 deixa evidente que, mesmo com um baixo percentual de recém-nascidos e crianças, em todos os sítios trabalhados, existe uma menção a ornamentos associados a indivíduos dessa classe de idade. No exemplo do sítio Toca do Enoque, as crianças e recém-nascidos apresentam, em sua grande maioria, adornos com muitas contas e pingentes, o que nos leva a pensar que, provavelmente, esses ornamentos foram atribuídos aos indivíduos no momento da morte, já que seria difícil carregar o peso desses colares no dia a dia. Os adornos dos idosos geralmente são diferenciados em função da materialidade utilizada para sua fabricação.

Staden (1930) menciona o hábito de furar o lábio e a colocação do adorno labial quando os integrantes do grupo alcançam a idade adulta, além do uso de adornos de pescoço de variadas matérias-primas, principalmente nos indivíduos masculinos.

Usam ainda um enfeite que fazem de grandes búzios marinhos, da forma de uma meia lua. Penduram-no ao pescoço, é branco como a neve, e o chamam de *Bogessy*<sup>14</sup>. Fazem também colares brancos, de caracóis marinhos, que trazem ao pescoço, da espessura de uma palma e que dão muito trabalho para se fazerem (STADEN, 1930, p. 143).

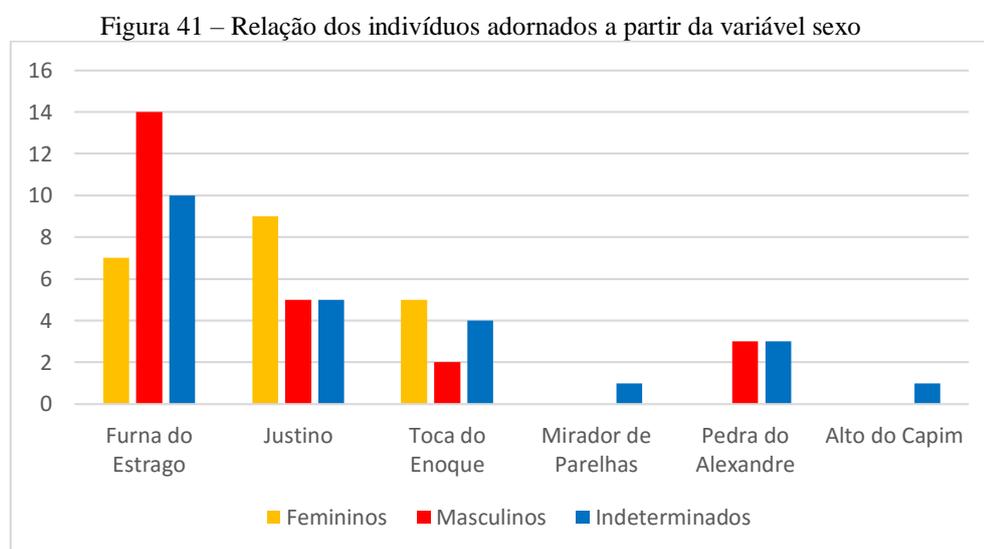
Em relação aos ornamentos utilizados pelas mulheres indígenas do grupo, Staden (1930) enfatiza que elas não possuíam ornamentos especiais, como os homens. Nas mulheres,

<sup>14</sup> Vem do Tupi e significa “à Imagem da lua” ou “feito da Lua”.

eram feitos orifícios nas orelhas, nos quais eram pendurados objetos com comprimento de um palmo e utilizados enfeites feitos de conchas do mar.

Os grupos indígenas se diferem uns dos outros. Lery (1961) relata que as mulheres tupinambás não costumam furar os lábios nem as faces para colocar os adornos de amazonita, como os homens, mas se faziam furos e eram inseridos brincos de conchas marinhas nas orelhas. Já alguns grupos de Botocudos, de ambos os sexos, têm por costume furar o lábio inferior e os lóbulos das orelhas, introduzindo discos de madeira, cujo tamanho aumentava com a idade.

Os adornos labiais de amazonita, que são mais comumente associados ao uso dos indivíduos masculinos, foram identificados, ainda, em indivíduos femininos, de modo que, provavelmente, os grupos pré-históricos observados na pesquisa podem não ter como costume a distinção dos sexos através dos adornos. A Figura 41 reflete como a variável sexo apresenta pouca ou nenhuma relação para os indivíduos adornados.

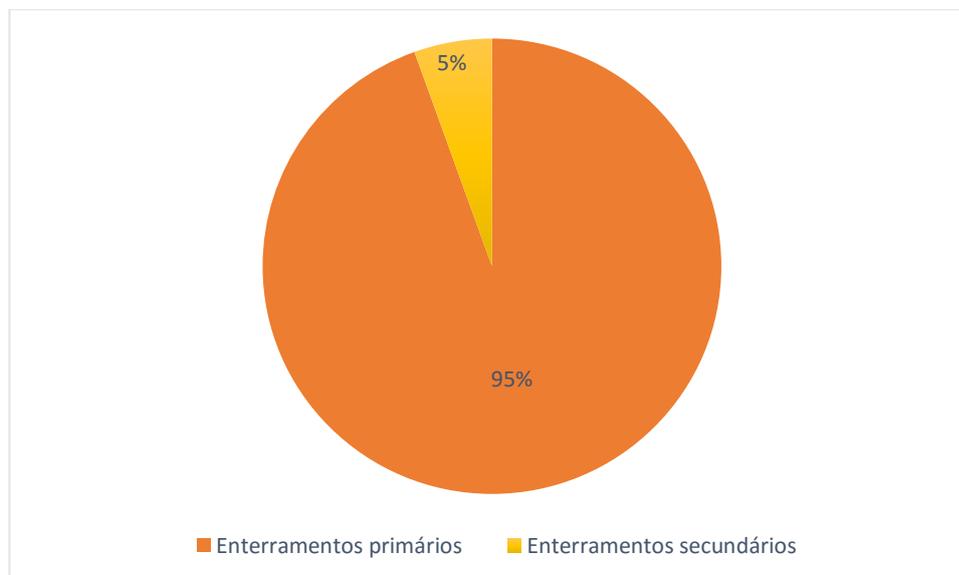


Fonte: autora

Na análise do contexto funerário, o tipo de enterramento foi utilizado como variável capaz de influenciar a disposição espacial dos adornos e, conseqüentemente, interferir na situação ou uso (local no qual o adorno foi identificado no corpo do indivíduo), como também no estado de conservação do material depositado, já que enterramentos secundários tendem a fragmentar mais os ossos.

A Figura 42 exhibe as alterações tafonômicas, como a quebra, fissura e fratura nos adornos achados em enterramentos primários e secundários. A relação pode indicar que enterramentos primários, além de situarem o adorno em função do indivíduo, se inclinam à diminuição da ação de processos tafonômicos no material.

Figura 42 – Relação dos tipos de enterramentos com o estado de conservação dos adornos



Fonte: autora

As alterações tafonômicas, verificadas e trabalhadas nesta pesquisa, visavam a estabelecer os diferentes tipos de aspectos que incidiram nos adornos corporais. A não identificação desses fatores pode produzir equívocos no diagnóstico, prejudicando a detecção das variáveis culturais listadas. A tafonomia, como conceitua Silva (2017), quando inserida em contextos funerários, intende a compreender fenômenos extrínsecos e intrínsecos, que modificaram a aparência do material arqueológico.

Assim, as alterações observadas são decorrentes de contextos múltiplos que incluem o estado de conservação precário do sítio Pedra do Alexandre (Figura 43), em razão da inumação dos esqueletos sob matacões, além da alteração da estrutura do sítio e dos ossos inumados no Sítio Justino, por causa da ocorrência frequente de enchentes (SANTOS, 2000).

Figura 43 – Pingente de ossos de cervídeo com quebras, fraturas e fissuras transversais, identificado no Sítio Pedra do Alexandre



Fonte: autora

Ainda é possível observar adornos ósseos com fraturas e coloração esbranquiçada em razão da presença de sinais de aquecimento dos sítios Furna do Estrago (Figura 44), Alcobaça e Gruta do Padre.

Figura 44 – Conta óssea esbranquiçada com fraturas e quebra, possivelmente decorrente da ação de queima, identificada no Sítio Furna do Estrago



Fonte: autora

### 5.3. Análise dos adornos corporais

Sobre a materialidade dos adornos, podemos citar o Sítio Toca do Enoque, onde foram encontrados 672 dentes de animais, incluindo jaguatiricas (*Felis pardalis*), raposas (*Cerdocyon thous*), onça vermelha (*Felis concolor*) e onça pintada (*Panthera onça*). Esses materiais são pingentes utilizados com recorrência entre os grupos indígenas. A etnografia brasileira nos mostra como a ornamentação, para os grupos, tinha o objetivo de transmitir mensagens visuais e nos apresenta, também, a relação que os dentes tinham com esses grupos. Para muitas sociedades ameríndias os dentes representam uma força vital ocupando lugar de prestígio na vida social. O jesuíta Gabriel Soares e Sousa, em 1587, relata:

Para os tupinambás fazerem bizarros usam de muita bestialidades [...] fazem colares para o pescoço de dentes dos contrários, onde trazem logo junto dois, três mil dentes [...] põe sobraçadas muitas contas de búzios e, outras pequenas de penas nos braços, fazem estas bizarrices na sua aldeia para serem temidos e estimados (SOUSA, 2000, p. 286).

Gambim Junior *et al.* (2018) também comentam que os dentes usados em colares poderiam ter pertencido tanto aos indivíduos adultos, quanto aos infantes, ou ter significado troféus de caça e amuletos de proteção (

Figura 45 e Figura 46); ambos os casos já observados etnograficamente.

Figura 45 – Colar de dentes de raposa (*Cerdocyon thous*) associado ao indivíduo infantil. Sítio Toca do Enoque (à esquerda)

Figura 46 – Colar de dentes de onça pintada (*Panthera onça*), onça vermelha (*Felis concolor*) e Jaguaritica (*Felis pardalis*) associado a um Recém-nascido no Sítio Toca do Enoque.

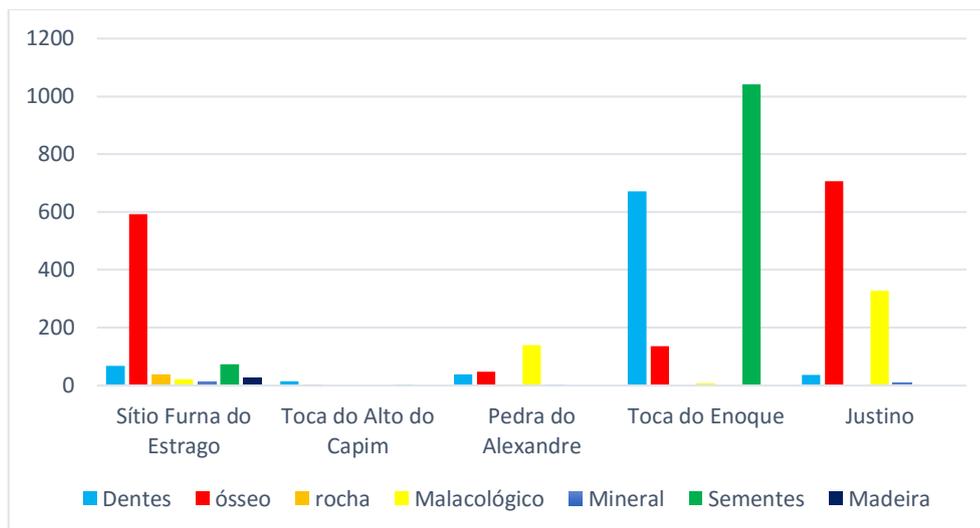


Fonte: acervo imagético da Fumdam (foto de Adolfo Okuyama).

Além dos dentes identificados nos sítios pré-históricos, também foram verificados 498 (quatrocentos e noventa e oito) conchas de gastrópodes terrestres e moluscos marinhos; 1.530 (mil quinhentos e trinta) ossos de animais, nos quais estão inclusos cervídeos, roedores, primatas, aves, dentre outras espécies; 45 (quarenta e cinco) adornos feitos de rocha, como o quartzo e o silito; 19 (dezenove) adornos feitos de minerais, como a caulinita, amazonita e a ágata; 1.165 (mil cento e sessenta e cinco) espécies vegetais, incluindo sementes de angico (*Anadenanthera peregrina*), gindiroba (*Fevillea trilobata* L.) e catolé (*Syagrus comosa*); por fim, 26 (vinte e seis) adornos feitos de madeira.

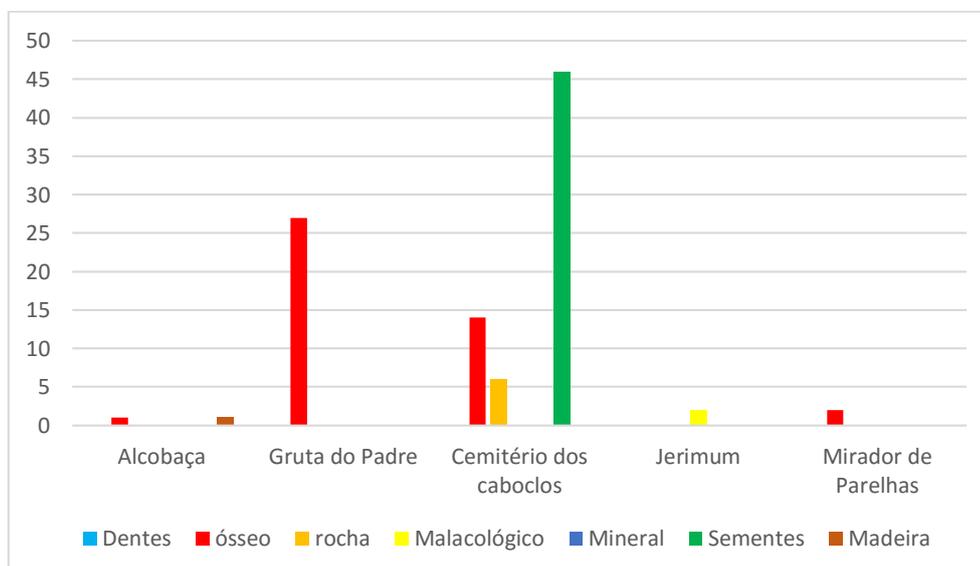
Os processos tafonômicos e o alto grau de modificação de alguns adornos comprometeram a identificação de algumas matérias-primas, principalmente nos sítios Furna do Estrago e Gruta do Padre. A Figura 47 e a Figura 48 apresentam os dados quantitativos descritos acima, distribuídos por sítios.

Figura 47 – Relação das matérias-primas dos adornos



Fonte: autora

Figura 48 – Relação das matérias-primas dos adornos



Fonte: autora

No sítio Toca do Enoque, os adornos feitos de material malacológico não foram percebidos em grandes quantidades, mas quase todos os indivíduos possuíam associações com conchas em seu mobiliário fúnebre. Isso nos leva a supor, de acordo com Luz (2014), que as conchas faziam parte da vida dessa população pré-histórica e foram colocadas nos enterramentos como parte do ritual funerário. O provável fator de proliferação dos caramujos Aruá (*Megalobulimus*) são os ambientes úmidos característicos dos abrigos sob rocha (Figura 49), o que também ocorre na Furna do Estrago.

Figura 49 – Detalhe do enterramento 6, com presença de conchas de gastrópodes terrestres associadas ao mobiliário fúnebre



Fonte: acervo imagético da Fumdhm

O uso de vegetais, como trançados e fibras nas práticas funerárias e na confecção dos adornos, também é recorrente. Em relação ao sítio Alcobaça, Oliveira (2006) traz os cordames feitos de fibras de palmeira e caroá nos 5 enterramentos secundários e coletivos. No Sítio Furna do Estrago, também foram achadas fibras vegetais de caroá (*Neoglaziovia variegata*) e esteiras envolvendo os indivíduos, e adornos de sementes de Gindiroba (*Fevillea trilobata*) (Figura 50) foram utilizados para a confecção de contas de colar.

Figura 50 – Contas de sementes associadas a enterramentos no Sítio Furna do Estrago



Fonte: autora

Nos sítios Toca do Enoque e Alto do Capim (Figura 51), também foi observado o uso de fibras vegetais e sementes sobre braços e pelve dos indivíduos, sugerindo que estes são adornos de pulso e cintos, como cita Luz (2014).

Figura 51 – Contas de semente e fibras associadas ao indivíduo infantil no Sítio Toca do Alto do Capim



Fonte: acervo imagético da Fumdhm (foto de Adolfo Okuyama)

Sobre os adornos de ossos de animais, encontram-se com frequência pingentes de ossos de cervídeos (*Mazama gouazoubira* e/ou *americana*) (Figura 52) e diáfises de aves, em sítios pré-históricos do Nordeste, tais como Pedra do Alexandre, Justino, Toca do Enoque, Furna do Estrago. Sítios esses localizados no Rio grande do Norte, Sergipe, Piauí e Pernambuco, respectivamente. Questiona-se um possível contato ou proximidade sociocultural dessas populações, visto que além do uso da mesma matéria-prima, também é observada técnica de conformação de superfície similar.

Figura 52 – Pingentes de ossos de cervídeo identificados no Sítio Justino



Fonte: autora

Dentre os tipos de adornos presentes no registro arqueológico, as contas de colar e os pingentes apresentam-se como os mais representativos. No entanto, durante as análises dessa variável, foi possível, ademais, verificar outros adornos não identificados, possivelmente um pingente ou um adorno para o cabelo (Figura 53) e um bracelete produzido a partir de concha de molusco (Figura 54), vinculado a um enterramento infantil, ambos do Sítio Justino.

Figura 53 – Adorno de malacológico com tipologia não identificada no Sítio Justino



Fonte: autora

Figura 54 – Bracelete de malacológico identificado em um enterramento infantil no Sítio Justino



Fonte: autora

Sobre o Sítio Justino, os enterramentos (55, 137, 138 e 140) com presença de contas de vidro e outros adornos nativos associados ao contexto funerário, como já mencionado, não se realizou a caracterização desses vestígios; no entanto, é importante salientar que os adornos vinculados a esses indivíduos, assim como acontece com os outros sítios anteriormente discutidos, aparentam se distinguir uns dos outros, levando em consideração as variáveis selecionadas, também em função da idade. Os tembetás de amazonita, possivelmente, são os caracterizadores dessa distinção, de modo que dos 4 indivíduos mencionados, 2 crianças possuem adornos labiais.

Esses adornos identificados em indivíduos infantis apresentavam dimensões de até 4cm, o que nos conduz a pensar que, provavelmente, assim como cita Silva (2017), eles foram depositados para marcar transições de idade para uma fase adulta, não para utilização em vida. No sítio Furna do Estrago, são verificadas contas de colar de amazonita, associadas a infantes, com cerca de 1cm de comprimento. Provavelmente, foram utilizadas em vida, devido ao tamanho diminuto, ou seja, por serem adornos considerados grandes, no caso dos encontrados em Justino, é provável que os tembetás estivessem fazendo parte do ritual funerário e marcando a passagem do indivíduo infantil para a fase adulta.

Os dois indivíduos infantis são os únicos dentro do conjunto exumado e com presença de adornos que possuem enfeites labiais de amazonita; os outros 7 indivíduos, que foram analisados durante a pesquisa e nos quais foram verificados tembetás, são subadultos, adultos

e idosos. Destes, é possível observar as imagens dos tembetás dos indivíduos 116, 109, 142 e 131; em ordem da esquerda para a direita (Figura 55).

Figura 55 – Tembetás associados aos indivíduos do Sítio Justino.



Fonte: autora

O uso de objetos cilíndricos no lábio inferior e nos lóbulos da orelha é corriqueiro em sociedades indígenas do passado e do presente, não apenas em sítios do Nordeste, mas também nos da Amazônia, das Guianas e para além das Ilhas do Caribe. São objetos encontrados em associação, principalmente, a sepultamentos (FALCI; RODET, 2016). Em se tratando dos tembetás, estes são comuns em grupos indígenas tupi ou guarani e igualmente utilizados por grupos de outras etnias, e, dependendo do contexto e/ou sociedade, podem ser utilizados por indivíduos de todos os gêneros, significando objeto de prestígio ou não (GAMBIM JUNIOR *et al.*, 2018).

Staden (2004), durante a confederação dos Tamoios, se encontra com o chefe guerreiro canibal Cunhambebe e relata sua aparência. A descrição que o autor faz dos Tamoios e os outros relatos de antropólogos e cronistas nos mostram que, para cada grupo, a forma dos indivíduos de se distinguirem varia em função da materialidade do ornamento ou, como no caso dos Tamoios, da quantidade de contas de conchas carregadas.

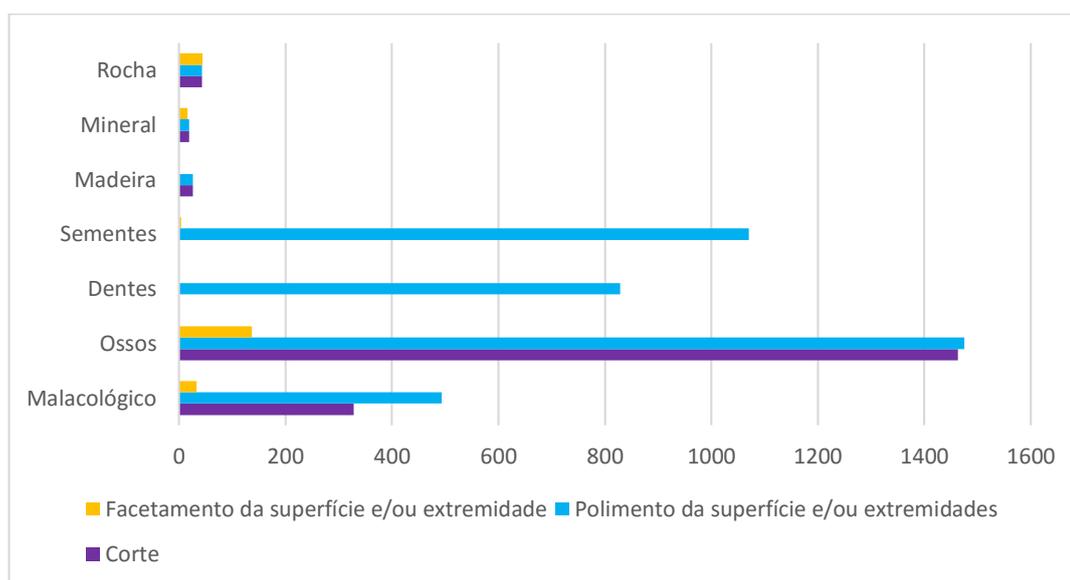
Tinha, como hábito entre eles, uma grande pedra verde metida no lábio. Além disso, possuía em volta do pescoço um colar de conchas brancas do mar, que os selvagens usavam como enfeite. O colar media no mínimo quatro braças

de comprimento. Por esse enfeite eu já podia reconhecer que se tratava certamente de um dos selvagens mais distintos (STADEN, 2004, p. 72-73).

Além dos adornos como símbolos de prestígio, ainda se verificam adornos considerados como objetos de trocas (KLEIN; EDGAR, 2005). Gassón (2000) comenta sobre o *quiripá*, conhecido como contas de conchas ou pequenos discos perfurados de várias espécies de conchas de água doce. As redes de trocas dos quiripás acontecia em regiões da Colômbia, Trinidad e as Guianas. Citados por alguns cronistas da região, esse objeto ainda está sendo estudado quanto a sua natureza e função, sugerindo-se, inclusive, que serve como moeda de troca num tipo de sistema monetário de contas de concha (GAMBIM JUNIOR *et al.*, 2018).

Partindo para o resultado das técnicas de conformação dos adornos, ou seja, para a ação de dar forma ao objeto, utilizamos os atributos corte, os quais atuam sobre o suporte, reduzindo ou transformando a área na qual será realizada a suspensão; depois, para a etapa do alisamento, que está subdividida em polimento, para dar brilho, e facetamento – alisamento feito com maior pressão na peça, criando faces (Figura 56).

Figura 56– Técnicas de conformação analisadas para as variadas matérias-primas



Fonte: autora

A partir do gráfico da, Figura 56 observa-se que os adornos, cujas matérias-primas são dentes e sementes, geralmente são utilizados em seu formato original, não sofrendo ação de corte ou facetamento, apenas de polimento, o que promove o brilho à peça. Já o material ósseo costuma ter uma maior preparação da superfície com o corte, geralmente das extremidades em que se localizam as perfurações; quando se trata de ossos longos de animais, por exemplo, e o polimento da superfície, por vezes, também se verifica a técnica de facetamento. Todavia, esta

técnica é mais comum em adornos feitos de minerais e rochas, visto que estes apresentam maior dureza na superfície (Figura 57).

Figura 57 – Conta de mineral com identificação da técnica de facetamento, Sítio Pedra do Alexandre



Fonte: autora

Por vezes, são encontrados materiais com intensas atividades de conformação, nos quais não é possível realizar as etapas básicas de identificação da matéria-prima, por exemplo. Lery (1961) cita um trecho de como era feita essa preparação de superfície nos malacológicos e, depois, faz uma menção às contas de madeira tão lustrosas quanto um azeviche.

Com grande paciência pulem contra um pedaço de grés uma infinidade de pedacinhos da grande concha marinha chamada vinho; arredondam-nos e os fazem delgados com um dinheiro tornês. Em seguida são furados ao centro e enfiados cordões como colares; chamam a estes *boure* e os enrolam ao pescoço como nos países europeus [...] Essas selvagens também usam colares de certa espécie de madeira preta muito adequada a esse mister por ser quase tão pesada e luzidia quanto o azeviche (LERY, 1961, p. 94).

Sobre a etapa de suspensão, foram observadas as técnicas de perfuração intencionais, quando o indivíduo a produz (Figura 58) e a perfuração não intencional, observada mais frequentemente em ossos longos, dos quais são retirados os tecidos esponjosos e reaproveitada a perfuração própria do osso (Figura 59). Nas não intencionais, a morfologia dos orifícios tende a ser irregular ou alargada, respeitando a extremidade do osso utilizado; nas intencionais, a confecção dos orifícios acontece de forma mais controlada, e a morfologia geralmente obtém aspecto mais cônico.

Figura 58 - Pingente feito de esterno de animal no qual é apresentada a perfuração intencional com orifício de morfologia cônica, Sítio Alcobaça (à esquerda).

Figura 59 - Contas de colar de osso longo com perfuração não intencional e morfologia irregular própria do osso, Sítio Justino (à direita).



Fonte: autora

Além disso, nos pingentes, são observadas perfurações intencionais bicônicas, nos sítios Toca do Enoque, Pedra do Alexandre e Mirador de Parelhas (Figura 60). Esse tipo de pingente estava associado às crianças. Ainda que estas apresentassem as maiores diferenciações quanto ao uso dos adornos até o momento, precisar-se-ia de mais elementos para interpretar os pingentes bicônicos como pertencentes à categoria dos infantes.

Figura 60 – Pingentes de osso de cervídeo associados ao enterramento infantil no Sítio Mirador de Parelhas



Fonte: autora

Além da suspensão através da perfuração, também é observada, em menores casos, a suspensão por estrangulamento de alguns dentes do Sítio Furna do Estrago. Nos sítios analisados no Nordeste do Brasil, a Furna do Estrago foi o único onde foi identificado esse tipo de suspensão. André (2016) cita a presença dessa tipologia em sítios mesolíticos de Portugal, assim como Fernández (2006), no Valle del Ebro, na Espanha.

De modo geral, os adornos identificados nos sítios pré-históricos do Nordeste possuem cor e marcas da matéria-prima original. No Sítio Furna do estrago, no entanto, foram encontradas inscrições de motivos decorativos em algumas contas de colar. Os motivos correspondem a linhas horizontais simples (Figura 61) e duplas, como também a linhas horizontais e paralelas, que se cruzam em conjuntos durante o comprimento da conta (Figura 62). A etapa da decoração e coloração é observada com mais recorrência em adornos produzidos no período histórico ou sítios de contato. Pode-se considerar aqui a longevidade em relação aos processos tafonômicos desse tipo de técnica decorativa.

Figura 61 – Conta de colar com inscrição de linhas horizontais, Sítio Furna do Estrago



Fonte: autora

Figura 62 – Contas de colar com motivos decorativos, Sítio Furna do Estrago



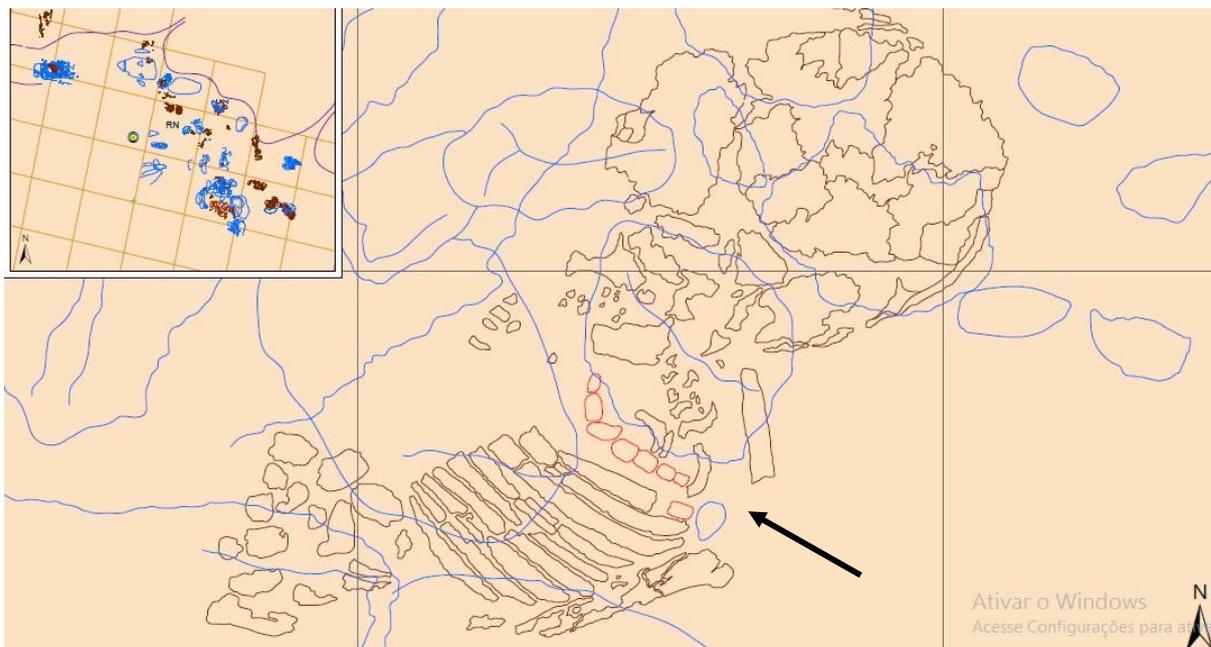
Fonte: autora

Quanto à disposição dos adornos juntos aos corpos, essa variável nos mostra uma organização. A situação de cada objeto depositado ao lado do indivíduo no momento da morte pode indicar uma função básica e social. Para Silva (2005), o corpo humano apresenta pontos privilegiados para a recepção dos adornos, ligados à significação própria de cada ornamento.

A situação ou uso do adorno, mesmo sendo uma variável importante – considerando que, para alguns grupos, os de cabeça ou colares com muitas contas de concha representavam um indivíduo de “destaque” –, precisa ser considerada diante de todos os fatores tafonômicos e pós-deposicionais inerentes ao sítio e aos enterramentos. É diante desse fato que essa variável se apresenta como a mais difícil de ser percebida.

Poucos foram os sítios analisados onde conseguimos os dados imagéticos (fotos, croquis e desenhos) ou os dados topográficos que fossem possíveis identificar a situação do adorno corporal em relação ao indivíduo. No sítio Pedra do Alexandre, através dos desenhos e dados georreferenciados, foram observados indivíduos utilizando adornos de pulso e de pescoço. Na Figura 63, que se encontra em melhor qualidade, é possível visualizar as contas ao redor do pescoço do indivíduo 8.

Figura 63 – Enterramento 8 do Sítio Pedra do Alexandre com presença em vermelho de contas de colar representando um adorno de pescoço

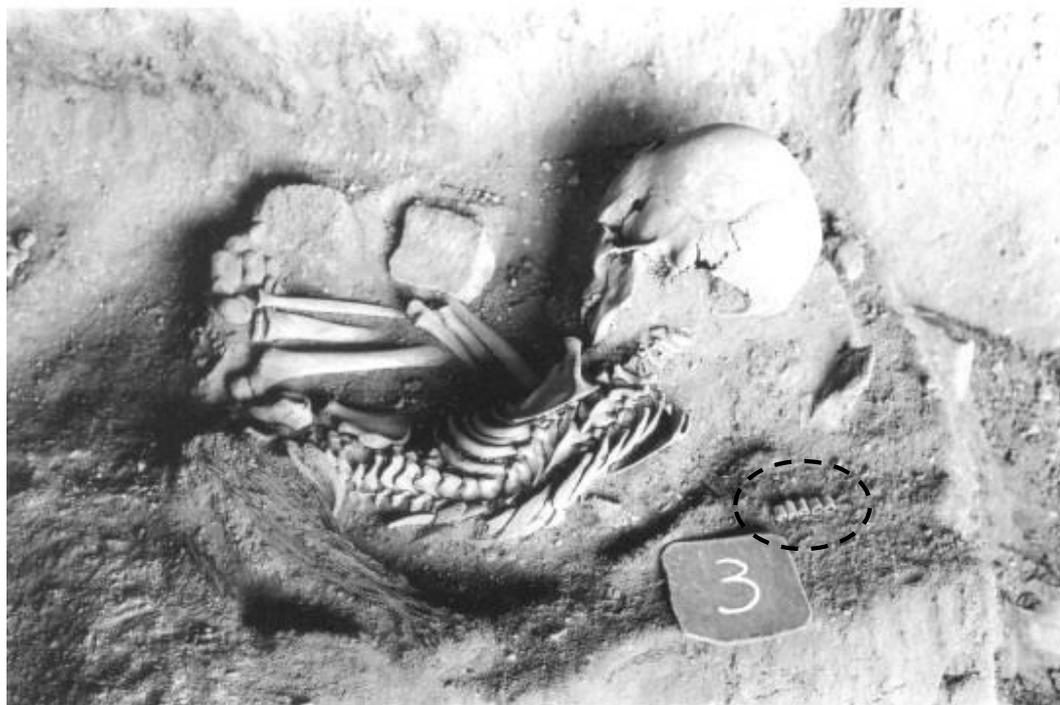


Fonte: adaptado de Santos Junior (2013)

Sobre o sítio Furna do Estrago, Lima *et al.* (2012) apresentam um compilado de fotografias que aconteceram durante a escavação do Sítio em 1987. As fotografias retratam algumas vistas do abrigo sob rocha, as escavações e alguns dos enterramentos inumados. Em destaque, temos o enterramento 87.23, que apresenta ao lado do indivíduo cinco contas de ossos. Diante da disposição lado a lado que as contas se encontram (

Figura 64), possivelmente, sua situação foi alterada no momento da escavação, de modo que não é possível discernir seu uso no indivíduo.

Figura 64 – Enterramento 87.3 com indicação das contas de ossos na lateral da foto



Fonte: Lima *et al.* (2012)

No Sítio Toca do Alto do Capim, Cunha (2012) descreve a localização dos adornos que se encontravam associados ao indivíduo infantil. A autora assinala que foram recuperados um colar de dentes de roedores e um dente de felino na região do tórax (Figura 65 e Figura 66) e ossos de ave sobre o crânio, além de um pingente de osso de animal.

Figura 65 – Dentes de roedores e de felino identificado no tórax de um enterramento infantil no Sítio Toca do Alto do Capim



Fonte: Acervo imagético da Fumdhm

Figura 66 – Localização dos adornos no tórax do Sítio Toca do Alto do Capim



Fonte: acervo imagético da Fumdhm

No sítio Toca do Enoque, foi possível realizar a indicação quanto à situação de alguns esqueletos, tais como: no Indivíduo 2, de acordo com Luz (2014), foi visto, na altura do

pescoço, um colar de ossos trabalhados, constituído de ossos e dentes de animais, bem como conchas bivalve perfuradas (Figura 67); o indivíduo 9 apresenta, no pescoço, um colar de dentes e ossos de animais (Figura 68) e algumas contas de ossos. Foram observadas, também, contas na altura da pelve na qual a mão da criança estaria posicionada, o que significa que, provavelmente, além do colar, esse indivíduo infantil ainda estaria com uma pulseira.

Figura 67 – Detalhe da localização dos adornos na região do pescoço no indivíduo 2, Toca do Enoque (à esquerda)

Figura 68 – Localização dos adornos na região do pescoço do indivíduo 9, Toca do Enoque (à direita)



Fonte: acervo imagético da Fumdhm



Fonte: acervo imagético da Fumdhm

Os indivíduos 4 e 5 eram duas crianças que estavam face a face, ambas com adornos feitos de pingentes de dentes e ossos de animais na altura do pescoço (Figura 69). O indivíduo 6 tratava-se, por sua vez, de um recém-nascido que possuía, no pescoço, um adorno composto de ossos e dentes grandes e pequenos de animais, além de ossos longos de animais e um colar de contas feitas de sementes. O indivíduo 10, que, provavelmente, foi enterrado junto com o 6 (Figura 70), possuía um colar de dentes pequenos de animais e algumas contas de sementes também na região do pescoço.

Figura 69 – Situação dos adornos nos indivíduos 4 e 5, Toca do Enoque



Fonte: acervo imagético da Fumdam

Figura 70 – Situação dos adornos nos indivíduos 6 e 10, Toca do Enoque



Fonte: acervo imagético da Fumdam

Não foi possível realizar análises mais aprofundadas em relação à variável uso. Entretanto, o que foi apresentado já demonstra, mesmo de forma preliminar, que os adornos de pescoço são os mais frequentemente observados.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou os adornos corporais presentes em ocupações pré-históricas de sítios do Nordeste, buscando verificar quais seriam os tipos identificados em contexto funerário e se esses adornos diferenciavam sexual e socialmente os indivíduos dos grupos. Essa perspectiva é defendida por entendermos esses objetos como símbolos que carregam informações capazes de criar elos de identidade, de modo que, quando um indivíduo identifica no outro o mesmo ornamento, é capaz, também, de identificar etnias comuns. Além disso, os adornos têm o papel de distinguir os indivíduos quanto a sua idade, *status*, entre outros.

A pesquisa teve por objetivo caracterizar os adornos corporais identificados em contextos funerários e pré-históricos, investigando características sobre a tecnologia, o uso e a função. Tivemos, ademais, como intuito estimar dados demográficos de sexo e idade dos indivíduos que possuíam adornos, relacionando os contextos ambientais, arqueológicos e cronológicos com o tempo de duração dos adornos.

A partir dessas concepções, esta dissertação apresentou como primeira hipótese que os tipos de adornos mais observados no registro arqueológico seriam os que possuem matéria-prima mais resistente aos processos de decomposição, que se preserva no contexto arqueológico, de modo que sítios mais recentes teriam maior variabilidade de tipos e matérias-primas, devido ao material ainda estar conservado. Como segunda hipótese, considera-se que os adornos seriam indicadores relevantes para distinguir os indivíduos a partir do sexo, idade e *status* social.

Durante a construção desse trabalho, foram percebidas algumas situações limitantes, que restringiram informações pertinentes à pesquisa, como a ausência de registros ou imprecisões de informações. Diante desse fato, reforça-se a necessidade de pormenorizar os dados do contexto arqueológico, de maneira mais específica do contexto funerário, alocando sempre os adornos corporais e os outros artefatos que, porventura, estejam associados entre si dentro da documentação.

Extraíndo as limitações e baseado nos questionamentos levantados na problemática e a partir da análise realizada nesta pesquisa, foi possível chegar a algumas proposições.

A hipótese sobre a maior variabilidade tipológica e de matéria-prima dos adornos em enterramentos mais recentes é válida. Os tipos desse material mais frequentemente identificados no registro arqueológico são as contas e pingentes, que formam adornos de pescoço e, por vezes, de pulso. Percebeu-se que contas e pingente tendem a ter maior variabilidade de matérias-primas em sítios mais recentes, provavelmente em razão do tempo de

vida dos materiais utilizados, que permitem que sítios com datações de até 2.000 anos BP apresentem adornos fabricados em madeira, por exemplo.

A partir dos dados cronológicos publicados, foi possível definir, de modo preliminar, que sítios com datações recuadas, cerca de 8.000 e 7.000 anos BP, possuem, com maior frequência, adornos feitos de ossos, dentes e conchas. Por volta dos 6.000 anos BP, observa-se maior variedade de matérias-primas em sua produção, com a inclusão de diversas espécies de sementes e o uso de madeira como ornamentação. Tais materialidades e, muito provavelmente, as penas também devem ter sido utilizadas por grupos pré-históricos anteriores aos 6.000 anos BP, e hoje não são mais observadas ou aparecem em menor escala no registro arqueológico.

Com relação aos adornos cujas matérias-primas constituem-se de minerais e rochas, nos sítios pré-históricos analisados, eles surgem em pequenas quantidades, por volta dos 8.000 anos BP, e depois voltam a aparecer entre 2.000 e 1.000 anos BP. Esperava-se que, por serem produzidos a partir de matéria-prima com maior longevidade e dureza, fossem verificados com maior recorrência durante as ocupações pré-históricas, fato que não ocorreu na amostra analisada. Assim, pode ser levantada a hipótese de que a fabricação dos adornos em que a materialidade precise ser trabalhada sob maior gasto energético, possivelmente, esteja destinada a uma parcela menor de indivíduos dentro do grupo, por isso não é vista com recorrência.

A hipótese do problema 2 partia da premissa de que os adornos corporais são indicadores de distinções sociais, como as classes de idade e sexo. As classes de idade e sexo são elementos do perfil biológico, o status social pode estar relacionado ou não a essas classes de idade e sexo. A diferenciação sexual é complexa e pode ser refletida de diversas maneiras dentro dos subsistemas culturais de uma sociedade. Possivelmente, em contexto funerário, os adornos trabalhados durante a pesquisa não apresentem em uma primeira observação, uma exclusividade para um ou outro sexo biológico. As espécies de animais utilizadas, tamanho, cor, número de adornos, peso, podem ser indicadores invisíveis de distinção social pelo sexo biológico.

Os pingentes de ossos de *Mazama* identificados no sítio Toca do Enoque, também foi percebida similarmente nos sítios Pedra do Alexandre, Justino e Furna do Estrago. No sítio Pedra do Alexandre, observa-se contas de valvas de moluscos (*Olivella Nívea*), bem como no Sítio Furna do Estrago, possivelmente compondo colares. Esses gastrópodes são verificados em áreas de praias arenosas, na planície litorânea. Os adornos corporais, para além do sexo e da idade, podem indicar trocas, contatos, inferir relações sociais, parentesco, ancestralidade, especificidades individuais relacionadas a práticas dentro da sociedade.

Os tembetás, mencionados em alguns relatos etnográficos como adornos labiais destinados aos indivíduos masculinos, foram identificados como associados também a indivíduos femininos, além de contas de amazonita, que, teoricamente, seriam destinadas a indivíduos masculinos devido ao tamanho. A materialidade pouco recorrente nas proximidades da área do sítio também estava associada a indivíduos femininos. Isso nos leva a pensar que o uso dos adornos estaria mais relacionado às classes de idade e aos indivíduos que, de alguma forma, obtiveram maior destaque dentro das relações sociais.

Sobre as contas que situam o Sítio Justino também como um sítio de contato ou pré-contato, buscou-se realizar, durante este trabalho, análises que confirmassem, assim como fez Silva (2017), a materialidade delas como material vítreo. Todavia, não obtivemos resultados satisfatórios por causa do curto tempo da investigação. Os enterramentos e os adornos com essas configurações não foram trabalhados durante a pesquisa, mas foram discutidos; isso pode ser visto nos indivíduos infantis 138 e 140, que, provavelmente, possuíam função social singular, diante do quantitativo de contas de vidro presentes em seus corpos e, sobretudo, da existência dos tembetás associados aos únicos indivíduos infantis exumados até o momento.

A ausência de dados imagéticos de alguns sítios impossibilitou uma discussão mais abrangente sobre o uso/situação dos adornos corporais nos indivíduos, de modo que não se esgotou a bibliografia a respeito desse assunto.

Dentro do que foi apresentado, foram alcançados os objetivos e as hipóteses propostos. Como visto acima, puderam ser contrastados, discutindo, assim, a problemática. Ao caracterizar os adornos corporais, se espera fornecer uma contribuição para o contexto tipológico de usos e funções desses materiais nos enterramentos pré-históricos do Nordeste do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. *O homem nos terraços de Xingó*. Caderno de Arqueologia, Documento 6, UFS/PAX/PETROBRAS/CHESF, Universidade Federal de Sergipe, 1997.
- ADOVASIO, James. *Basketry Technology: a guide to identification and analysis*. 2. ed. Chigago: Left Coast Press, 2010.
- AGUIAR, Alice. A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. *Clio Série Arqueológica*, Recife, n. 8, p. 7-98, 1986.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Velda. Caçadores-coletores no Agreste pernambucano: ocupação e ambiente holocênico. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 4, p. 73-74, 1991.
- ALVIM, Marília Carvalho de Mello e. O grupo pré-histórico da Furna do Estrago e suas relações biológicas com outras populações pré-históricas e atuais do Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 4, p. 81-83, 1991.
- ALVIM, Marília Carvalho Mello e; UCHÔA, Dorath Pinto; SILVA, Sérgio Monteiro da. Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 11, p. 17-42, 1995/1996.
- AMARAL, Marília Perazzo Valadares. *Os sítios de registro rupestre em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. 172f.
- ANDRÉ, Lino. Análise das técnicas de perfuração e evidências de uso dos adornos da “Vala” (Cabeço da Amoreira, Muge). *Revista Cultural do Conselho de Salvaterra de Magos*, Salvaterra de Magos, n. 3, p. 3-24, 2016.
- ARISI, Bárbara Maisonnave. *Matis e Korubo: contato e índios isolados - Relações entre povos no Vale do Javari, Amazônia*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. 149f.
- AUFDERHEIDE, Artur C.; RODRÍGUEZ-MARTÍN, Conrado. *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. 2. ed: Cambridge University Press, 2006, 492f.
- BALDUS, Hebert. *Ensaio de Etnologia brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional/INL/MEC, 1937.
- BARBOSA, Ricardo José Neves. *As pinturas rupestres da Área Arqueológica Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco: Estudos das fronteiras gráficas de passagem*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. 177f.
- BENUTTI, Maria Antonia. Adornos e joias: materiais, ferramentas e técnicas de confecção através dos tempos. In: *World Congress on Communication and Arts*, n. 10, 2017, Salvador, p. 42-47.

BINANT, Pascale. *La prehistoire de la Mort. Les premiers sépultures en Europe*. Paris: Editions Errance, 1991.

BINFORD, Lewis Roberts. Mortuary Practices: Their Study and Their Potential. In: BROWN, James A. (ed.). *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices. Memoir of the Society for American Archaeology*. New York: 1971, p. 6-29.

BORGES, Fabio Mafra. *Os Sítios Arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil*. 2010. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2010. 235f.

BUIKSTRA, Jane. E.; UBELAKER, Douglas H. *Standards for data collection from human skeletal remains*. Indianapolis: Westem Company, 1994.

BUTTO, Ana; FIORE, Danae. Adornos corporales y género en las fotografías etnográficas de Yámana/Yagán. *Universitas*, Cuenca, ano 15, n. 27, p. 67-92, 2017.

CALDERÓN, Valentin. Nota Prévia sobre Arqueologia das Regiões Central e Sudoeste do Estado da Bahia. *Museu Paraense Emílio Goeldi*, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, Belém, 1969.

CARDIN, Fernando. *Tratado da terra e gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

CARDOSO, Ana Claudia Dias. *A joia como complemento da moda*. 2010. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010. 201f.

CARVALHO, Olivia Alexandre de; OLIVEIRA, Claudia. Sítio Jerimum, Xingó, Brasil: Primeira abordagem paleontropológica. *Canindé*, Xingó, v. 2, p. 103-118, 2002.

CARVALHO, Olívia Alexandre de. *Bioanthopologie des nécropoles de Justino et de São José II, Xingó, Brésil. Aracaju*. Museu de Arqueologia de Xingó, 2007.

CASAL, Manuel Aires de. *Corografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiara, 1976.

CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. *Marcadores de Identidades Coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. 310f.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

CAVALCANTE, Arnóbio. Jardins suspensos do Sertão. *Scientific American-Brasil*, São Paulo, ano 3, n. 32, jan. 2005.

CHAVES, Sérgio. História das Caatingas: a reconstituição paleoambiental da região arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara através da Palinologia. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato, v. 2, n. 2, p. 85-103, 2002.

CISNEIROS, Daniela. *Práticas funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 161f.

CISNEIROS, Daniela. *Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara-PI*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. 322f.

CODINA, Carles. *A joalheria*. Barcelona: Estampa, 2000.

CORREIA, Ângelo Alves. Cadeias operatórias Tupi. *Habitus*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 221-238, 2011.

COSTA, Rodrigo Lessa; LIMA, Tania Andrade. A arte e a técnica de trançar na pré-história de Pernambuco: a cestaria dos sítios Alcobaça e Furna do Estrago. *Clio Arqueológica*, v. 31, n. 2, p. 102-152, 2016.

CUNHA, Manuela C. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Kraho*. São Paulo: Hucitec, 1978.

CUNHA, Eugénia. *Relatório antropológico de 15 esqueletos*. Região do Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil [cedido pela FUMDHAM], 2012.

D'AGOSTINO Bruno; SCHNAPP Alain. Les morts entre l'objet et l'image. In: GNOLI, G.; VERNANT, J. P. (Eds.). *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press/Paris: Eds de la Maison des Sciences de L'Homme, 1982.

D'ERRICO, Francesco *et al.* Nassarius kraussianus shell beads from Blombos Cave: evidence for symbolic behaviour in the Middle Stone Age. *Journal Of Human Evolution*, Amsterdã, v. 48, n. 1, p. 3-24, jan. 2005.

D'EVREUX, Ivo. *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614*. São Paulo: Editora Siciliano, 1874.

DÍAZ-ANDREU, Margarita; LUCY, Sam. Introduction. In: DÍAZ-ANDREU, M. *et al.* *The Archaeology of identity*. New York: Routledge, 2005, p. 1-12.

DUBIN, Lois Sherr. *The History of Beads from 30.000 B.C. To the Present*. New York: Abrams, 1987.

EHRENREICH, Paul. *Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX*. Espírito Santo: GSA Gráfica e Editora, 2014.

ETCHEVARNE, Carlos. Ambiente e ocupação humana em uma região do sub-médio do São Francisco, Bahia. *Clio Arqueológica*, Recife, n. 15, p. 61-88, 2002.

FAGUNDES, Marcelo. *Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 660f.

FAGUNDES, Marcelo. Análise intra-sítio do sítio Justino, Baixo São Francisco - as fases ocupacionais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 68-97, 2010.

FALCI, Catarina Guzzo; RODET, Maria Jacqueline. Adornos corporais em Carajás: a produção de contas líticas em uma perspectiva regional. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.*, Belém, v. 11, n. 2, p. 481-503, mai./ago. 2016.

FARBIARZ, Alexandre; FARBIARZ, Jackeline Lima; NOJIMA, Vera Lucia dos Santos. Os quatro ventos da comunicação. In: COELHO, L. A. L. (Org.). *Design método*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Teresópolis, 2006, p. 64-86.

FAURE, Martine; GUÉRIN, Claude; LUZ, Maria de Fátima da. O material funerário das sepulturas pré-históricas da Toca do Enoque. *Clio arqueológica*, Recife, v. 26, n. 2. 2011.

FELICE, Gisele Daltrini. As escavações da Toca do Alto da Serra do Capim. Resultados Preliminares [cedido pela FUMDHAM]. 2010.

FERNANDES, João Azevedo. Cauinagens e bebedeiras: os índios e o álcool na história do Brasil, *Revista Antropológicas*, Recife, v. 13, n. 6, p. 39-59, 2002.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Pequenas variações dos sepultamentos da tradição Aratu na Bahia. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*, Ilhéus, v. 17, n. 30, p. 151-172, 2017.

FERNÁNDEZ, Esteban Álvarez. *Los objetos de adorno – colgantes del Paleolítico superior e del Mesolítico em la Cornisa Cantábrica y en el Valle del Ebro: una visión europea*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.

FERNÁNDEZ, Mabel; RAMOS, Mariano. Hallazgos especiales del Sitio Casa de Piedra de Ortega, Provincia de Río Negro. *Anales de Arqueología y Etnología*, Mendoza, n. 61-62, p. 147-164, 2007.

FERNÁNDEZ, Esteban Álvarez. Los colgantes de los grupos de cazadores recolectores en Europa: las materias primas y sus fuentes de aprovisionamiento: las materias primas y sus fuentes de aprovisionamiento. *Prehistoria En 4 Actos*, Madrid, p. 1-17, 2008.

FONTES, Mauro Alexandre Farias. *A cerâmica pré-histórica da Área Arqueológica do Seridó/RN*. 2003. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 145f.

GAMBIM JUNIOR, Avelino *et al.* Adornos, contas e pingentes na Foz do Rio Amazonas: estudo de caso do Sítio Curiaú Mirim I. *Amazôn.*, *Rev. Antropol.*, Pará, v. 10, n. 2, p. 638-673, 2018.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. USP, 1980.

GASSÓN, Rafael. Quirípa and Mostacillas: The Evolution of Shell Beads as a Medium of Exchange in Northern South America. *Ethnohistory*, Durham, v. 47, n. 3-4, p. 581-609, jul. 2000.

GARCIA, Anderson Marques. *As cadeias operatórias de uma indústria tecnológica lítica: Sítio Arqueológico pt-02 (Cerrito da Sotéia)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

GOMES, Gilmara Cantanhede. *Entre fibras e tranças, a morte descansa: morte, ritual e fibras trançadas como indicadores culturais em sepultamentos indígenas*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Conservação da Arte Rupestre) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alberto Orellana; LISBÔA, Maria da Graça Portela. O Adorno Como Objeto Simbólico de um Habitus de Classe. *In: Congresso Brasileiro de ciências da comunicação*, Recife, p. 1-9, 2011.

GRAEBER, David. *Toward an Anthropological Theory of Value: The false coin of our own dreams*. New York: Palgrave, 2001.

GUÉRIN, Claude *et al.* A fauna pleistocênica do Piauí (Nordeste do Brasil): Relações paleoecológicas e biocronológicas. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato, v. 1, n. 1, p. 259-336, 1996.

GUIDON, Niède. Contribuição ao estudo da paleografia da área do Parque Nacional Serra da Capivara. *Clio arqueológica*, Recife, v. 1, n. 13, p. 187-198, 2002.

GUIDON, Niède; LUZ, Maria de Fátima da. Sepultamentos na Toca do Enoque (Serra das Confusões - Piauí). *Fundamentos*, São Raimundo Nonato, n. 8, p. 116-123, 2009.

GUIMARÃES, Marcia Segal Barbosa *et al.* O conceito de Loungue Durée e a percepção de mudança cultural em sociedades igualitárias: o caso da sociedade Sambaquiiana. *Revista do Museu de arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 15-16, p. 445-448, 2005/2006.

HODDER, Ian. *Interpretación em Arqueologia: Corrientes Actuales*. Barcelona: Crítica, 1994.

KLEIN, Richard; EDGAR, Blake (col.). *O despertar da cultura: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

KLOKER, Daniela. Adornos em concha do sítio Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Farias. *Revista de Arqueologia*, v. 27, n. 2, p. 150-169, 2014.

KUHN, Steven. *et al.* Ornaments of the Earliest Upper Paleolithic: New Insights from the Levant. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, Salt Lake, v. 98, n.13, p.7641–7646. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.121590798>.

LAGROU, Els (org). *No caminho da miçanga: um mundo que se faz de contas*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2016.

LEITE, Marinete Neves; CASTRO, Viviane Cavalcanti; CISNEIROS, Daniela. Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: Reflexões sobre o lugar dos mortos. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato, v. 11, p. 50-64, 2014.

LEMONNIER, Pierre. The study of material culture today: Toward an anthropology of technical systems. *Journal Of Anthropological Archaeology*, v. 5, n. 2, p. 147-186, 1986.

LEROI-GOURHAN, Aandré. *O gesto e a palavra 2: memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1965.

LEROI-GOURHAN, André. *La Préhistoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

LEROI-GOURHAN, André. *Os caçadores da pré-história*. Lisboa: Edições 70, 1983.

LERY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1961.

LIMA, Jeannette M. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco*. 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985. 143f.

LIMA, Jeannette Maria Dias de *et al.* A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE. *Pesquisas: Antropologia*, Rio Grande do Sul, n. 69, p. 5-140, 2012.

LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues de. *Sobre morte e gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. 197f.

LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues de *et al.* O Sítio Cemitério Furna dos Ossos em Santana dos Matos- RN: estudos preliminares dos restos osteológicos humanos encontrados em superfície. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 23, n. 2, p. 17-47, 2017.

LIMA, Alessandro Luís Lopes de; SALUM, Marta Heloísa Leuba. As contas de vidro em contextos arqueológicos e a importância das coleções de etnologia africana e afro-brasileira do MAE/USP para estes estudos. *Revista de Arqueologia Pública*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 3-17, 2017.

LODY, Raul. *Jóias do axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

LOCK, Andrew; SYMES, Kim. Social relations, communication and cognition. *In: LOCK, A.; PETERS, C. R. (Eds.). Handbook of Human Symbolic Evolution*. [S.I]: Clarendon Press Oxford, 1996.

LUFT, Vlademir J. *A Pedra do Tubarão: um sítio da Tradição Agreste em Pernambuco*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

LULL, Vicente. *La cultura de el Argar: um modelo para el estudio de las formaciones económicas-sociales en la pré-história*. Madrid: Akal, 1983.

LUNA, Suelly. As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Nordeste do Brasil. *Canindé*, Xingó, n. 8, p. 167-201, 2006.

LUNA, Suely. *Os grupos ceramistas pré-históricos do Baixo São Francisco*. *Clio arqueológica*, Recife, v. 2, n. 19, p. 79-103, 2005.

LUZ, Maria de Fátima da. *Práticas funerárias na Área Arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. 263f.

MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 5. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

MARTIN, Gabriela; MEDEIROS, Elisabeth; PESSIS, Anne-Marie. Salvamento arqueológico no sítio Baixio dos Lopes, Brejo Santo – CE: um sítio com cerâmica Tupiguarani da Subtradição policrômica. *Clio arqueológica*, Recife, v. 31, n. 1, p. 10-25, 2016.

MARTÍNEZ, Susana Victoria Martínez. *Os adornos em concha do Paleolítico superior da região de Murcia (Espanha)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade do Alagarve, Portugal, 2015.

MARTÍNEZ, Josefina Bautista. Huellas de alteraciones culturales em el hombre prehispanico. *Canindé*, Xingó, n. 3, p. 37-58, 2003.

MAYER, Daniella E. Bar-yosef. Towards a typology of stone beads in the Neolithic Levant. *Journal of Field Archaeology*, Massachusetts, n. 2, p. 129-142, 2013.

MAYOR, Begoña Soler; BENITO, Josep Luís Pascual. Mujeres, hombres y objetos de adorno. In: ROSADO, H. B. (Org). *Las Mujeres en la prehistoria*. Valência: Museu de Prehistoria de Valência, 2006, p. 63-78.

MELATTI, Delvair Montagner. Simbolismo dos adornos corporais Marúbo. *Revista do Museu de Paulista*, São Paulo, v.31, p. 7- 41, 1986.

MIGUEL, Isabel Rubio de. La función social del adorno personal en el neolítico de la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, Madrid, n. 20, p. 27-58, 1993.

MOTA, Leidiana Alves da. *Paleoambiente e arqueologia no Nordeste do Brasil: uma proposta de estudo antracológico no Boqueirão da Pedra Furada (Piauí-Brasil)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de Trás-os-Montes e Auto Douro, Vila Real, 2012.

MULLER, Regina. Ornamentação corporal Xavante: código simbólico e expressão artística. In: Funarte, Instituto Nacional de Artes Plásticas (Org). *A arte e seus materiais: arte e corpo, pinturas sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro: FUNARTE, INAP, 1985, p. 58.

MUTZENBERG, Demétrio da Silva. *Gênero e ocupação pré-histórica do sítio arqueológico Pedra do Alexandre: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do Vale do*

Rio Carnaúba-RN. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

NASCIMENTO, Ana; ALVES, Claudia; LUNA, Suely. Levantamento arqueológico da bacia sedimentar do Jatobá - PE. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 109-116, 1994.

NASCIMENTO, Ana; ALVES, Claudia; LUNA, Suely. O sítio arqueológico de Alcobaça, Buíque: primeiros resultados. *Clio arqueológica*. Recife, n. 11, p. 87-98, 1995/1996.

NAVASCUÉS, Juan Javier Enríquez. Los objetos de adorno personal de la Prehistoria de Navarra. *Trabajos de Arqueología Navarra*, Espanha, n. 2, p. 157-202, 1982.

NOGUEIRA, Mônica; BORGES, Fábio Mafra. Levantamento de Sítios Arqueológicos a Céu Aberto Na Área Arqueológica do Seridó – Rio Grande do Norte – Brasil. *Mneme - Revista de Humanidades*, Caicó, v. 15, n. 35, p. 244-259, 2015.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo: Imagens da refiguração do mundo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 283-315, 2006.

OEI, Loan. *Pracht en Kraal: Van madonna tot de Masai*. Amsterdam: Stichting Lm Publishers, 2006.

OLIVEIRA, Ana Lucia do Nascimento. O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no Vale do Catimbau-Buíque-PE. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 2, n. 21, p. 05-39, 2006.

OLIVEIRA, Claudia Alves *et al.* *Grupos pré-históricos do Sítio Jerimum, região de Xingó – Canindé de São Francisco, SE*. Aracaju: MAX, 2005.

PEIRANO, Mariza. A análise antropológica dos rituais. In: PEIRANO, M. G. S. (Org.). *O Dito e o Feito: ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 17-40.

PEREZ, Samuel Astete. *Ecologia da onça pintada nos Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões, Piauí*. 2008. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PESSIS, Anna-Marie. *Imagens da pré-história*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM/Petrobras, 2003.

PINTO, Estevão. *Etnologia Brasileira: Fulniô, os últimos tapuias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

POVEDA, Monica Oliva. Los adornos, producto de intercambio de ideas, materias y tecnología. Contactos e influencias entre las comunidades prehistoricas en el Noreste Peninsular entre el VI-IV Milenos ane. *Rubricatum*, Barcelona, n. 5, p. 257-264, 2012.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, André. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, ossos, cera, fibras vegetais e calcita). In: OLIVEIRA, R. (Org.).

*Arqueologia do Vale do Rio Peruaçu e adjacências – Minas Gerais*. Belo Horizonte: [S.I.], 2009, p. 369-412.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019.

PROUS, André. *Os Moluscos e a Arqueologia Brasileira*. In: Arquivos do Museu de História Natural. Universidade Federal de Minas Gerais, 1986/1990, p. 241-300, vol. 11.

QUEIROZ, Albérico Nogueira de; CARDOSO, Glória Maria Brito. Nota Prévia sobre a Fauna Holocênica de Vertebrados do Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, n. 11, p. 137-140, 1996.

QUEIROZ, Albérico Nogueira de. Fauna de vertebrados do sítio Arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN: uma abordagem zooarqueológica e tafonômica. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 15, p. 267-282, 2002.

QUEIROZ, Albérico *et al.* Os adornos em osso de mazama na sepultura 118, Cemitério b: Sítio Arqueológico Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 33, n. 1, p. 10-25, 2018.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueología, Teoría, Métodos y Practica*. Madrid: Akal, 2007.

RIBEIRO, Berta. Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. In: *8º Encontro Anual ANPOCS*. São Paulo: CNPQ, 1984, p. 1-35.

RIBEIRO, Berta. Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil. In: RIBEIRO, B. G. *et al.* (Orgs.). *Suma Etnológica Brasileira*. São Paulo: Editora Vozes, 1987, p. 189-226.

RIBEIRO, Berta. A linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, B. G. *et al.* (Orgs.). *Suma Etnológica Brasileira*. São Paulo: Editora Vozes, 1987, p. 15-27.

RIBEIRO, Berta G. *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RIBEIRO, Adauto. *Dinâmica paleoambiental da vegetação e clima durante o Quaternário tardio em domínios da mata atlântica, brejo do semiárido e cerrado nordestinos, utilizando isótopos do carbono da matéria orgânica do solo e das plantas*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

ROCHA, Silvia Carla Sarti; BENUTTI, Maria Antonia; MENEZES, Marizilda dos Santos. Adornos contemporâneos: seus significados no âmbito da joia, bijuteria e ornamento corporal. *Revista Moda Palavra E-periódico*, Florianópolis, ano 9, p. 140-157, out. 2015.

ROCHA, Jacionira. As Tradições Funerárias no Vale do Médio São Francisco. *Clio Série Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 4, p. 150-152, 1991.

RODES, Concepcion Papi. Los elementos de adorno-colgantes em el paleolítico Superior y epipaleolítico: pautas para su estudio tecnológico. *Trabajos de prehistoria*, Madrid, n. 46, p. 47- 63, 1989.

SALADINO, Alejandra. A Morte enfeitada. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 255-257, 2017.

SALDANHA, Rafael Sebastian Medeiros. *Riacho das Relíquias: contribuição aos estudos de sítios a céu aberto em Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil*. 2014. Mestrado (Dissertação em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. 123f.

SALVAN, Andreia; PAGNAN, Caroline. Signos étnicos na Moda no Século XXI: Manifestações culturais pré-colombianas na criação de produtos atemporais. *Revista Moda Palavra*, Florianópolis, ano 9, n. 18, p. 42-56, dez. 2016.

SANTANA, Alquizia Dorcas Dantas de. *Datação por radiocarbono – AMS do Sítio Arqueológico Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. 2013. Dissertação (Mestrado em Geociência) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SANTOS, Adelson. Alterações pós-mortem em esqueletos pré-históricos: contribuições à análise tafonômica de restos esqueléticos humanos do sítio Alcobaça, Buíque-PE, Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, n. 14, p. 87-98, 2000.

SANTOS, Adelson. *Paleopatologia do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas-RN. Brasil. Avaliação epistemológica, radiológica e histopatológica*. 1997. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

SANTOS, Claristella A. *Relatório do projeto “O patrimônio arqueológico pré-histórico no Agreste pernambucano: fronteiras de valorização”*. Recife, 2007.

SANTOS JUNIOR, Wellington Gomes dos. *Enterramentos Pré-históricos do Sítio Pedra do Alexandre, na Área Arqueológica do Seridó – RN*. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Monografia em Arqueologia) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2013.

SALVADOR, Frei Vicente de. *História do Brasil*. Bahia: [s.i], 1627.

SAXE, Arthur Alan. *Social dimensions of mortuary practices*. PhD dissertation - Department of Anthropology, University of Michigan, 1970.

SCHIFFER, Michael Brian. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*. v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Um grande sítio do Agreste pernambucano de volta à Furna do Estrago. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 29, n. 2, p. 31-56, 2014.

SEEGER, Anthony; MATTA, Roberto da; CASTRO, Eduardo Viveiro de. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas*, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto, 1979.

SENE, Glaucia Malerba. Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do Noroeste de Minas Gerais. *Canindé*, Xingó, n. 3, p. 105-134, 2003.

SILLAR, Bill. *Shaping culture: marking and constructing household. An Ethoarchaeological study of pottery production trade and use in the Andes*. Oxford: BAR International Series 883, 2000.

SILVA, Jacionira Coêlho. *Arqueologia no médio do São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 460f.

SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. *Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 408f.

SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 15-16, p. 113-138, 2005/2006.

SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. *Arqueologia funerária: corpo, cultura e sociedade*. Ensaio sobre a interdisciplinaridade arqueológica no estudo das práticas mortuárias. Recife: PROEXT-UFPE & Ed, 2014.

SILVA, Jaciara Andrade. *O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013. 119f.

SILVA, Jaciara Andrade; CARVALHO, Olívia Alexandre de; QUEIROZ, Albérico Nogueira. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: Arqueologia dos Adornos. *Clio Arqueológica*, v. 29, n. 1, p. 45-82, 2014.

SILVA, Jaciara Andrade. *Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: Adornos em sepulturas humanas do Sítio Justino/SE, como evidência do contato Nativo Americano/Europeu*. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. 202f.

SILVA, Lucas Braga da; FONTES, Mauro Alexandre Farias. Queimaram os ossos na Toca do Alto do Capim. *Cadernos do Lepaarq*, Alagoas, v. 11, n. 22, p. 100-122, 2014.

SILVA, Rayanne Aguiar Pimentel e. *Acompanhamentos Funerários como marcadores culturais do sítio pré-histórico Furna do Estrago-PE*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. 76f.

SILVA, Rosyane Maria da. *Iqhiya: um olhar sobre o significado do uso de Turbantes por mulheres negras*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Projetos culturais e Eventos) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 47f.

- SIMÃO, José Alexandre, *et al.* Extração e caracterização de fibras de taboa (*Typha domingensis*) e bocaiúva (*Acrocomia aculeata*) provenientes do Pantanal. In: Anais da I Jornada Científica – Embrapa São Carlos. São Paulo, 2009, p. 104.
- SKODA, Sonia Maria de Oliveira Gonçalves. *Evolução da Arte da joalheria e a tendência da joia contemporânea brasileira*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. 230f.
- SOARES, Tatiane Maria. *Acompanhamentos funerários do Sítio Lajedo do Cruzeiro – Pocinhos/PB: Identificação e caracterização das contas de colar e pingente*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019. 55f.
- SOLARI, Ana; SILVA, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da; MELLO, Sabrina di. Estudo de caso sobre indicadores bioarqueológicos de práticas mortuárias complexas em esqueleto humano coletado no abrigo Pedra do Cachorro, Buíque, PE. *Clio arqueológica*, Recife, v.30, n.1, p. 92-119, 2015.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 9. ed. Recife: Editora Massangana, 2000.
- SOUZA, Arissana Braz Bomfim de. *Arte e identidade: adornos corporais Pataxó*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 92f.
- SOUZA, Sheila Mendonça de. Arqueologia funerária e a Furna do Estrago. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 33, n. 2, p. 44-92, 2018.
- SOUZA, Sheila Medonça de; LIMA, Jeannette Maria Dias de; CARVALHO, Olivia Alexandre de. Restos humanos calcinados: cremação em abrigo ou sepultamento de cinzas. *Revista de Arqueologia*, n. 11, p. 107-124, 1998.
- STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Ed. USP; Editora Itatiaia Ltda, 1930.
- STADEN, Hans. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens, (1548 – 1555)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2004.
- STRALIOTTO, Luiz Marcelo. *Ciclos: estudo de casos de ecodesign de joias*. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- TAINTER, Joseph A. Social inferences and mortuary practices: an experiment in numerical classification. *World Archaeology*, v. 7, p. 1-15, 1957b.
- TAVARES, Aurea Conceição Pereira. *Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: Postura das instituições religiosas africanas frente à Igreja Católica em Salvador no período escravista*. 2006. Mestrado (Dissertação em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. 137f.
- THOMAS, Luís-Vincent. *Antropologia de la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

TORRES, Ana Catarina P. Estudo dos pigmentos do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas - RN. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 11, p. 59-70, 1995/1996.

TORRES, Fernanda Soares de Miranda; PFALTZGRAFF, Pedro Augusto dos Santos. *Geodiversidade do estado de Pernambuco*: programa de geologia do Brasil levantamento da geodiversidade. Recife: CPRM, 2014.

UCHÔA, Dorath Pinto. *O Sítio Arqueológico de Piaçaguera (aspectos gerais)*. 1970. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.

UCHÔA, Dorath Pinto. *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório*: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. 1973. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de Rio Claro, Rio Claro, 1973.

ULGUIM, Priscilla Ferreira. Analysing cremated human remains from the Southern Brazilian highlands: interpreting archaeological evidence of funerary practice at mound and enclosure complexes in the Pelotas River Valley. In: THOMPSON, T. (Ed.). *The Archaeology of cremation*. Oxford: Oxbow Books, 2015, p. 173-212

VÁSQUEZ, Rosaura Yépez; PACHECO, Arturo Romano. Las malformaciones congénitas de la cabeza. Una diferencia con la modificación cefálica de tipo étnico-cultural. *Revista del Instituto de Investigaciones Antropológicas, UNAM*, México, v.42, p. 31-64, 2008.

VERGER. Pierre Fatumbi. *Orixás*: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997.

VERGNE, Cleonice. O projeto Arqueológico de Xingó, em Sergipe e Alagoas. *Clio arqueológica*, Recife, n. 11, p. 213-216, 1996.

VERGNE, Cleonice. Estruturas funerárias do Sítio Justino: distribuição no espaço e no tempo. *Canindé*, Xingó, v. 2, p. 251-273, 2002.

VERGNE, Cleonice. *Arqueologia do Baixo do São Francisco estruturas funerárias do Sítio Justino, região de Xingó, Canindé de São Francisco-Sergipe*. 2004. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIALOU, Agueda; VIALOU, Denis. Manifestações simbólicas em Santa Elina, Mato Grosso, Brasil: representações rupestres, objetos e adornos desde o Pleistoceno ao Holoceno recente. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 14, n. 2, p. 343-365, 2019.

VIDAL, Lux. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In: VIDAL, Lux (Org.). *Grafismo Indígena*: Estudos de antropologia estética. 2. ed. São Paulo: Editoria da Universidade São Paulo, 2000, p. 143-190

VIDAL, Lux; MÜLLER, Regina A. Polo. Pintura e adornos corporais. In: RIBEIRO, B. G. et al. (Org.). *Suma Etnológica Brasileira*. São Paulo: Vozes, 1987, p. 119-150

WHITE, Randall. A social and technological view of Aurignacian and Castelperronian Personal Ornaments in SW Europe. In: VALDÉS, C. V. (Org.). *El Origen del Hombre*

*moderno en el Suroeste de Europa*. Madrid: Ministerio de Educacion y Ciencia, 1993, p. 327-357.

WHITE, T. D.; BLACK, M. T.; FOLKEN, P. A. Assessment of Age, Sex, Stature, Ancestry, and Identity of the individual. In: WHITE, T. D.; BLACK, M. T.; FOLKEN, P. A. *Human Osteology*. 3<sup>a</sup>. ed. Cambridge: Elsevier Academic Press, 2012. p. 379-427.

ZUGLIANI, Giovana Mara; BENUTTI, Maria Antonia. Arte & Joia: uma análise entre as joias como objeto de arte e arte contemporânea. In: *World Congress on communication and arts*. São Paulo, 2011, p. 161-165.

ANEXO A – TABELA COM DADOS SOBRE SEXO, IDADE, NÍVEL  
ESTRATIGRÁFICO E DATAÇÃO DOS INDIVÍDUOS EXUMADOS NO SÍTIO  
FURNA DO ESTRAGO

Número do Enterramento	Idade	Sexo	Adornos	Acompanhamento Funerário	Nível	Datação
FE 1	Adulto	Masculino	20 contas de ossos de animais	-	Intermediário	-
FE 2	Adulto	Feminino	24 contas de ossos de animais, 9 contas de conchas marinhas e 62 dentes de felinos	-	Intermediário	-
FE 3	Adulto	Feminino	35 contas de ossos de animais	Esteira, redes, cordas de caroá	Intermediário	-
FE 4	Adulto	Masculino	1 pingente de osso, 3 contas de ossos de animais	-	Intermediário	-
FE 5	Adulto	Masculino	1 pingente de ossos de cervídeo e 7 contas de amazonita	-	Intermediário	-
FE 6	Adulto	Feminino	26 contas de concha	-	Intermediário	-
FE 7	Adulto	Feminino	19 contas de ossos de animais, 22 conchas marinhas e 2 pingentes	-	Intermediário	-
FE 11	Adulto	Masculino	22 contas de semente	Palhas e uma flauta de osso	Intermediário	-
FE 15	Adulto	Masculino	1 conta de amazonita e 1 pingente de osso de animal	-	Antigo	-
FE 19	Adulto	Feminino	Semente de Gindiroba	-	Não definido	-
FE 20	Adulto	Feminino	6 pingentes de silito argiloso	-	Antigo	-
FE 22	Adulto	Feminino	9 contas de conchas terrestres discoidais, 1 pingente de osso de crânio de primata,	-	Intermediário	-
FE 24	Criança	Não identificado	Contas de ossos	-	Antigo	-

FE 30	Criança	Não identificado	11 contas de ossos de ave	Cordas de caroá	Recente	-
FE 32	Adulto	Feminino	42 contas de ossos de ave	-	Recente	-
FE 34 a	Criança	Não identificado	3 contas de amazonita	-	Antigo	-
FE 36	Recém-nascido	Não identificado	2 contas de amazonita	-	Antigo	-
FE 38	Criança	Não identificado	33 contas de ossos de animais e sementes de gindiroba	-	Intermediário	-
FE 47	Adulto	Masculino	44 contas de ossos de animal	-	Antigo	-
FE 51	Adulto	Masculino	1 pingente de clavícula humana	-	Recente	-
FE 55	Criança	Não identificado	8 contas de ossos de animais	-	Intermediário	-
FE 87.1	Adulto	Masculino	10 contas de ossos de aves	-	Recente	-
FE 87.2	Criança	Não identificado	5 contas de concha de molusco marinho Olivella Nívea	Cesto sobre colchonete	Recente	-
FE 87.3	Criança	Não identificado	5 contas de ossos de ave	Colchonete com rochas	Recente	-
FE 87.4	Adulto	Masculino	1 conta de osso de animal	-	Intermediário	-
FE 87.6	Adulto	Masculino	78 contas de ossos de ave	Colchonete de palha, uma esteira simples com amarrações afastadas e uma esteira com amarrações densa e fechado. Ocre	Recente	-
FE 87.8	Adulto	Masculino	33 contas de ossos de animal, 105 contas de carapaça de molusco terrestre, sementes de Gindiroba, 12 fragmentos de vegetais	Palhas	Intermediário	-

FE 87.10	subadulto	Masculino	16 contas de osso de ave	-	Antigo	-
FE 87.11	Adulto	Masculino	76 contas de osso de ave	-	Recente	-
FE 87.12	Adulto	Não identificado	1 conta de osso de ave	-	Recente	-
FE 87.13	Adulto	Masculino	6 contas de ossos de ave, 6 contas de molusco terrestre, 23 dentes de felino e 3 contas de amazonita	-	Recente	-
FE 87.18	Adulto	Masculino	3 contas de conchas terrestres, 5 contas de ossos de ave e 3 contas de amazonita	-	Intermediário	-
FE 87.22	Criança	Não identificado	3 contas de amazonita e 22 pingentes de dentes de felino	-	Intermediário	-
FE 87.23	Adulto	Masculino	15 contas de ossos de aves, 7 contas de molusco terrestre anelada,	Palhas e cesto trançando cobrindo a cabeça	Intermediário	1730 ± 70 anos BP

Fonte: Adaptado de Lima *et al.* (2012)

ANEXO B – TABELA COM DADOS SOBRE TIPO DE ENTERRAMENTO, ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS E ENTRE ELAS OS ADORNOS E AS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS QUE ESTAVAM ASSOCIADAS AO SÍTIO TOCA DO ENOQUE

	Número do enterramento	Tipo de enterramento	Acompanhamentos funerários	
			Adornos	Estrutura funerária
Sepultura 1	Esqueleto 01	Primário	Colar com 10 contas de sementes vegetais e 2 pingentes de conchas. Na cintura ou no pulso verificam-se contas vegetais pequenas negras	Blocos de ocre
Sepultura 2	Esqueleto 02	Primário	colar com 25 pingentes em ossos de cervídeo, dois caninos de raposa, uma valva e dois fragmentos de conchas de gastrópodes	6 grandes conchas de gastrópodes e uma sínfise mandibular de queixada, também conhecido como porco selvagem. Presença de 1 lasca e 1 núcleo, e ocre.
	Esqueleto 03	Primário	Colar com 11 pingentes em ossos de cervídeo e pequenas contas vegetais negras	1 Metacarpo adulto completo de cervídeo, 1 chifre bífido de Cervídeo, 1 conjunto de placas de carapaça de tatu incrustado na argila, 3 conchas de gastrópodes terrestres e presença de ocre.
	Esqueleto 04	Primário	Colar com 13 pingentes em ossos de cervídeo; um colar com mais de 160 caninos de raposa; 7 caninos e 6 terceiros incisivos de onça vermelha; 5 caninos e 2 terceiros incisivos de jaguatirica, 1 valva, pequenas contas vegetais negras.	Fibras vegetais trançadas, blocos de ocre, quatro meias mandíbulas de ouriço e cinco chifres de cervídeo.
	Esqueleto 05	Primário	Colar com 9 caninos e 4 terceiros incisivos de jaguatirica, mais de 90 caninos	Presença de ocre

			de raposa e pequenas contas vegetais negras	
Esqueleto 06	Primário		Presença de dois colares, o primeiro composto por 2 caninos de raposa, 1 terceiro incisivo e 5 caninos de jaguatirica, 2 caninos de onça vermelha, 5 caninos de onça pintada e pequenas contas vegetais negras. Segundo colar composto por mais de 40 caninos de raposa, 1 canino de onça vermelha e pequenas onças vegetais negras. Havia também seis pingentes de ossos de aves	Blocos de ocre, 7 metacarpos ou metatarsos de cervídeo, 1 sínfise mandibular de porco do mato e 5 conchas de gastrópodes terrestres com ocre. Presença de estilhas e percutor
Esqueleto 07	Secundário		Pulseira ou cinto de contas de sementes negras	1 Metacarpo adulto completo de cervídeo e 3 conchas de gastrópodes terrestres e Presença de ocre
Esqueleto 08	Não tem informações		-	Lítico em frente à face, capim em torno do esqueleto e fragmentos de fibra trançada e Presença de ocre
Esqueleto 09	Primário		Colar com 42 pingentes de ossos de cervídeo, 80 caninos de raposa, 1 canino de onça vermelha, 9 caninos de jaguatirica, 1 pingente de placa de tartaruga grande com pequenas contas vegetais negras	Suporte de argila com incrustações de placas de tatu e blocos de ocre
Esqueleto 10	Primário		Presença de dois colares, o primeiro composto por 50 caninos de raposa e pequenas contas vegetais e o segundo colar composto por 50 caninos e 2 terceiros incisivos de raposa além de finas fibras vegetais.	Blocos de ocre, duas meias mandíbulas fragmentadas de ouriço, 2 metacarpos de cervídeo e 3 chifres. Presença de estilhas

	Esqueleto 11	Secundário	Colar com 33 caninos de raposa e 10 caninos de jaguatirica	Metacarpo adulto de cervídeo, fragmentos de ocre e conchas de gastrópodes terrestres. Presença de estilhas e ocre
	Esqueleto 12	Secundário	Colar com mais de 75 caninos de raposa, 1 canino de onça vermelha, 1 pingente em concha (Bivalve)	2 Sínfises mandibulares de porco do mato, 1 metacarpo de cervídeo e 3 conchas de gastrópode terrestre. Presença de percutor
Sepultura 3	Esqueleto 13	Secundário	1 fragmento de concha e pequenas contas vegetais negras	-

Fonte: Luz (2014)